

toda MAFALDA

QUINSO

da primeira
à última tira



martins Fontes
seu martin

toda
Mafalda
quino

Título original: TODA A MAFALDA.
Copyright © 1978, Joaquín Salvador Lavado (Quino).
Copyright © 1991, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição 1991
10ª tiragem 2008

Tradutores
ANDRÉA STAHEL M. DA SILVA
MONICA STAHEL
PEDRO LUIZ DO CARMO
MARIA THEREZA DE VASCONCELLOS LINHARES
ANTONIO DE PÁDUA DANESI
LUÍS CARLOS BORGES
LUIS LORENZO RIVERA

Revisão da tradução
Monica Stahel
Revisão gráfica
Edvaldo Ângelo Batista
Letragem
Miriam Tomi
Produção gráfica
Geraldo Alves
Arte-final
Moacir Katsumi Matsusaki

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quino
Toda a Mafalda / Quino ; [tradutores Andréa Stahel M. da Silva...
et. al.]. – São Paulo : Martins Fontes, 1993.

ISBN 85-336-0193-X

1. Histórias em quadrinhos 2. Literatura infanto-juvenil I. Título.

93-1078

CDD-741.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Histórias em quadrinhos 741.5

Todos os direitos desta edição reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3105.6993
e-mail: info@martinsfonteseditora.com.br <http://www.martinsfonteseditora.com.br>

toda **Mafalda**

os ombros altos e jogados para trás. Fisicamente, Quino é de uma fragilidade desconcertante. Tem uma cabeça de intelectual terno, o cabelo comprido e ondulado, desgrenhando-se onde a calvície o permite, o sorriso bondoso e, por trás dos óculos, um olhar que parece deslumbrado. Estamos no quarto do hotel, absolutamente aterrados por causa do ar-condicionado, que está refrigerando em vez de aquecer. Alicia mexe inutilmente em todos os dispositivos, e acaba se dando por vencida. Congelados, começamos o que pretende ser a entrevista, enquanto a mulher de Quino, com um delicadíssimo “com licença, por favor”, gruda-se ao telefone e inicia uma longa série de gestões indispensáveis. Quino faz um gesto vago, como que de resignação.

— Esse ar de felicidade e tranqüilidade que Quino nos mostra agora deve-se ao fato de ter matado Mafalda?

— Deixei de fazê-la há alguns meses e, de fato, estou mais confortável. Mais livre. São dez anos de tiras, e estava começando a me repetir. Achei mais honesto, mais sincero deixar de fazê-la.

— Em algum momento arrependeu-se de tê-la criado?

— Não, isso não. Eu a fiz com muito entusiasmo. Acontece que acabou se tornando um personagem opressivo, uma obrigação, e então deixou de ser divertido, fiquei cansado.

Digo-lhe que, no entanto, ele deve sua popularidade a Mafalda.

— Claro — ele admite —, e isso me deixava com raiva.

Confesso que para mim é difícil imaginá-lo com raiva.

— Acontece que eu fazia humorismo havia doze anos quando saiu a Mafalda. Não é que eu fosse completamente desconhecido, nem que agora as pessoas me parem na rua, mas só quando saíram os quadrinhos produziu-se o *boom*. Atualmente pode-se dizer que mais ou menos todo o mundo sabe quem é a Mafalda.

Pouco antes, na rua, vimos uma Mafalda de madeira colorida exposta na vitrina de uma loja de móveis infantis. Quino deteve-se um instante e disse: “Vejam, aí está ela.”

— A inevitável comercialização dos seus personagens o preocupa?

— Ela me desgosta mais do que me preocupa. Como você disse, é inevitável. Chega um momento em que, se a gente não conceder uma licença para a fabricação de camisetas, ou seja o que for, alguém vai fazê-lo, e aí vai ser preciso ir atrás, e toda essa história... Então não tem sentido negar. O que me aborrece é essa necessidade que as pessoas têm de comprar uma camiseta com o personagem. É um pouco triste, porque a gente nota que é puro consumismo, que este ano a Mafalda pode estar na moda e vender um montão de camisetas, e no ano que vem a moda pode mudar...

— Você ficou rico com a Mafalda?

Sorriso amplo de Quino, e negativa quase enérgica:

— Não, não. Eu, não. Se alguém ficou rico, foram os editores. Esses, sim. É como sempre: quem menos ganha é quem cria.

Sentada na beirada da cama, com a agenda no colo, Alicia continua lutando com o telefone. Digo a Quino que, vendo-os juntos, é impossível pensar neles como indivíduos isolados, é como se não pudessem existir separados.

— Eu, pelo menos, me sentiria perdido — ele admite. — São treze anos de casamento, e ela sempre resolveu tudo para mim. Assim, posso me dedicar só a desenhar. E quando acabo de fazer alguma coisa que não percebo claramente se vai agradar, até agora ela me ajudou muito, no sentido de examiná-la do ponto de vista do público.

— Por que até agora?

— Porque chegou a identificar-se tanto comigo, que acho que sua opinião está deixando de ser válida, é como se eu mesmo estivesse opinando.

Embora seu criador tenha dado dispensa à Mafalda, a pequena contestadora continua vivendo, não só nos livros, mas também em vários filmes curtos que há pouco tempo passaram a ser exibidos pela televisão latino-americana e também pela italiana. “A verdade é que são filmes tão curtos, que o espectador protesta, achando que se trata apenas de uma prévia do que vem depois. São apenas noventa segundos.”

— Está satisfeito com o que se tornaram seus personagens em desenho animado?

— Estou. O problema principal era a voz, por-



que, como todo o mundo conhece os quadri-nhos, e como cada um imagina que os perso-nagens falam de uma determinada maneira, era difícil satisfazer ao público habitual. Não é co-mo o Topo Gigio, em que imagem e som nas-ceram ao mesmo tempo; e, além disso, a voz do Gigio foi um verdadeiro achado.

— O ambiente em que se desenrolam as aven-turas da Mafalda é o mesmo em que você cres-ceu?

— É. Eu venho de uma família estritamente de classe média, e essa experiência me foi útil. Tem gente que critica a Mafalda e diz que ela é abur-guesada. Mas eu sou da opinião de que se deve descrever só o que se conhece. Não posso trans-formar a Mafalda em proletária, porque é uma classe à qual não pertenço.

Aproveitando uma pausa, Alicia se aproxima com instruções: “Fulano disse que é para tele-fonar a tal hora, temos que fazer isso e aquilo, temos que ir a tal e tal lugar.” Quino concor-da, diz que tudo bem.

— Tudo isso, viagens, popularidade, entrevis-tas... Dá a impressão de que não lhe agrada.

— É isso mesmo, não me sinto nada à vontade nessa festa. A verdade é que só me sinto bem atrás da minha prancheta, sem gente em volta.

— Você desenha diariamente? Tem dificulda-de para criar?

— Quando estou em casa, trabalho todos os dias. Mas no ano passado, com tantas viagens, não tive tempo para fazer quase nada. Mas é claro que ir a lugares novos, conhecer outras pessoas, deixa um sedimento que é útil para o futuro ... Quanto à dificuldade, sim, criar é um processo difícil para mim, é um problema pes-soal, sempre foi, com a Mafalda e com outro tipo de humor. Apago muito e implico muito.

Olha para a mulher imperceptivelmente, como que confirmando que é ela quem o suporta.

Para Quino, a idéia é mais importante do que o desenho:

— Mas, se não for apoiada por um bom dese-nho, a melhor idéia pode acabar se perdendo. Esta oposição entre texto e imagem foi um dos grandes traumas, já desde o início. Eu achava que a idéia era o primordial, e continuo achan-do, e isso me condicionava ao desenhar. Por isso o fazia tão mal.

— Não devia ser tanto.

— É sim, palavra. Ultimamente Alicia e eu an-damos vendo desenhos daquele tempo; e são pa-vorosos, não compreendo como alguém podia comprá-los. Tive a grande sorte de na época ha-ver poucos desenhistas. Além disso, fui melho-rando, porque tinha muita vocação, muita von-tade, e ia de redação em redação pedindo que me criticassem os desenhos. Depois voltava para casa e os corrigia. É isso.

— Você sempre quis ser humorista. Tropeçou em dificuldades?

— De tipo vocacional, nenhuma, porque desde pequeno estava muito claro para mim que eu ia ser ou desenhista ou nada. De modo que nun-ca tive dúvidas nem pensei em deixar o desenho para me dedicar a outra coisa. Os únicos pro-blemas foram de tipo técnico, de corrigir erros.

Quino dá a impressão de ser muito sensível, muito vulnerável, alguém capaz de desmoronar facilmente.

— Não, não — ele contesta —, pelo contrário. Não posso abater-me porque sou um amargu-rado, um pessimista. Sou uma pessoa que dra-matiza tudo, que acha que as coisas vão sem-pre acabar mal, que está sempre esperando uma VII



— Essa aí... é de confiança, não é?

Quino pergunta meio sério, meio brincando, aos amigos que nos apresentaram. Está se referindo a mim. Quino é tímido e bastante avesso a falar com jornalistas. Mas, depois que o tranquilizam, senta-se à mesa e começa a esquecer que estou ali para entrevistá-lo. À direita de Quino instala-se sua mulher, Alicia, que também é sua ponte com o mundo, seu contato com o exterior, seu mensageiro, mas nem por isso insuportável — pelo contrário, a discrição e a espontaneidade em pessoa. Alicia traz no pescoço uma corrente com a efígie de Mafalda em prata.

Regamos a comida com vinho em abundância — “Água, para mim, nem para provar, por favor”, avisa Quino ao garçom que se dispõe a servi-la — e com conversas não menos copiosas sobre a situação política na Argentina. Quina não fala demais, mas é um bom papo. Acontece que o privilégio de contar episódios ele cede à mulher, como que gozando de antemão o prazer de uma boa narrativa. Enquanto Alicia fala, Quino a escuta satisfeito e meneia levemente a cabeça, em sinal de aprovação.

Quase na sobremesa, fala-se de questões editoriais que Quino tem que resolver, de gestões sobre uma herança que tem que receber, deixada por uns parentes espanhóis. “Aqueles de Fuen-girola?”, pergunto. “Ah, então você sabe?” Claro que sei. Todas as suas biografias dizem que ele nasceu em Mendoza, na Argentina, há 41 anos, de pais espanhóis originários de Fuen-girola, Málaga. Também já se escreveu muito por aí que aos 18 anos, depois de ter freqüentado a Escola de Belas Artes de sua cidade natal ele foi para Buenos Aires em busca de fortuna — ou seja, de um trabalho como desenhista — e, como não a encontrou, teve que voltar para casa e começar a ganhar a vida fazendo cartazes publicitários, até ser chamado para

prestar serviço militar; que aos 22 anos tentou nova aventura em Buenos Aires, e dessa vez se saiu bem, aos poucos conseguindo impor-se como um dos mais importantes humoristas argentinos; e que em 1962 nasceu a Mafalda. O que nenhum de seus biógrafos cita é que Quino adora sopa tanto quanto Mafalda odeia: “É, gosto muito, o que não significa que eu tome sopa todos os dias, é claro. Mas, no inverno, quase.” No entanto, hoje Quino não pediu sopa; pediu salmão, porque “quando se viaja fora da Argentina é bom comer as coisas que não existem lá”.

Ao sair do restaurante, Quino pergunta se o hotel onde estão alojados fica muito longe. “Diga em quarteirões, por favor”, ele pede. Acharmos que é uma distância razoável para se ir a pé. Alicia concorda: “Ótimo, assim no caminho dá para eu comprar uma camisola, que na pressa acabei esquecendo.” “Você compra a camisola e eu umas meias”, diz Quino. Acabou ficando sem elas, porque na loja foi um deus-nos-acuda para encontrar uma camisola — “de flanela”, especifica Alicia — confortável e simples, entre tantas frivolidades transparentes.

O caminho até o hotel, embora curto, prolonga-se por causa de Quino, que se detém nos velhos portais, admira as fachadas modernistas, as oficinas de artesanato que ainda subsistem, e irrompe nas farmácias antigas, chamando a mulher: “Venha ver, Alicia, que maravilha de frascos nas prateleiras.” Ele me pergunta: “É possível que ainda se façam alguns medicamentos em boticas, como antes?” Eu o desiludo. “Que tristeza. Sabe, o pai da minha mulher é farmacêutico, e ele fica tão penalizado com essa industrialização...”

Ele caminha à nossa frente, e visto assim, de costas, tem algo de personagem de desenho animado: as pernas muito magras e muito juntas, os pés grandes e separados como pés-de-pato, V

tragédia. Quando viajo, tenho medo de que o avião caia, ao deixar minha casa por uma temporada, acho que nunca mais vou vê-la.

— Mas um pessimista que critica aquilo de que não gosta é alguém que, definitivamente, espera que algum dia possa haver mudança.

— Bem, acho que sim, que no fundo eu desejo melhorar o mundo. Um dia alguém disse que sou um amargurado com uma migalha de esperança. E acho que a definição não é má.

Há pouco tempo Quino participou de uma mesa-redonda de humoristas no México. E lá ele disse que o humor é uma colherada de fel que se joga na vida do dia-a-dia.

— Ao contrário de Alvaro de Laiglesia, que diz que é uma colherada de mel — ele comenta. — De qualquer modo, quem melhor falou foi um desenhista mexicano, dizendo que, com seu humorismo, não pretende jogar mel nem fel, mas ele o faz simplesmente porque gosta. Acho que foi o mais honesto de todos.

— Mas hoje se diz que o humorista faz um trabalho de crítica importante, que é um pouco a consciência da sociedade.

— Justamente, é o êxito dos humoristas que me leva a pensar que o que a gente pretende não

serve para nada. Quando se vê que há um século as coisas são criticadas e não mudaram nada, conclui-se que não servimos para nada. Nesse ponto também não coincido com Alvaro de Laiglesia, que diz que graças a seus editoriais os horários de trem foram alterados.

— O que é o mais importante para Quino?

— A liberdade.

Diz isso sorridente mas seguro.

— E alguma coisa mais fácil de conseguir?

Pensa um pouco, coça a cabeça e me olha com um certo ar de perplexidade.

— Não sei, não tenho idéia. A liberdade — ele insiste, teimoso. — Bem, posso acrescentar esse outro tipo de liberdade que a pessoa concede a si mesma, além daquela que tem de ser dada pelos outros. Fico intrigado ao ver que nos meus sonhos tenho uma imaginação fabulosa e uma liberdade de movimentos que não tenho quando estou acordado. Esse tipo de liberdade também é indispensável: a pessoa não deve se autobloquear com preconceitos e coisas que a limitem.

Mas o autobloqueio existe, pelo menos no campo da criação. “Quando desenho, eu me auto-



censuro, porque, além do mais, já sei que se eu apresentar certas coisas nesta ou naquela revista elas não serão publicadas. Então, para que perder tempo e energias?"

— Além disso — ele acrescenta — é fácil demais fazer humorismo com coisas que beiram o censurável. É muito fácil meter-se com o militarismo ou com o clericalismo. Mas o importante é que a idéia seja boa. Se for, o que importa que seja política, de humor negro ou de humor cor-de-rosa? A gente acha que a estas alturas já não cabe fazer a piada do naufrago na ilha, mas, se ela for boa, vai funcionar do mesmo jeito.

Durante a refeição, falamos o suficiente de política para agora eu perguntar a Quino de que lado ele está. Começa a rir e olha de soslaio para a mulher.

— Ai, Alicia e eu temos discussões intermináveis a respeito disso. Sabe, ela tem muita fé. Quanto a mim, digamos que sou antes "prescindista". É que, na medida em que não creio no ser humano ... O problema não está nos regimes políticos, mas no homem, que eu acho que não funciona muito bem.

Digo que em determinados sistemas o ser humano tem possibilidades de funcionar melhor.

— É, claro, pode ser. Mas, não sei, de modo geral não tenho muita certeza.

Ele me olha com um pouco de malícia e diz, profético: "Agora, é claro, chegamos àquela história do artista e do compromisso social, não é?" E prossegue, com resignação:

— Para começar, acho que todo artista é um individualista. Não dá para a gente se integrar num regime coletivista. E, como parece que hoje todos os regimes tendem ao coletivismo, estamos fritos. Não estou dizendo que o compromisso seja um mal, mas não há por que a gente estar sempre desenvolvendo idéias que tenham a ver com o social e o político. De certo modo, o artista deve manter-se à margem, como o comentarista de futebol, que não deve ser torce-

dor de nenhum time para poder enxergar tudo com objetividade.

Deixando de lado o pessimismo e o otimismo, o prescindismo e o individualismo, como é Quino, do que Quino gosta?

— Sou alguém cujo estado de ânimo está sempre ligado a ter idéias, estou falando de trabalho, quer me satisfaçam ou não. Quanto a gostar, gosto de cinema, de vinho, de música.

— Dos Beatles, como a Mafalda?

— Sem dúvida. Sabe que musicalmente eles me estragaram totalmente, pois nunca vou poder escutar outra coisa? Falo com os jovens e eles me dizem que já foram superados, mas eu continuo teimando. Já me vejo velhinho, implicando como os de hoje com relação ao tango: "Vocês não sabem o que perderam, aquilo sim que era música", etc. O que fazer!

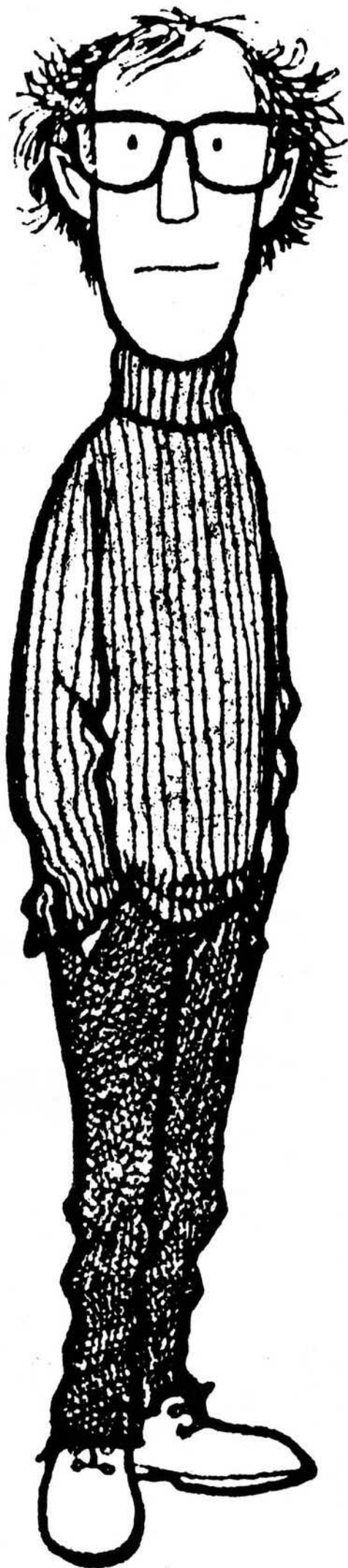
— Você pensa em deixar a Argentina para se estabelecer na Espanha, como fizeram tantos intelectuais latino-americanos?

— Nem falar. Sinto pela minha mulher, pois a ela não desagradaria, mas quero morrer na Argentina. Na idade da gente não dá para deixar os amigos assim, sem mais nem menos, e fazer amizades novas. Também não é muito agradável ir para outro país para ser estrangeiro. Além disso, há uma coisa que me faz ter certeza de que não tenho nada que ir embora da Argentina: tenho muito medo de avião, e sempre acho que vamos cair, mas veja, pode ser uma bobagem, mas quando entramos em território argentino acho que tudo está bem, que tanto faz morrer ou não, porque já estou em casa.

O tempo passou depressa e o próximo encontro de Quino está marcado para daqui a pouco. A festa continua. "Já tem o suficiente, não é?", pergunta, solícito. "Vou ver se descanso meia horinha, nem que seja só por cima das cobertas." Deixo-os: ele já tirando os sapatos e ela tentando arrumar o ar-condicionado, porque "aqui dentro está gelado de novo e você, Quino, vai acabar pegando um resfriado".

MARUJA TORRES





mafalda

tor de Buenos Aires põe à venda um primeiro álbum com tiras já publicadas em jornal. Mesmo sem um lançamento ruidoso, a primeira edição esgota-se em doze dias. Começa assim o chamado *boom* da Mafalda: nos vinte anos seguintes, os dez álbuns originais em língua espanhola alcançarão tiragens de milhões de exemplares.

A tira ultrapassa as fronteiras nacionais: tem início a publicação em jornais diários de outros países da América Latina.

1967 A publicação no *El Mundo* é suspensa na véspera de Natal do ano anterior. No meio do ano, Quino firma um contrato de exclusividade com *Siete Días*, um dos semanários mais populares da Argentina. O ritmo de produção passa de seis para quatro tiras semanais.

1968 Pela primeira vez Mafalda é traduzida para outra língua: o italiano. Cerca de trinta tiras são publicadas numa antologia editada pela Feltrinelli: *Il Libro dei Bambini Terribili*, organizada por Marcelo Ravoni e Valerio Riva. Durante a campanha de lançamento, com a pré-publicação de uma das tiras na página de livros do *Corriere della Sera*, ocorre a primeira aparição do personagem na Europa.

1969 O editor Bompiani publica *Mafalda la Contestataria*, o primeiro livro da Mafalda (e de Quino) a ser editado na Europa. As tiras são precedidas de uma introdução não-assinada, intitulada "Mafalda ou a recusa", da autoria de Umberto Eco.

1970 Os primeiros livros da Mafalda são publicados na Espanha e em Portugal, onde obterão um êxito nunca antes conseguido por quadrinhos estrangeiros. Mafalda surge pela primeira vez no Brasil, nas páginas de uma revista de pedia-

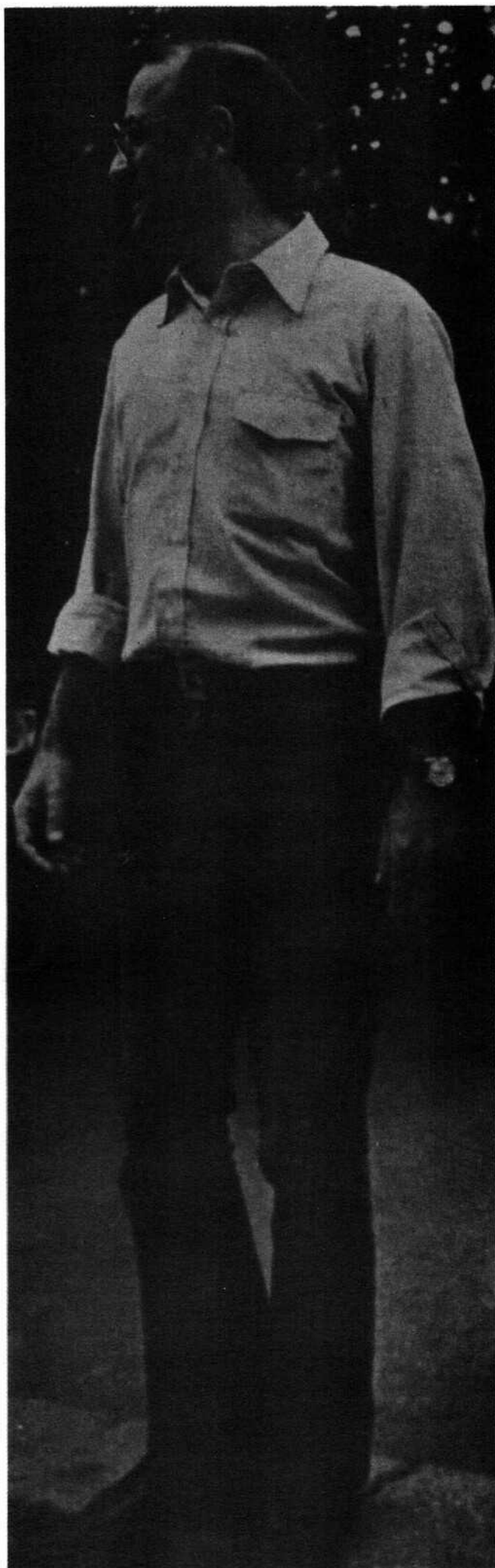
QUINO

1963 Em Buenos Aires, uma agência publicitária encarrega Quino, um desenhista com trinta anos de idade e oito de intensa atividade profissional, já considerado um dos melhores humoristas argentinos, de criar uma tira cômica (que ele não mais faria) que sirva de publicidade “disfarçada” para uma firma de eletrodomésticos. Os protagonistas devem ser crianças e adultos de uma “família típica da classe média”, e no nome de um dos personagens deve se fazer alusão à marca dos eletrodomésticos, que começa com as letras *M* e *A*. Quino batiza a menina da família com o nome de Mafalda e atribui-lhe o papel de *enfant terrible*, já consagrado na tradição das histórias em quadrinhos. O cliente da agência, porém, recusa o plano da campanha, e Quino arquiva as poucas tiras desenhadas.

1964 *Primera Plana*, na época, o mais importante semanário da Argentina, solicita a Quino uma colaboração regular “satírica, mas que não se limite às habituais vinhetas”. Ele retoma então a idéia da menina atrevida, o elemento mais vigoroso do projeto arquivado no ano anterior. Mafalda estréia em setembro nas páginas do semanário, onde permanecerá durante seis meses. (As tiras publicadas em *Primera Plana* não foram incluídas nas edições subsequentes: Quino considera-as uma produção da “fase de rodagem”).

1965 A publicação prossegue em março, num dos diários mais lidos da Argentina, o *El Mundo* de Buenos Aires, que, até o natal de 1967, publicará ininterruptamente seis tiras semanais. A popularidade do personagem cresce na imprensa argentina: jornais de outras cidades reproduzem as tiras publicadas.

X 1966 Pouco antes do Natal, um pequeno edi-



tria e pedagogia destinada aos pais, onde cada texto é ilustrado com uma tira do personagem.

Na Itália, o jornal romano *Paese Sera* dá início à publicação diária das tiras, que se prolongará durante anos.

- 1971 Ano de grande expansão em várias línguas e países: as tiras são publicadas em inglês por jornais australianos, surgem em hebraico num diário israelense, em dinamarquês no *Berlingske Tidende* de Copenhague, em francês no popular *France-Soir* e em diversos jornais suecos e noruegueses. Na Finlândia aparecem álbuns para a venda em bancas. Surgem os seus primeiros livros na Alemanha Ocidental (*Mafalda hat immer Recht*) e na França (*Comment va le Monde?*). Vendem-se pôsteres do personagem em vários países europeus.

Na Itália, surgem cadernos escolares, papel de carta e cartões de Boas-Festas com a figura da Mafalda.

Entretanto, em Buenos Aires, Quino, que há vários anos resiste a diversas propostas no sentido de apresentar Mafalda na televisão, firma contrato com a Daniel Mallo Producciones para a produção de desenhos animados coloridos, cuja realização é confiada a Catú (Jorge Martin) um profissional da mesma geração de Quino e que, como ele, havia iniciado a carreira publicando vinhetas em jornais. A primeira produção consiste em 260 filmes de um minuto e meio. Em 1977, a remontagem desse material dará origem a 52 outros filmes com duração média de cinco minutos.

- 1973 A televisão argentina começa a transmitir os desenhos animados.

Em julho, Quino desenha a última tira original da Mafalda e anuncia que, “por enquanto, e pelo menos durante um ano”, não retomará o personagem.

- 1974 Em outubro, a televisão italiana (primeiro canal da RAI) dá início à transmissão dos filmes.

- 1976 São publicados os primeiros livros da Mafalda especificamente dirigidos a um público infantil, com adaptação das tiras e dos temas originais mas sem modificação dos desenhos. Começa a difusão do personagem no Japão.

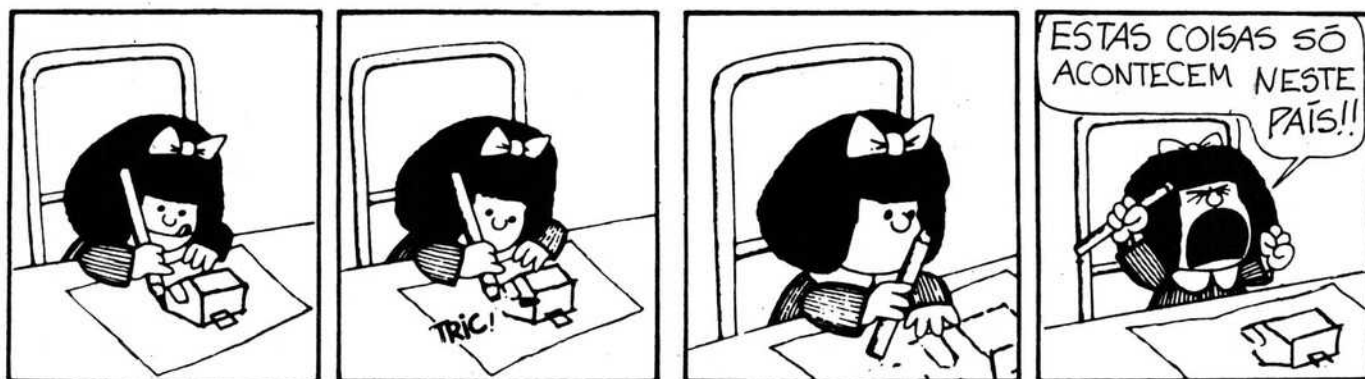
- 1977 A UNICEF pede a Quino que ilustre a “Declaração dos Direitos da Criança” com a Mafalda e os seus amigos. E assim, após três anos sem criar nenhuma nova tira, o autor produz para o organismo mundial dez vinhetas e um pôster originais.

- 1978 Em Buenos Aires, a Daniel Mallo Producciones dá início a um desenho animado de longa metragem.

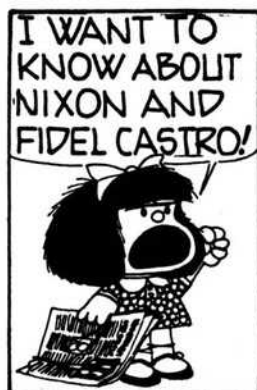
A UNICEF começa a difundir a “Declaração” comentada por Mafalda e seus amigos como parte da campanha mundial para o Ano Internacional da Criança (1979).

- 1979 A editora Bompiani reúne todas as tiras da Mafalda num único volume intitulado *Tutta Mafalda*. Na França, a editora Glénat relança o personagem numa série de álbuns coloridos.

- 1981 Lançamento dos primeiros livros no Brasil.









“Una verdadera revolución en el humorismo argentino.”

Confirmado, Buenos Aires, 1966

“Die sympathischste Pessimistin der Welt.”

Pardon, Frankfurt-am-Main, 1971

“Sacrée gamine subversive.”

Le Monde, Paris, 1972.

“Una niña peligrosa, peligrosa, peligrosa.”

El Heraldo, Aragón, 1973

“La ragazzina più simpatica dei fumetti.”

Corriere d'Informazione, Milano, 1974

“A precocious and argumentative little girl greeted with universal acclaim.”

The World Encyclopaedia of Comics, New York, 1977





MAFALDA ou A RECUSA

Mafalda não é apenas um novo personagem das histórias em quadrinhos: é o personagem dos anos sessenta. Se para defini-la usamos o adjetivo “contestadora” não foi para seguirmos a qualquer preço a moda do anticonformismo: Mafalda é realmente uma heroína “enraivecida” que recusa o mundo tal como ele é. Para compreender Mafalda é preciso traçar um paralelo com outro grande personagem a cuja influência ela evidentemente não se esquiva: Charlie Brown. Charlie Brown é norte-americano, Mafalda é sul-americana (o autor, Quino, é argentino, e o personagem já é publicado há algum tempo na imprensa de seu país). Charlie Brown pertence a um país próspero, a uma sociedade opulenta, à qual procura se integrar desesperadamente mendigando solidariedade e felicidade; Mafalda pertence a um país repleto de contrastes sociais que, no entanto, nada mais quer do que torná-la integrada e feliz, algo que Mafalda recusa, resistindo a todas as tentativas. Charlie Brown vive num universo infantil de que rigorosamente exclui os adultos (embora as crianças desejem comportar-se como adultos); Mafalda vive numa dialética contínua com o mundo adulto, que não ama nem respeita, mas, pelo contrário, ridiculariza e repudia, reivindicando o direito de continuar a ser uma menina que não quer incorporar o universo adulto dos pais. Charlie Brown com certeza leu os “revisionistas” de Freud e procura uma harmonia perdida; Mafalda provavelmente leu Che.

Na verdade, Mafalda tem idéias confusas em questão de política. Não consegue entender o que acontece no Vietnã, não sabe por que existem pobres, desconfia do Estado mas tem receio dos chineses. De uma coisa ela tem certeza: não está satisfeita.

À sua volta, uma pequena corte de personagens mais “unidimensionais”: Manolito, o menino plenamente integrado num capitalismo de bairro, absolutamente convencido de que o valor essencial no mundo é o dinheiro; Filipe, o sonhador tranqüilo; Susanita, a doente de amor maternal, perdida em sonhos pequeno-burgueses. E, depois, os pais de Mafalda, resignados, que aceitaram a rotina diária (recorrendo ao paliativo farmacêutico do Nervocalm) e, além disso, vencidos pelo tremendo destino que fez deles os guardiões da Contestadora...

O universo de Mafalda não é apenas o de uma América Latina urbana e desenvolvida; é também, de modo geral e em muitos aspectos, um universo latino, o que a torna mais compreensível do que muitos personagens de quadrinhos norte-americanos; enfim, Mafalda, em todas as situações, é um “herói do nosso tempo”, o que não parece uma qualificação exagerada para o pequeno personagem de papel e tinta que Quino propõe. Ninguém nega que as histórias em quadrinhos (quando atingem certo nível de qualidade) assumam a função de questionadoras de costumes — e Mafalda reflete as tendências de uma juventude inquieta, que assume aqui a forma paradoxal de dissidência infantil, de esquema psicológico de reação aos veículos da comunicação de massa, de urticária moral provocada pela lógica dos blocos, de asma intelectual causada pelo cogumelo atômico. Já que nossos filhos vão se tornar — por escolha nossa — outras tantas Mafaldas, será prudente tratarmos Mafalda com o respeito que merece um personagem real.

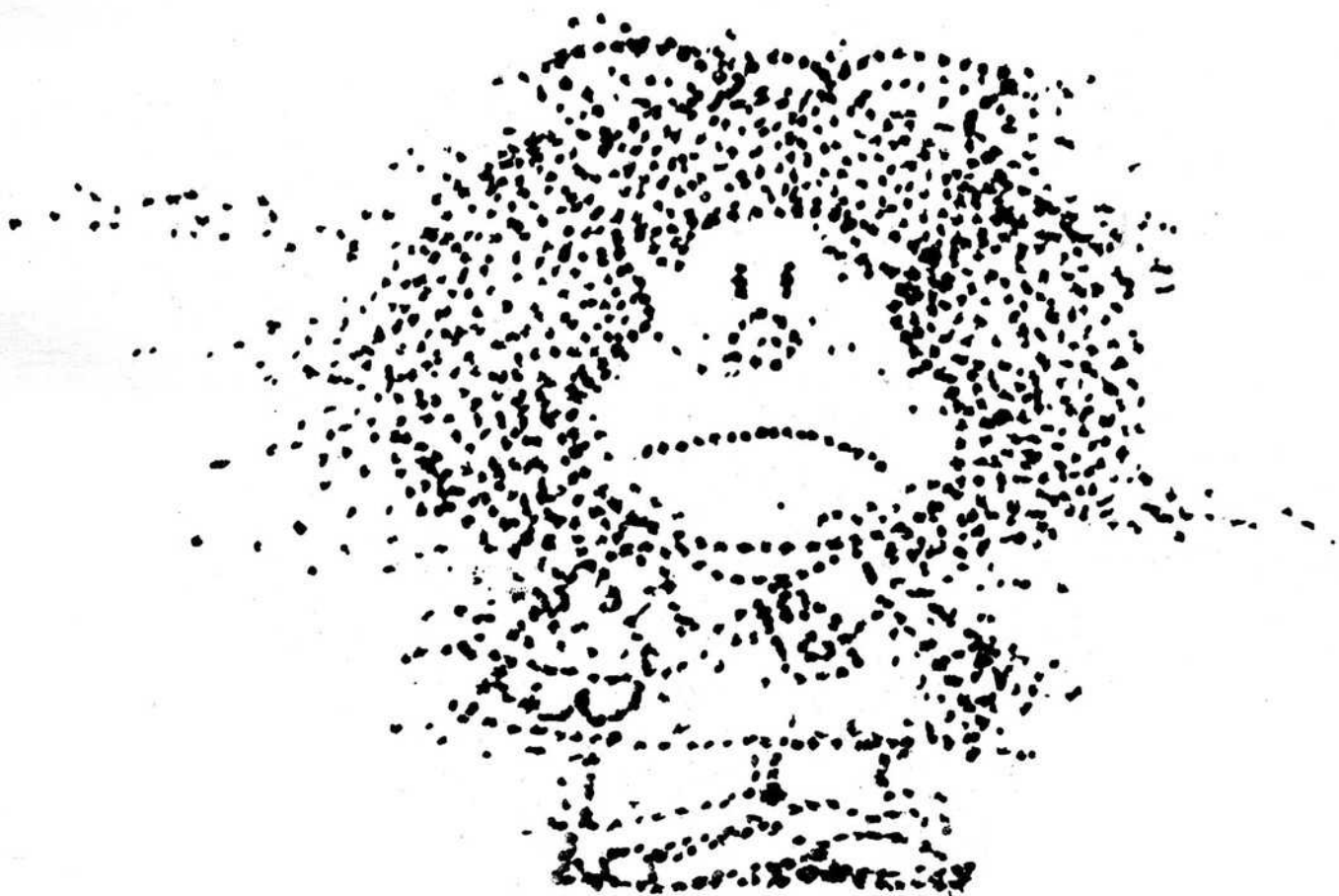
Umberto Eco



O que eu penso da Mafalda não
importa. Importante mesmo é o
que a Mafalda pensa de mim.

Julio Cortázar, 1973

ÀS VEZES VOCÊS
NÃO SE SENTEM UM
TANTO INDEFINIDOS?

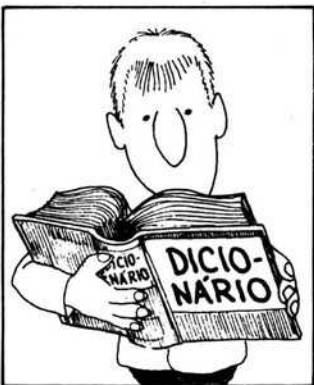


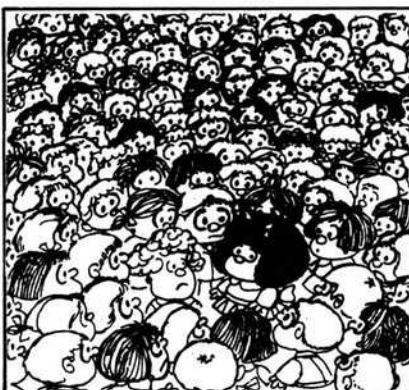
toda **Mafalda**

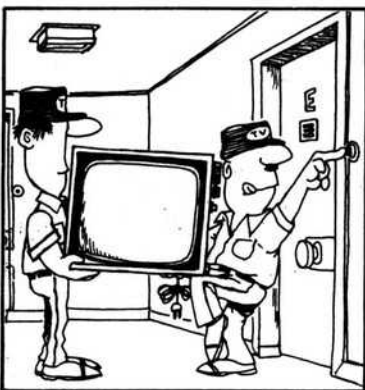
da primeira
à última tira



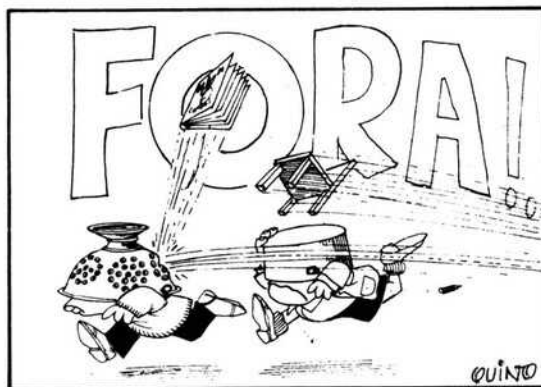
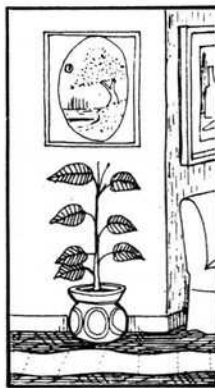
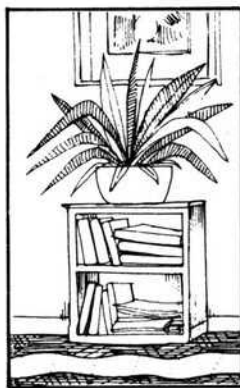
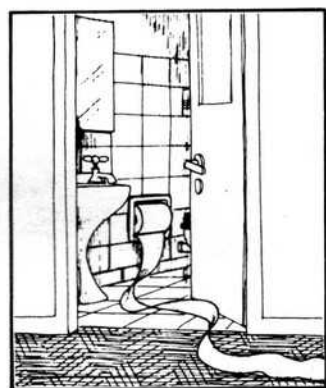


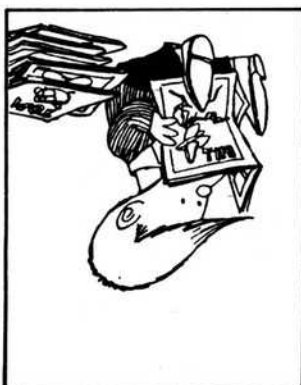
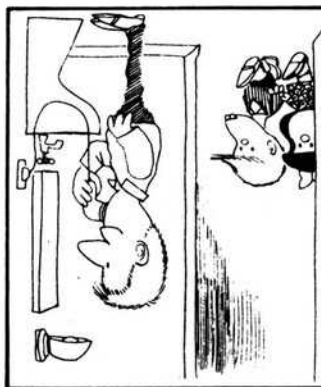


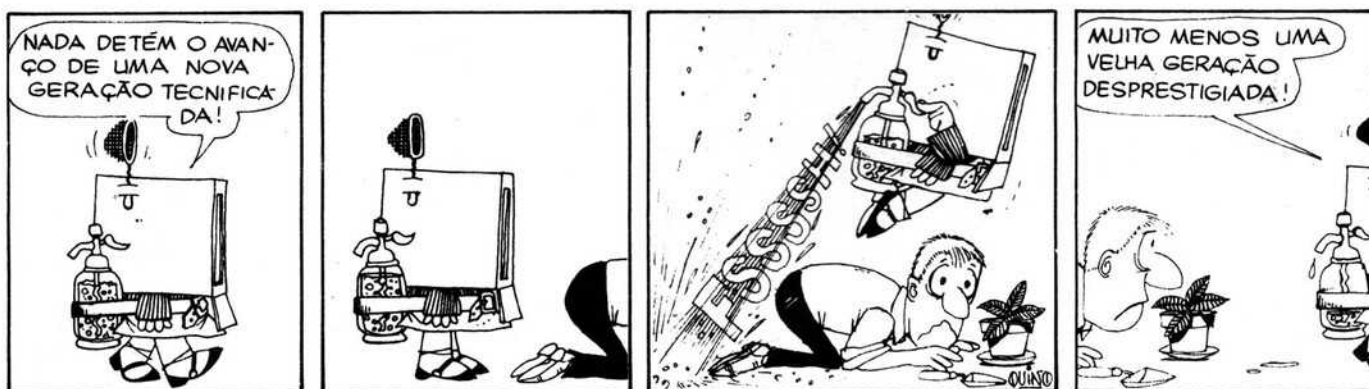
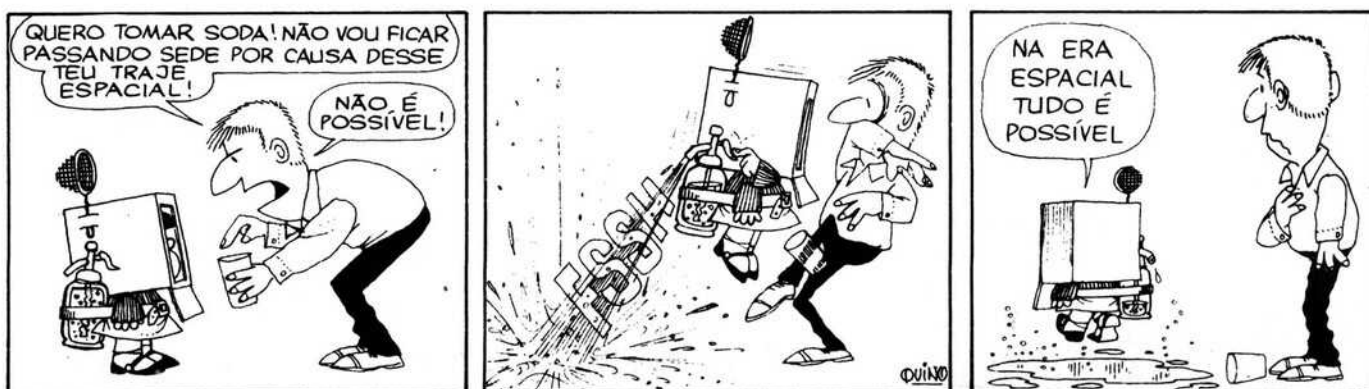


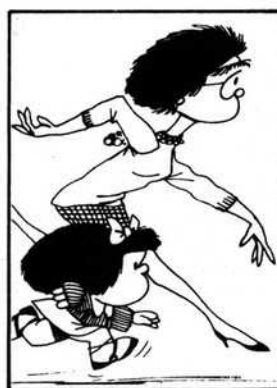
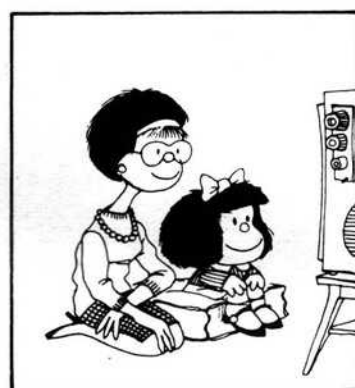
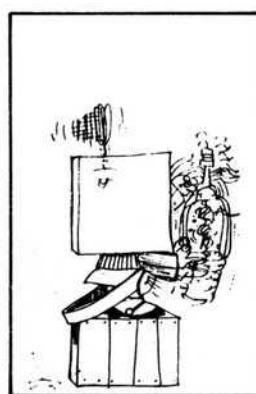
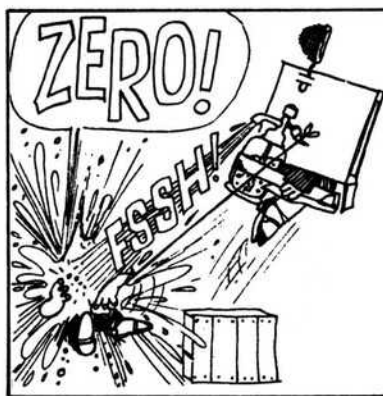




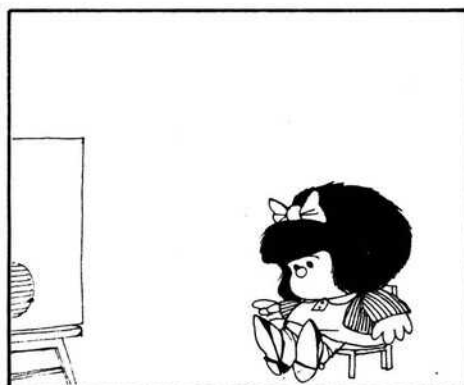






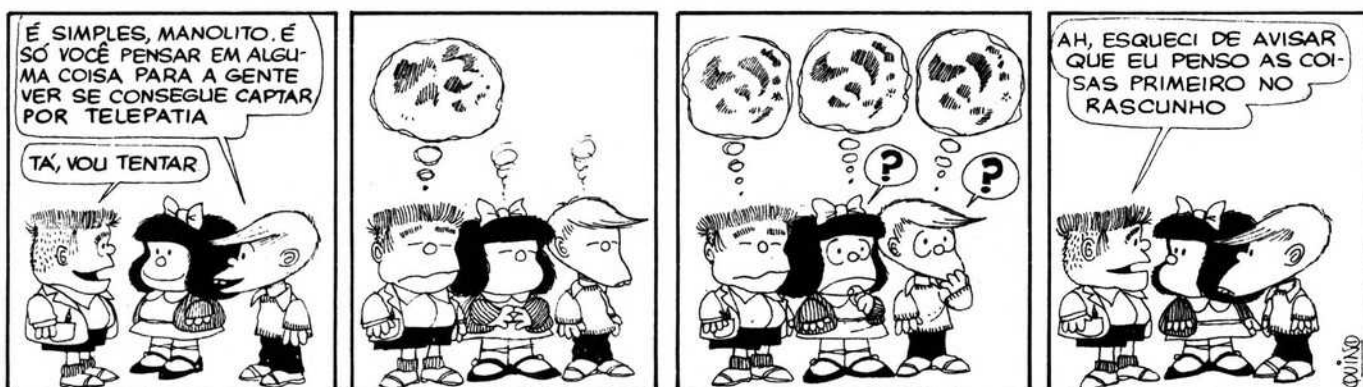
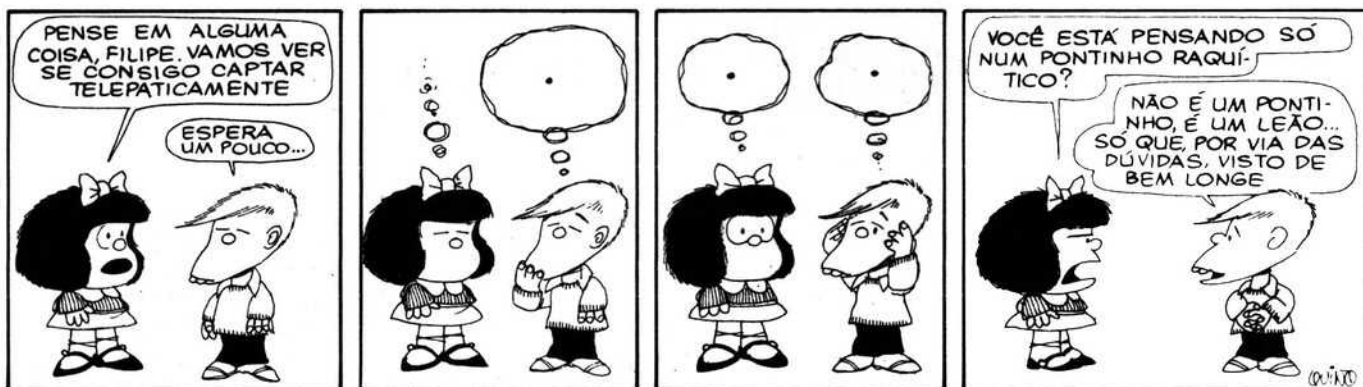


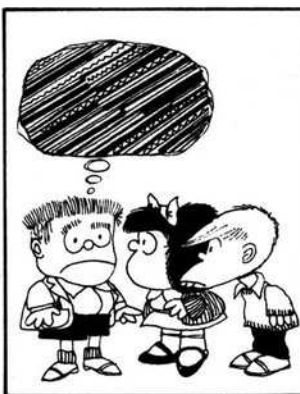












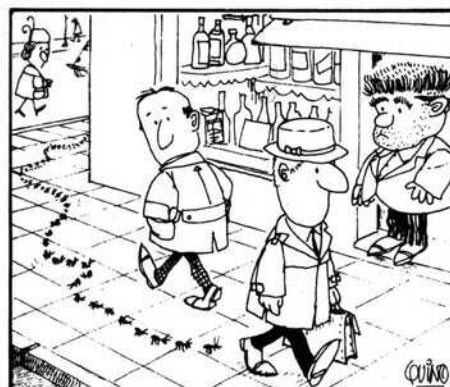


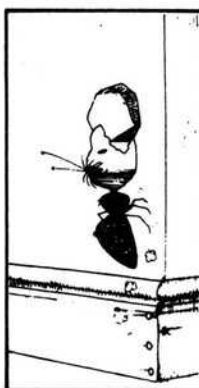
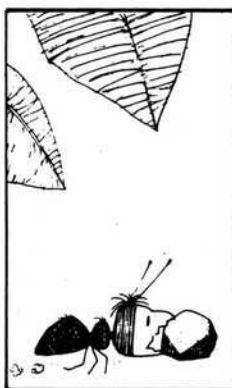


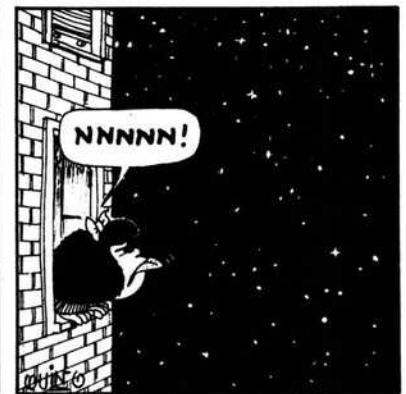
E SE TUDO ESTIVER
ERRADO...?





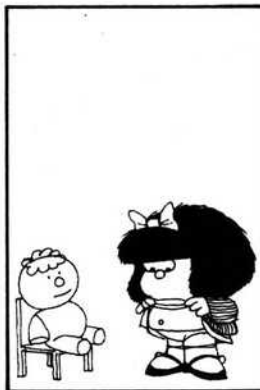
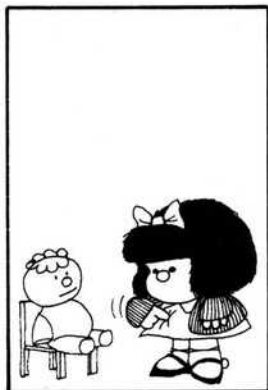




















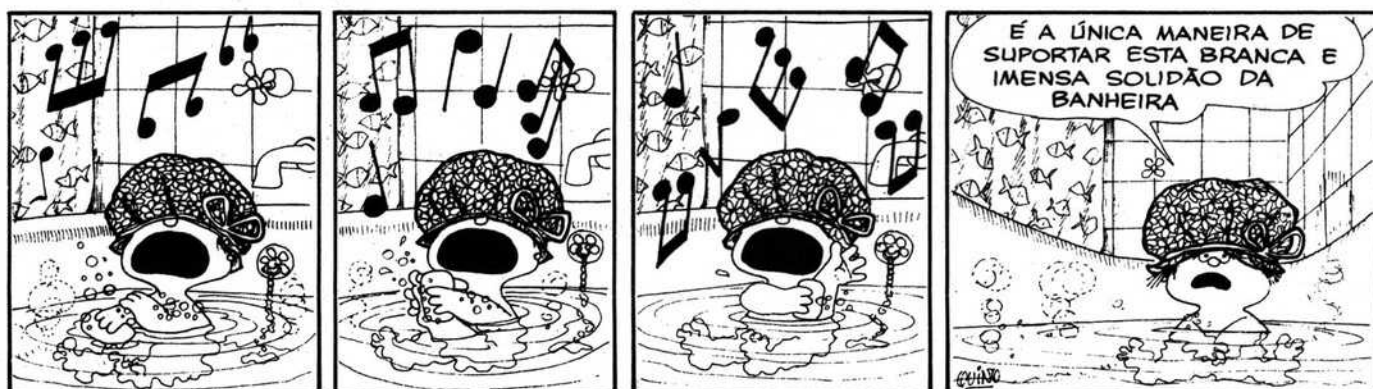




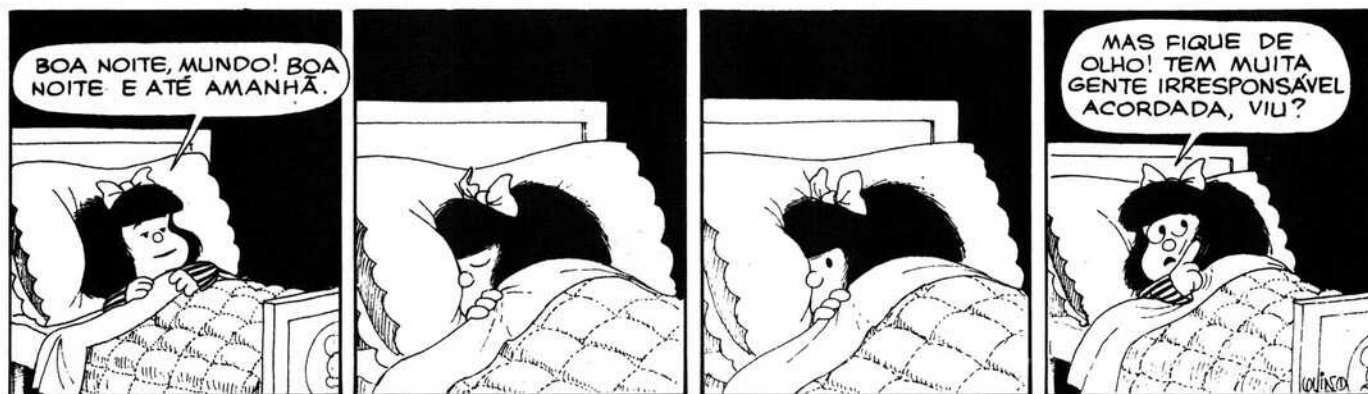


ENGRAÇADO... QUANDO
FECHO OS OLHOS O MUNDO
DESAPARECE!





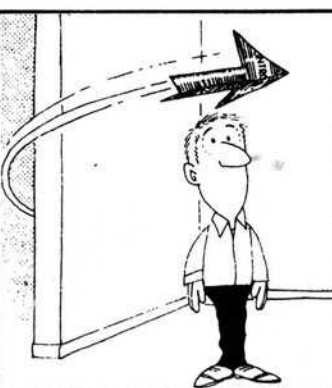














EU TAMBÉM NÃO!



PARA A MINHA EU VOU DAR UM LENÇO.

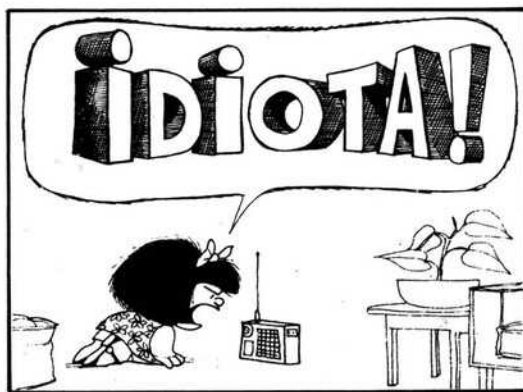


SENSACIONAL! COMO É QUE VOCÊ TEVE A IDEIA?

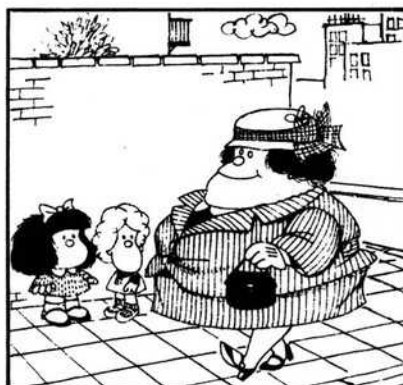


CLARO! É UM MÉTODO ÓTIMO! VAMOS VER... JÁ SEI!...





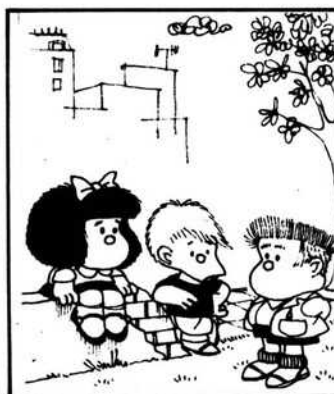












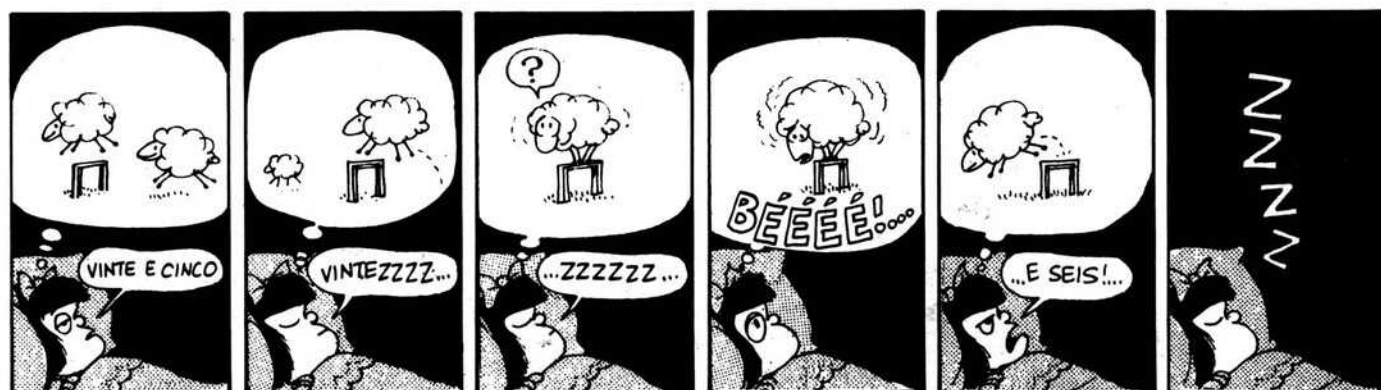
EU TINHA UMA COISA ÓTIMA
PRA DIZER, MAS NÃO CONSIGO
LEMBRAR O QUE ERA...

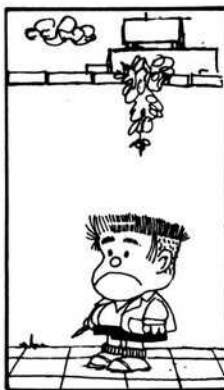




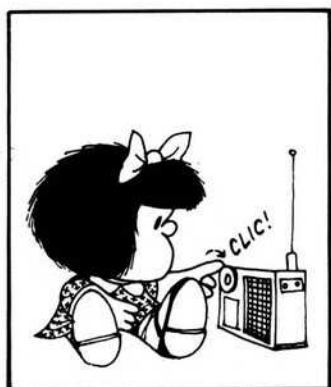




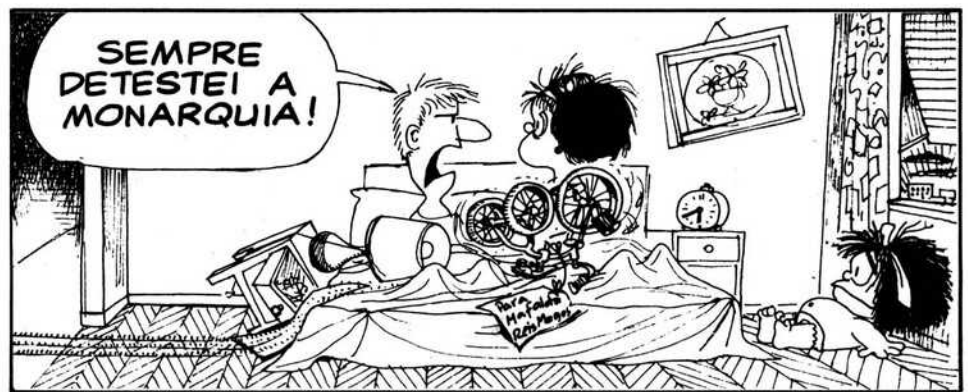








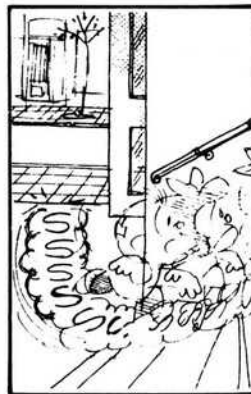


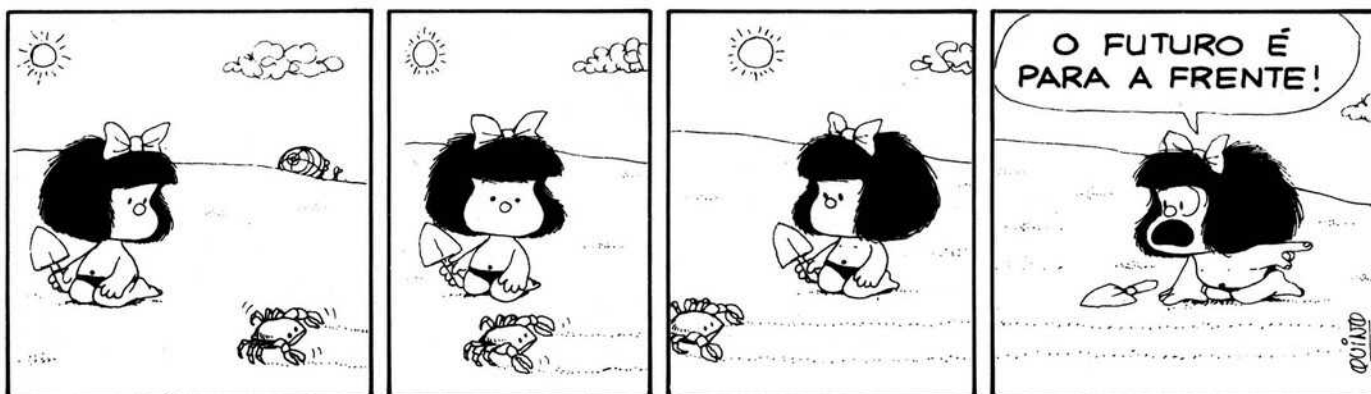
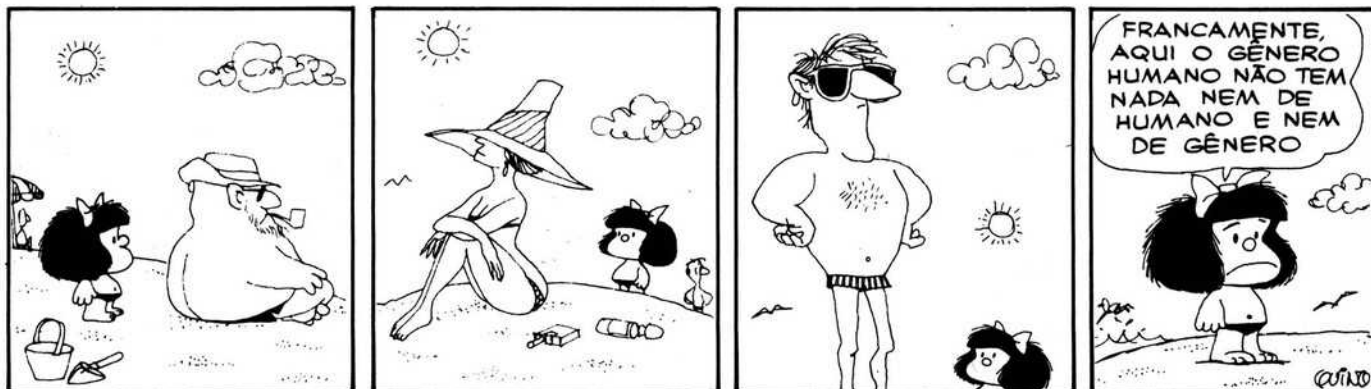


POIS É. PENA QUE
EU TAMBÉM JÁ CUMPRI
MINHA MISSÃO DE
CRIANÇA!

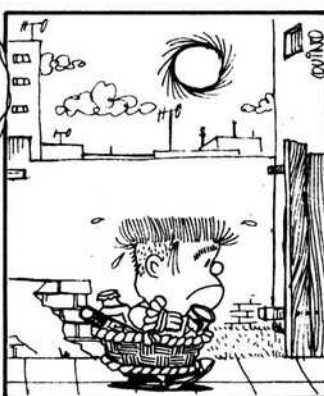


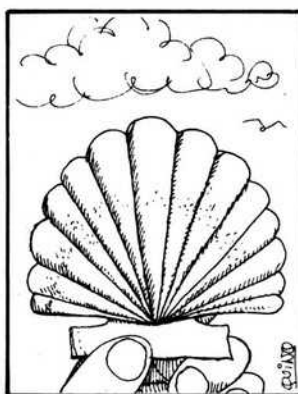






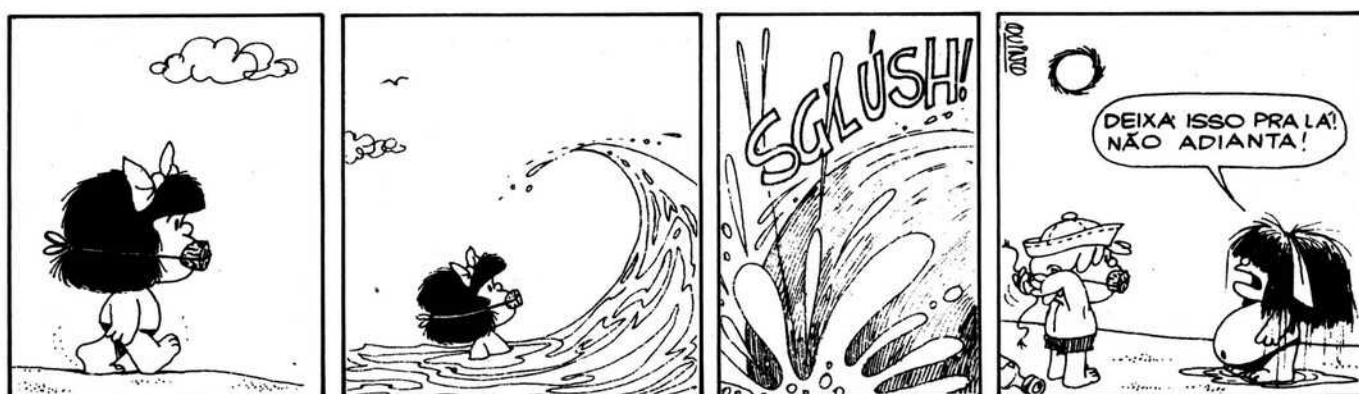
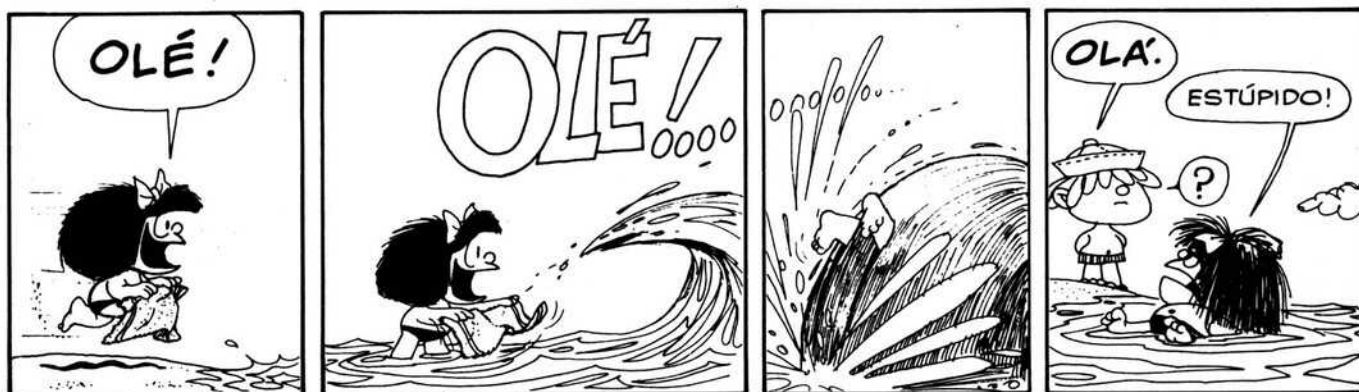


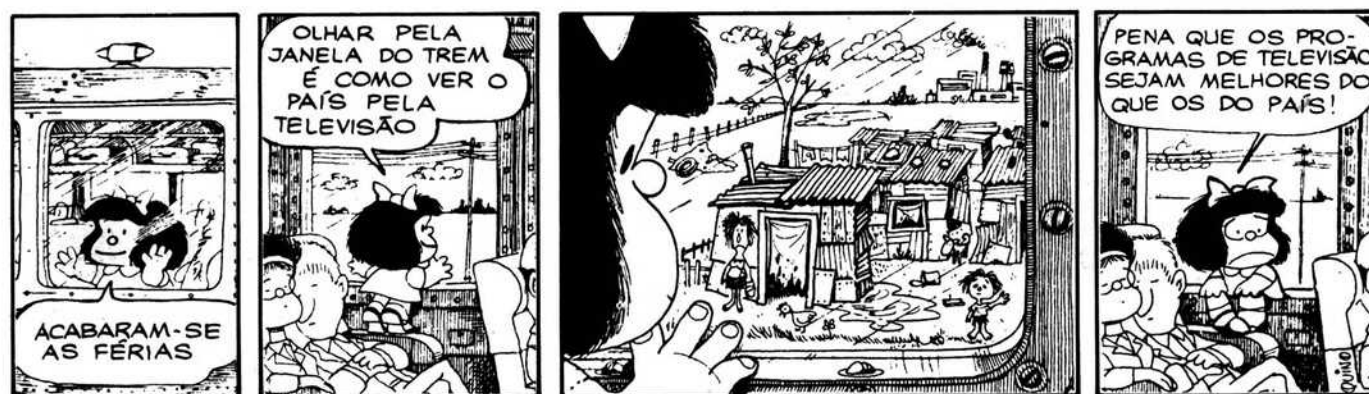
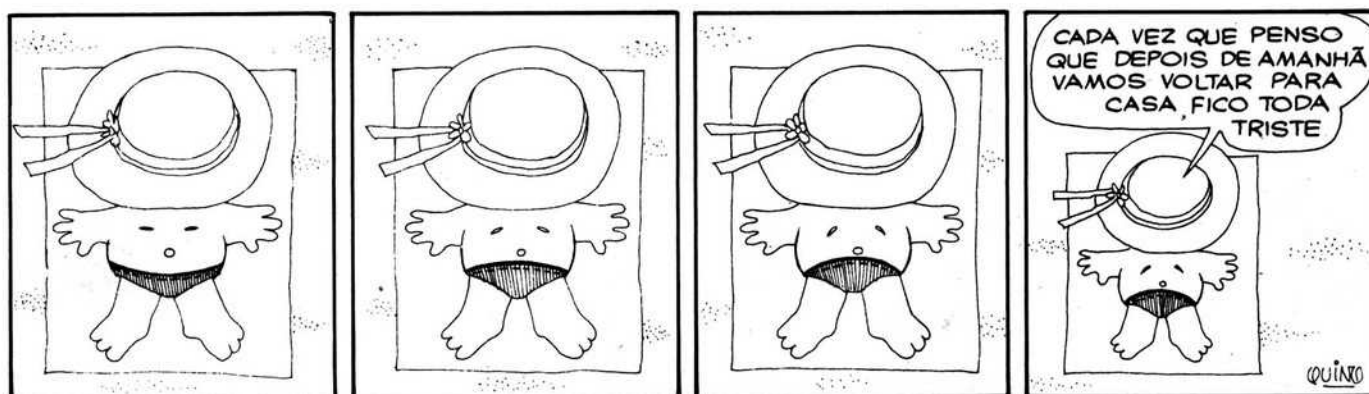
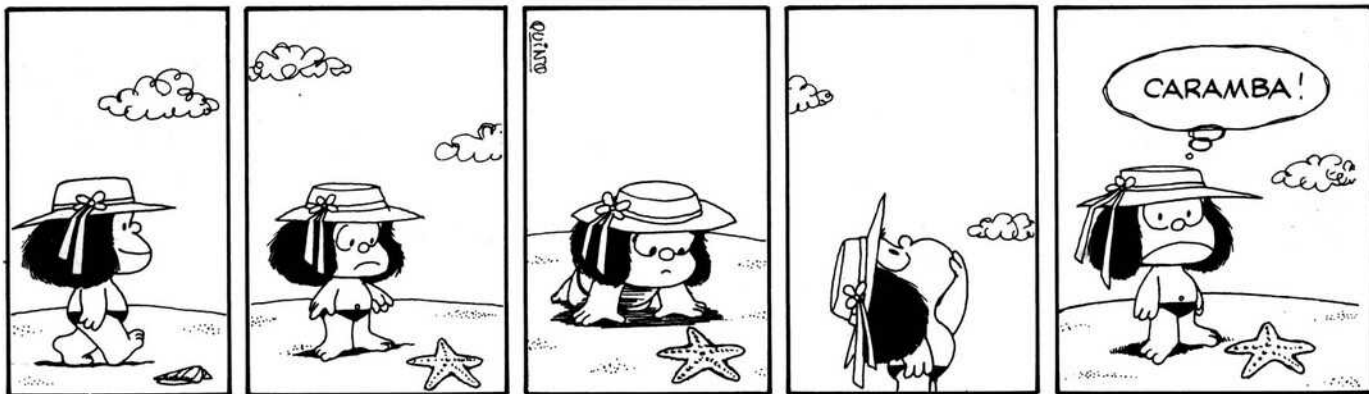


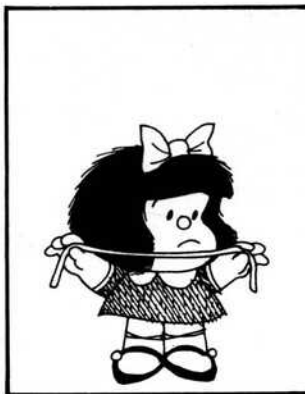


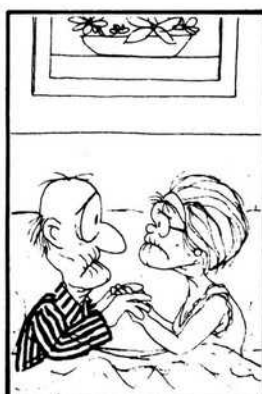


NINGUÉM ESPERA
QUE EU DIGA
ALGUMA COISA!



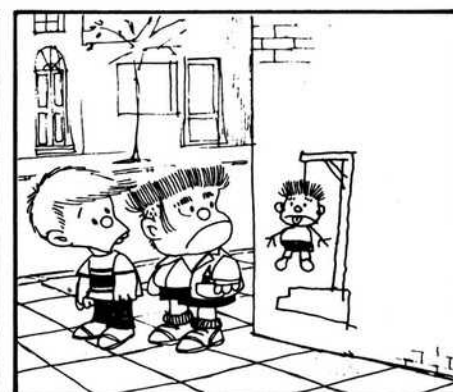






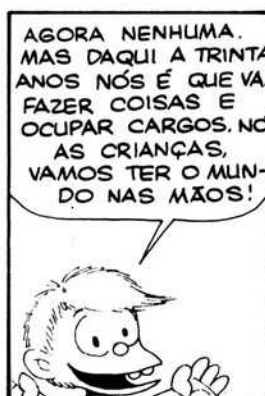


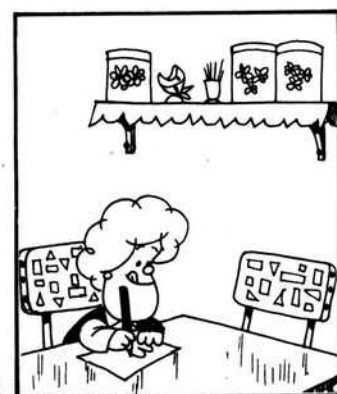
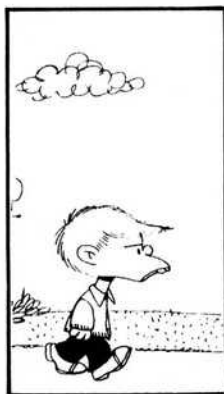














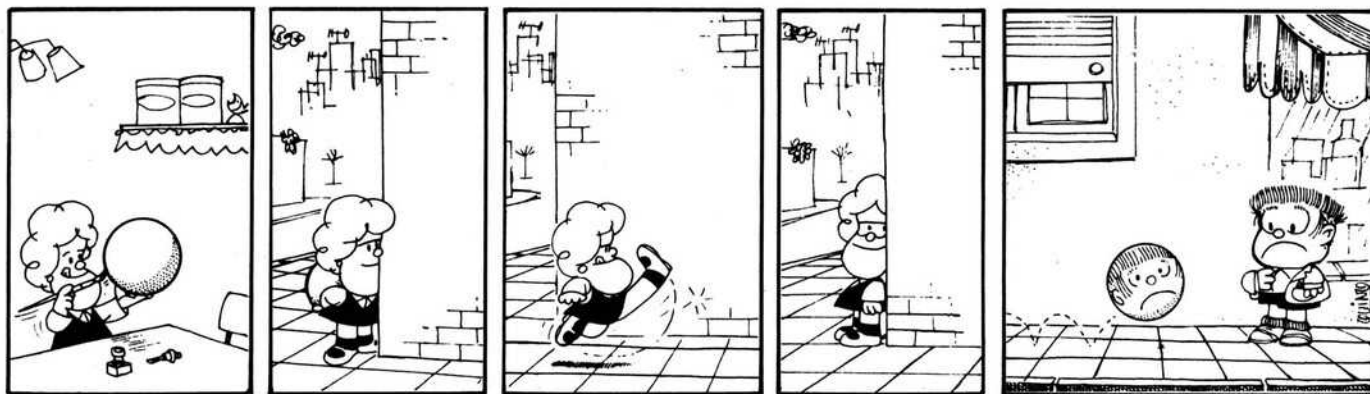


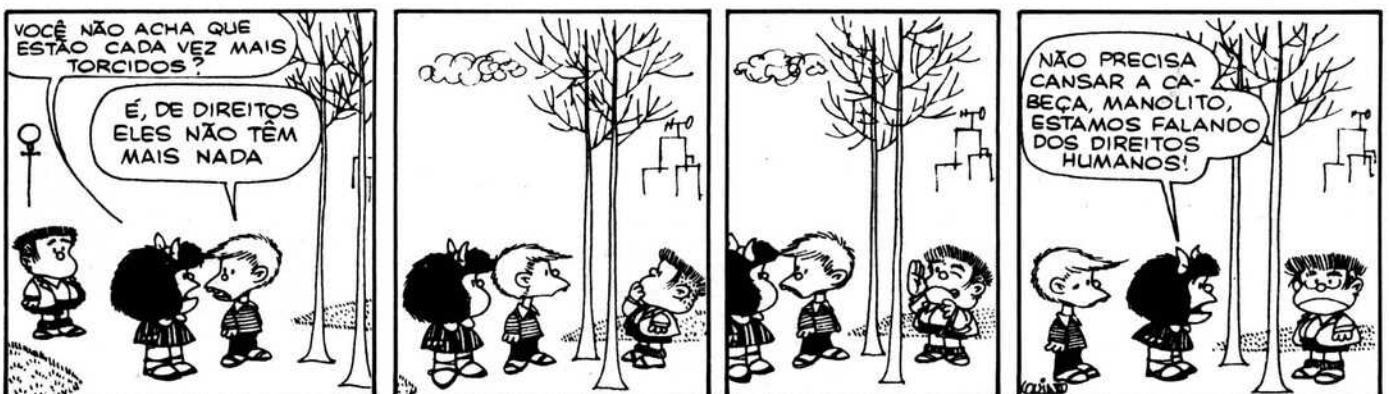


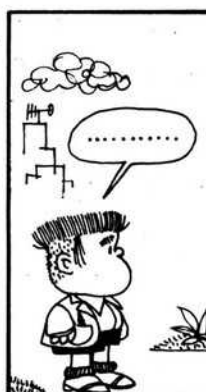


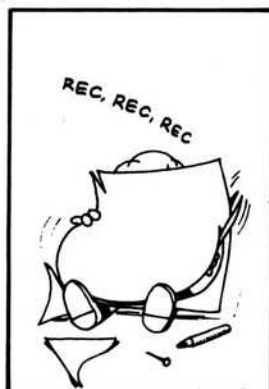
O PROBLEMA DA GRANDE
FAMÍLIA HUMANA É
QUE TODOS QUEREM
SER O PAI

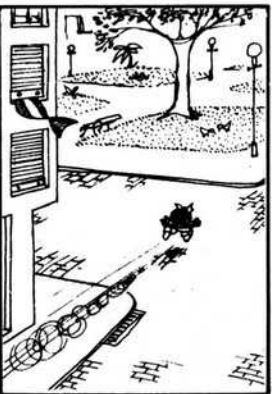
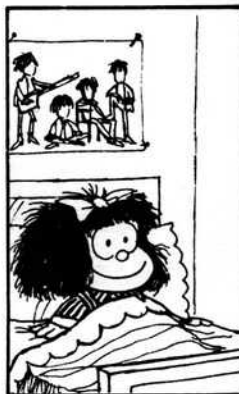




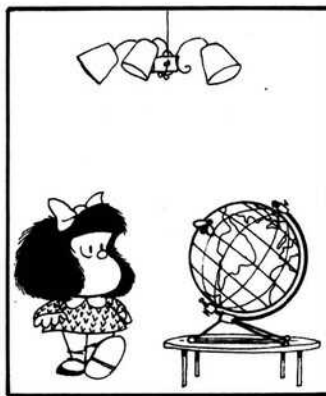


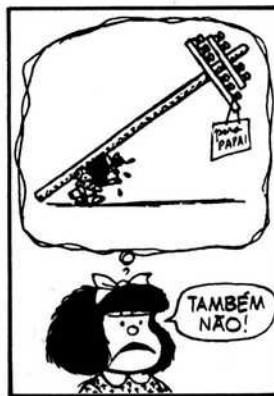










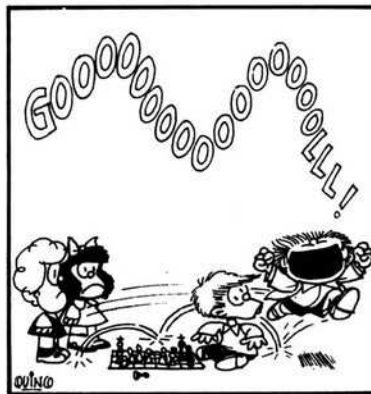


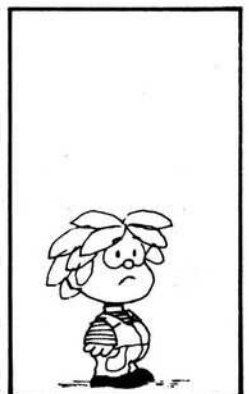








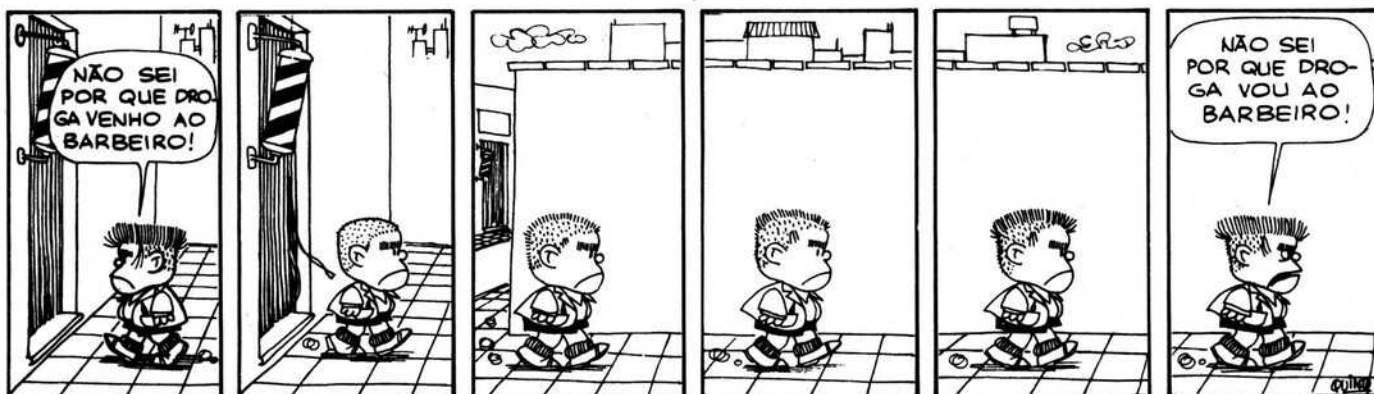


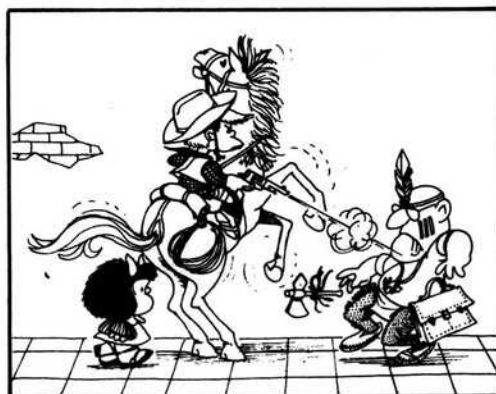


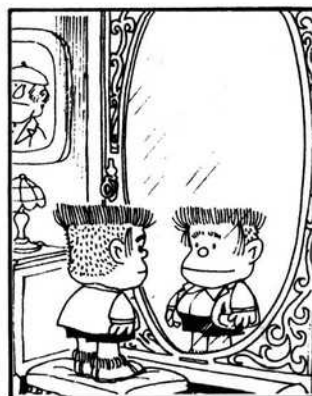


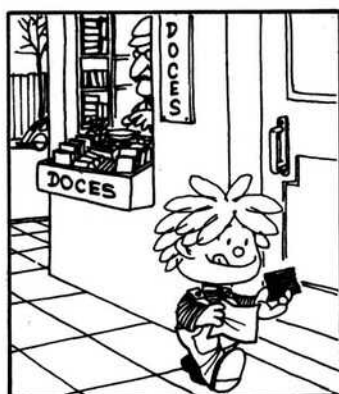
CURIOSOS! QUEREM SABER O QUE EU ESTOU DIZENDO.
NÃO É? ESTÃO MORRENDO DE CURIOSIDADE, NÃO É,
SEUS XERETAS? ESTÃO VENDO? NÃO SOU A ÚNICA!



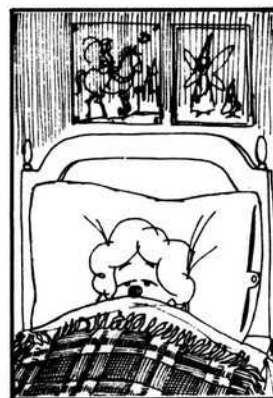






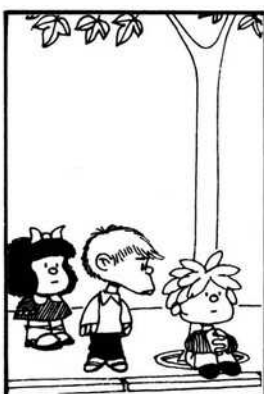
















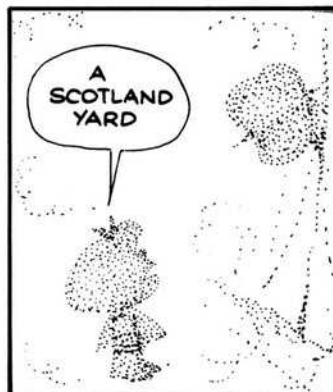


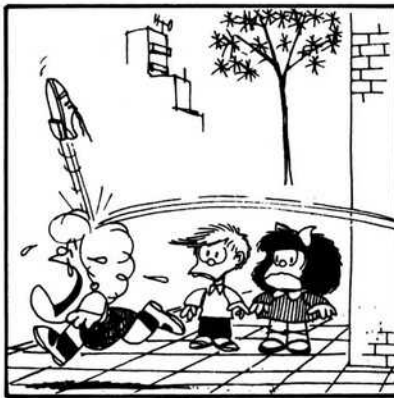




NO FIM DAS CONTAS, UM SEGREDO
DE ESTADO NADA MAIS É QUE UMA
FOFOCA QUE SUBIU NA ESCALA
SOCIAL

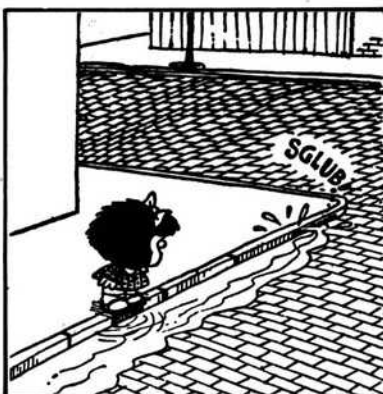








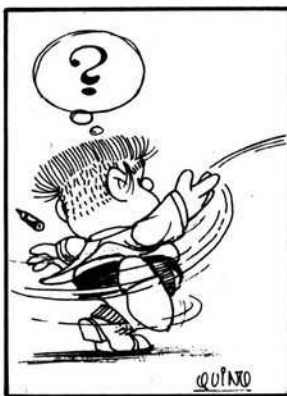






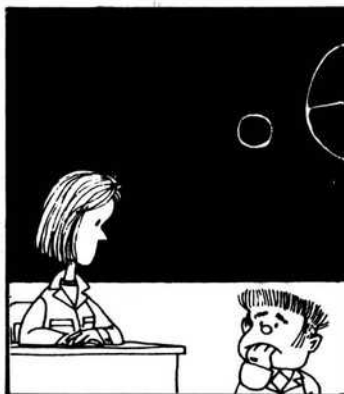




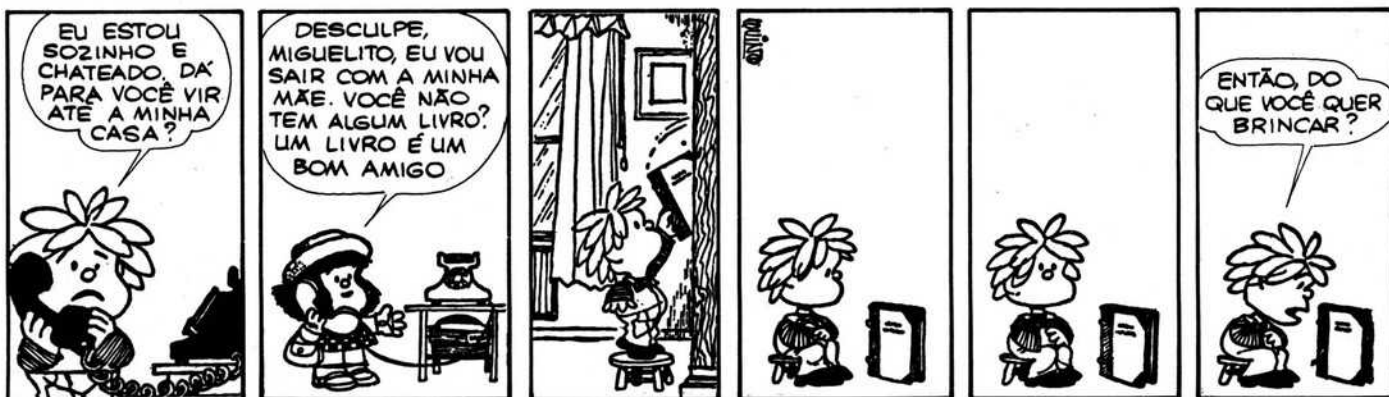


AH, ELE NÃO DEVE ESTAR MUITO LONGE



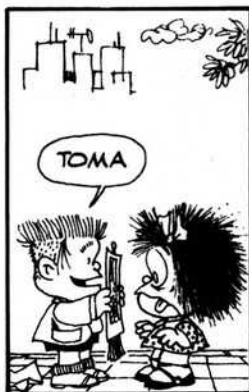
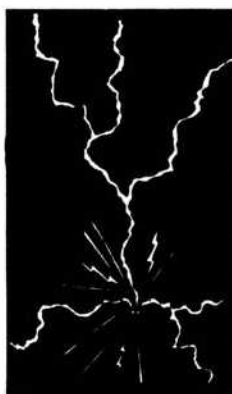








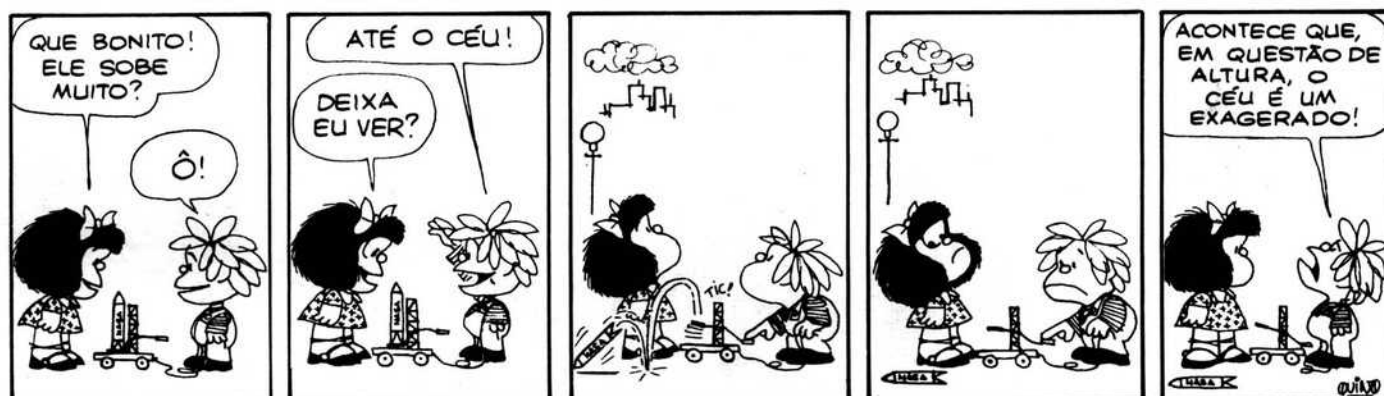


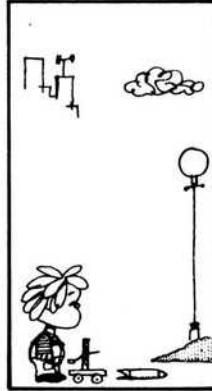
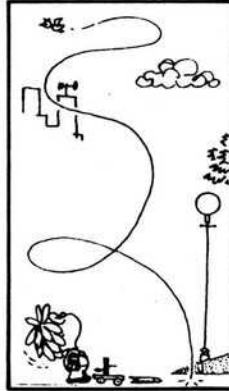
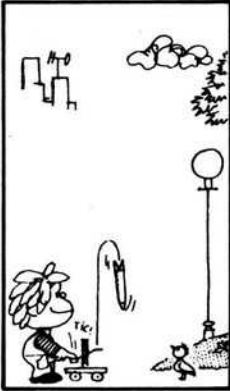
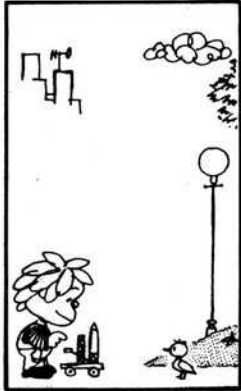


PSSST! O PAÍS TODO ESTÁ LA
FORA ESPERANDO! O QUE É QUE
EU DIGO? MANDO SENTAR?

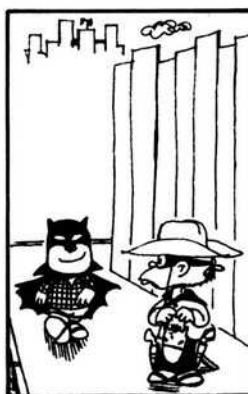
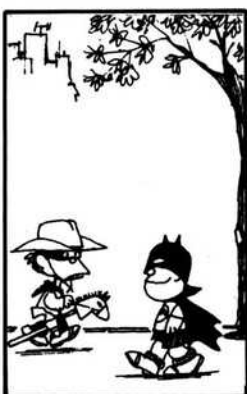
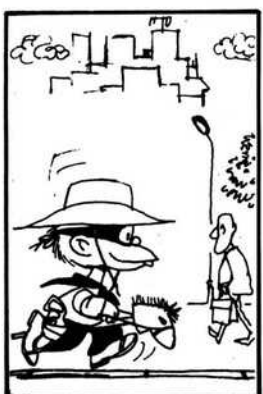














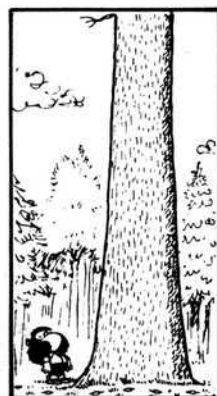
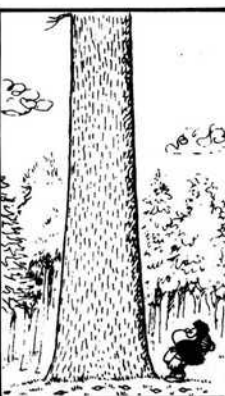
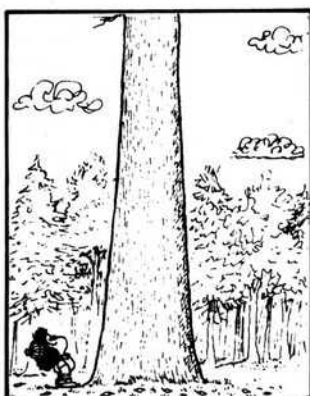


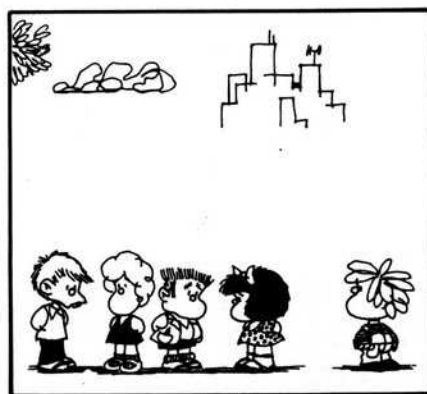




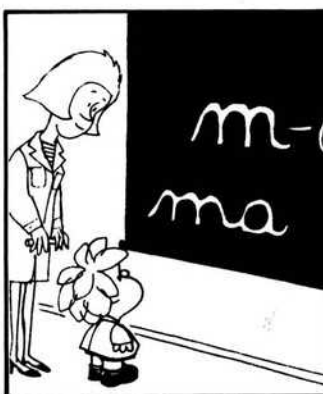
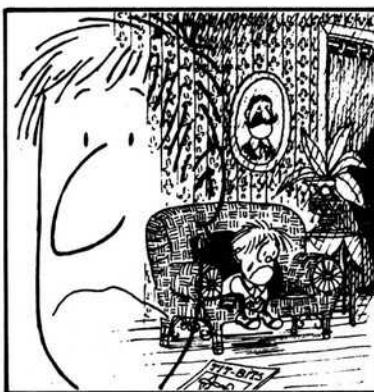










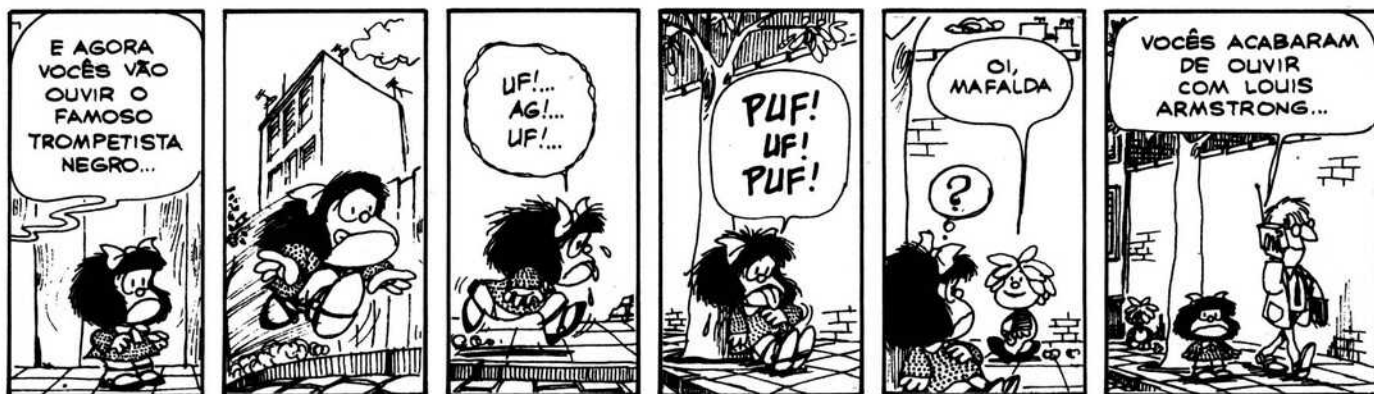


A black and white line drawing of a cartoon character with spiky hair, wearing a striped shirt and pants. The character is pointing their right index finger upwards. A speech bubble is positioned to the right of the character's head.

PARA NÃO
CANSAR,
AGORA É A
MINHA VEZ!

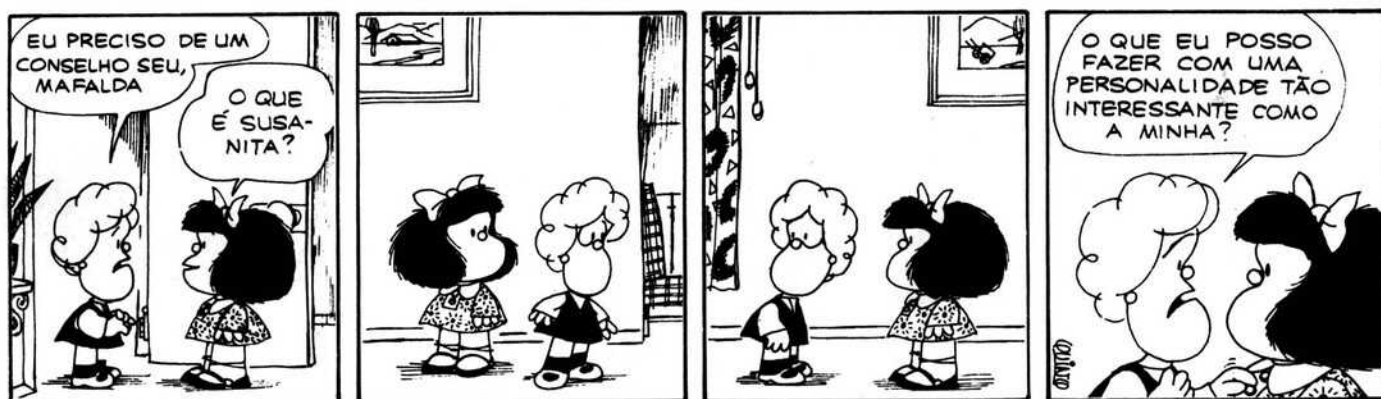




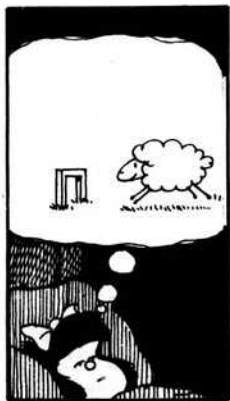






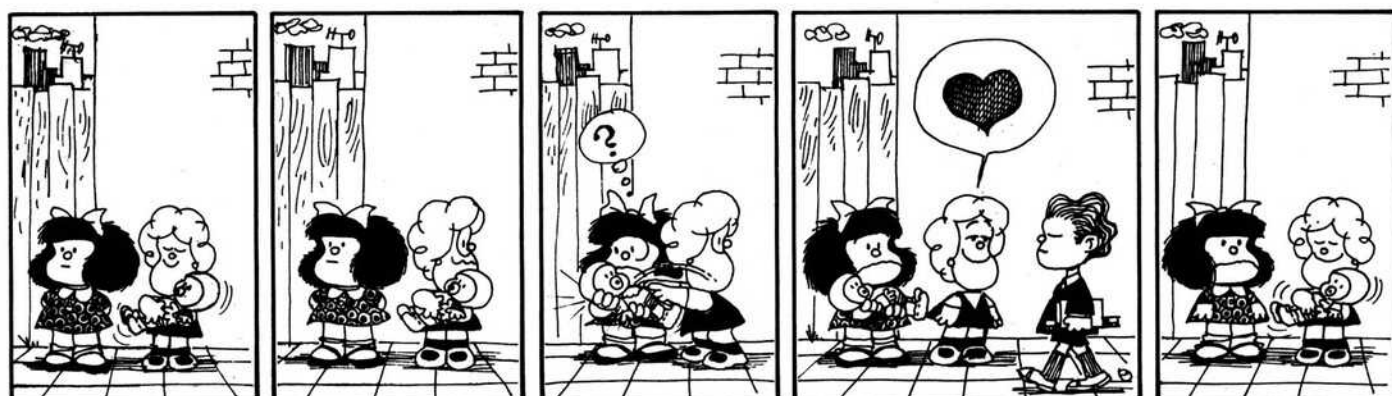
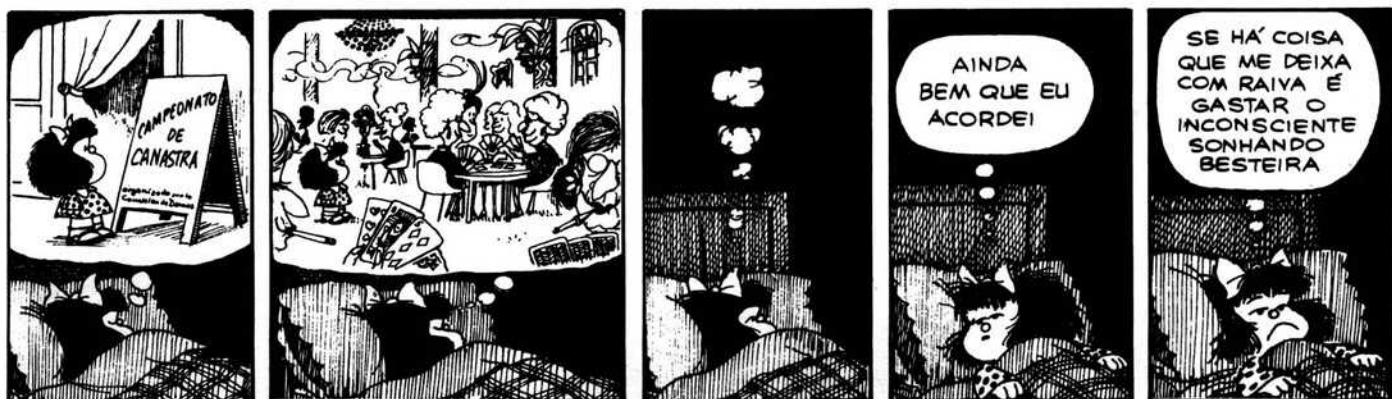












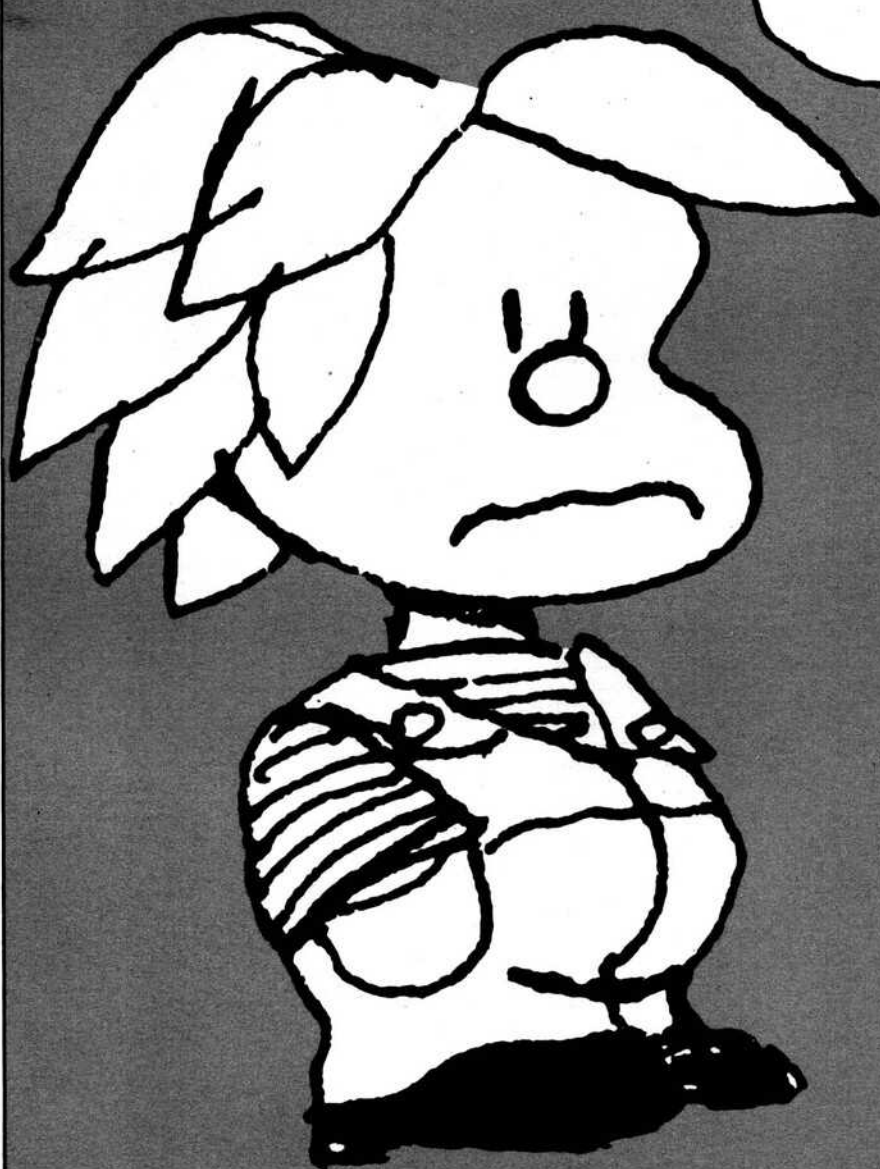








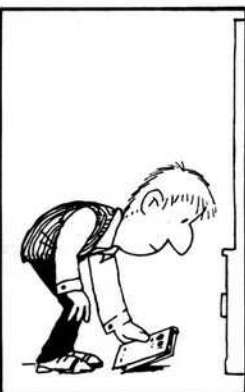
ACHO QUE TENHO
UM COMPLEXO
DE "ÉDOPO?..."



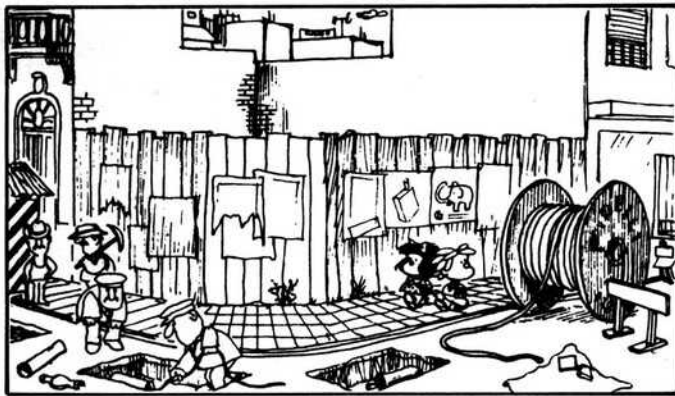
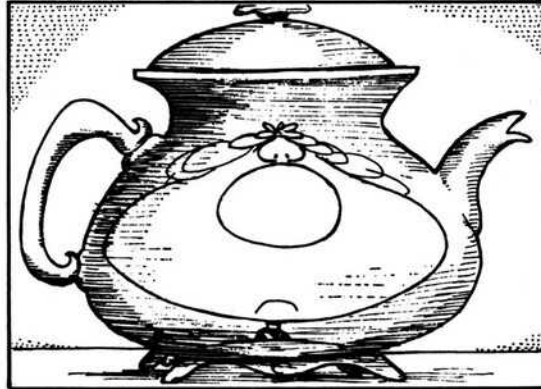
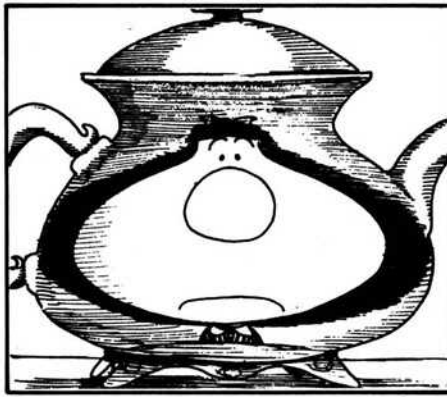


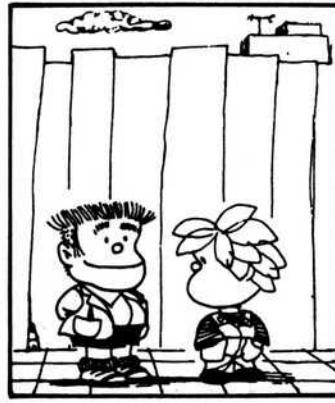




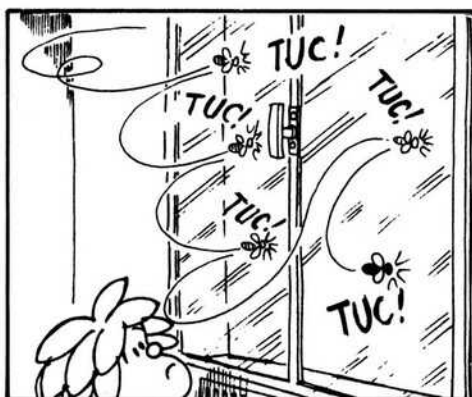








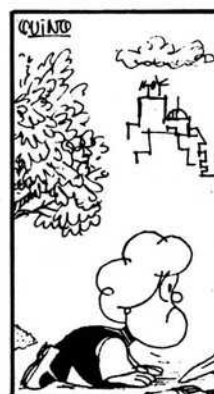
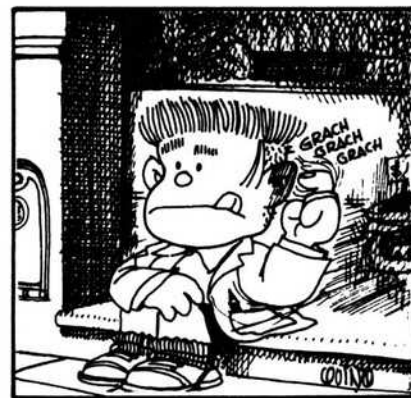










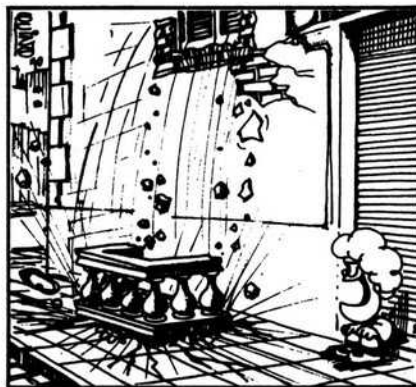








E SE EU DISSESSE, HEIN?
E SE EU APROVEITASSE A CHANCE
PARA DIZER QUE O ARMAZÉM DON
MANOLO TEM PREÇOS ÓTIMOS,
HEIN?

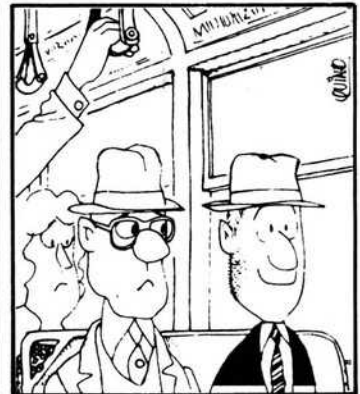


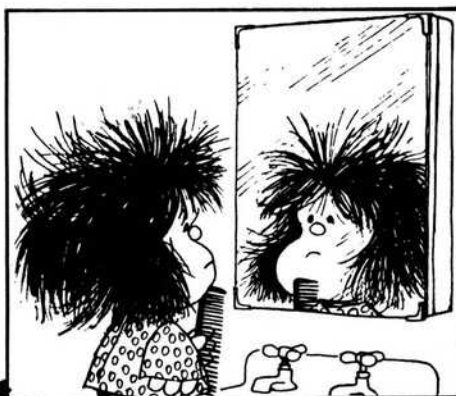


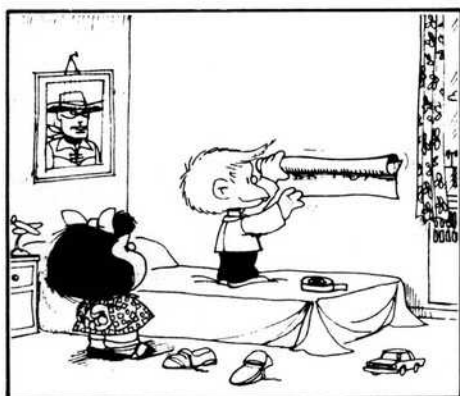


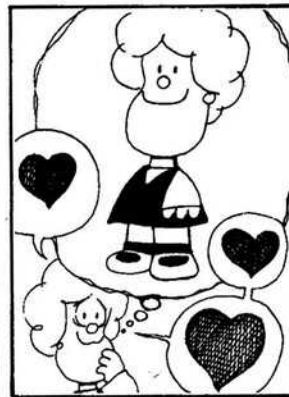
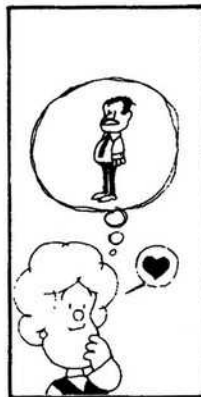
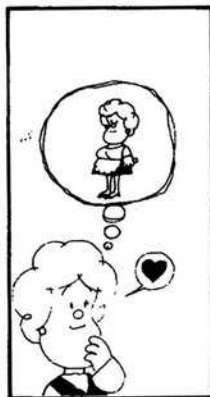
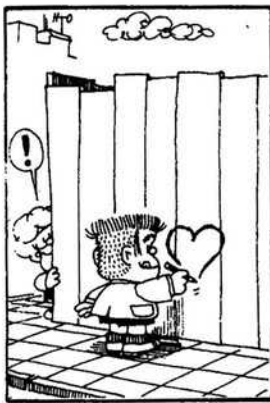






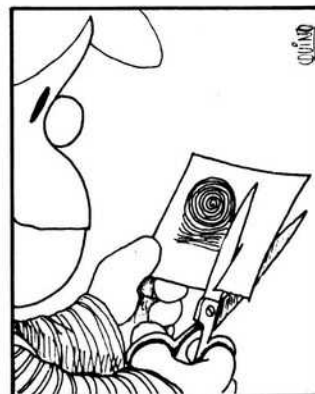
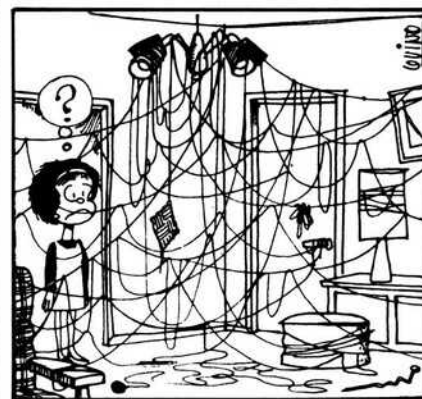


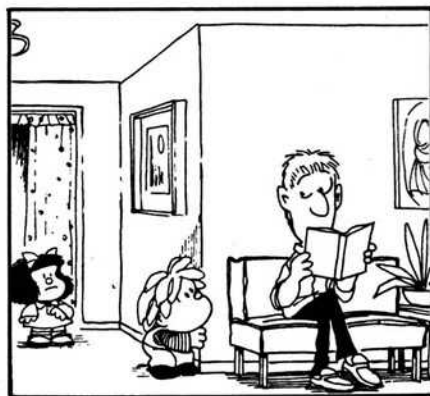
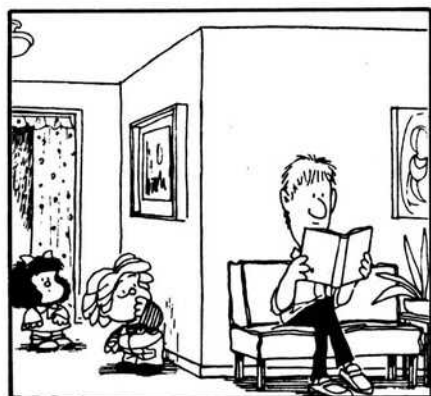
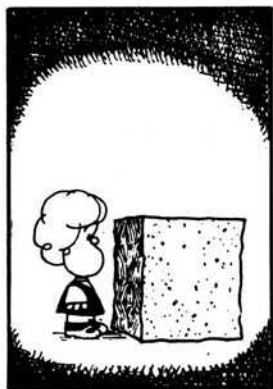






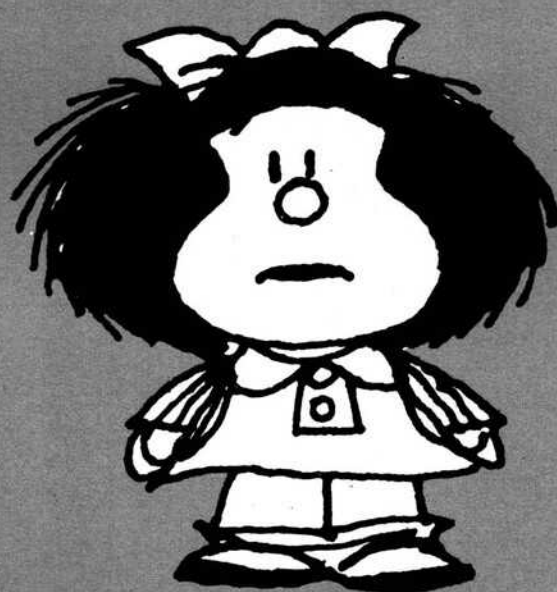


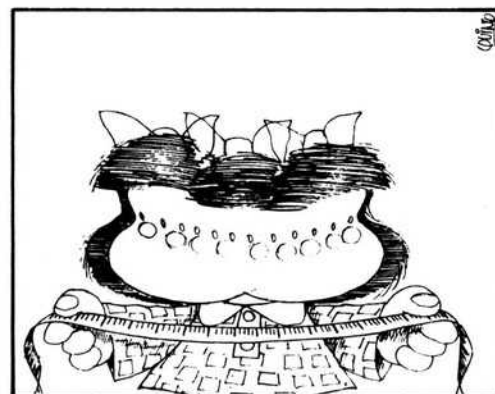




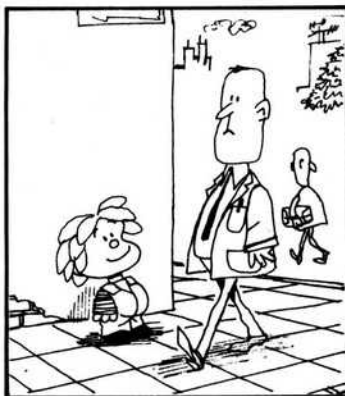


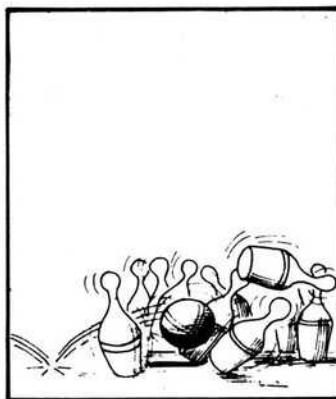
EU DIREI QUE... MAS
É MELHOR NÃO CONTAR
O ARGUMENTO, NÃO É MESMO?



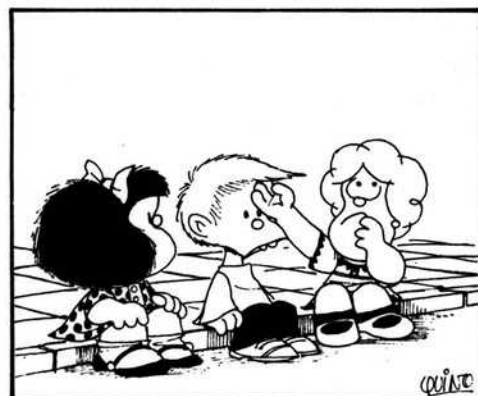
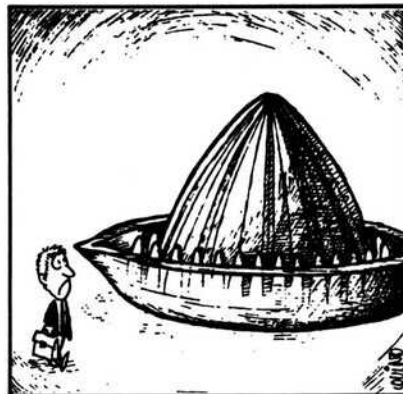


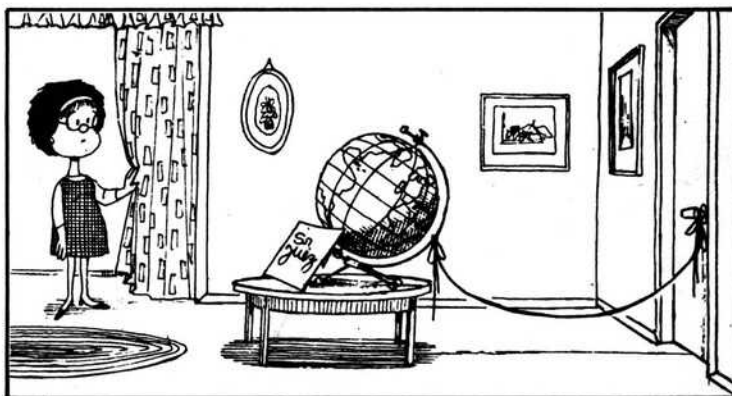






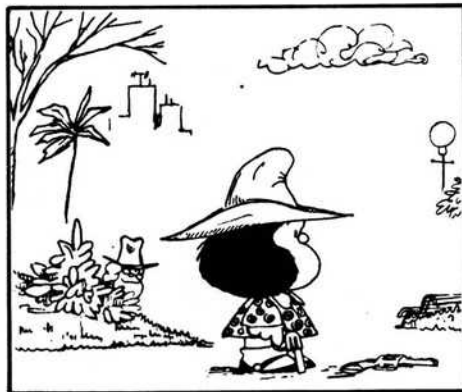








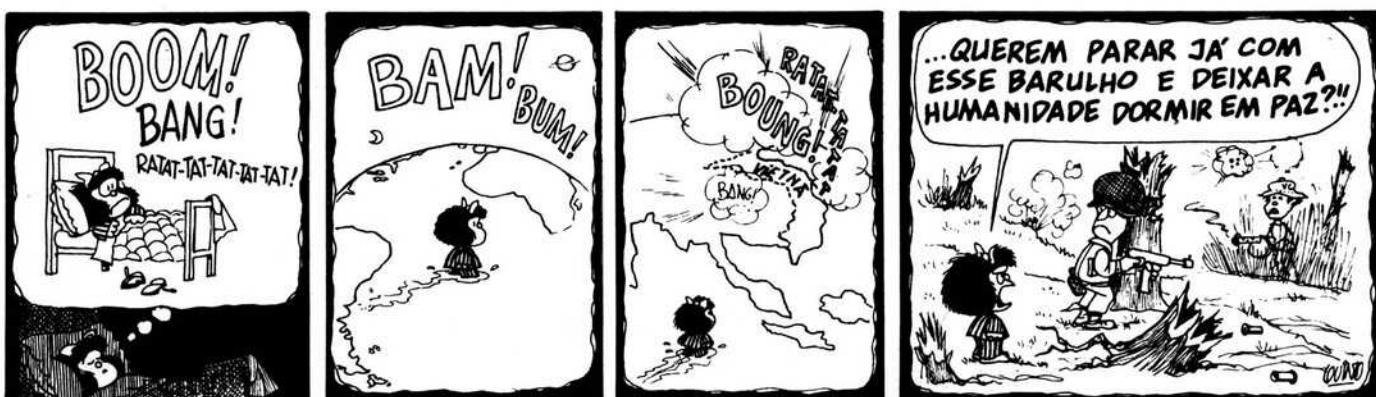






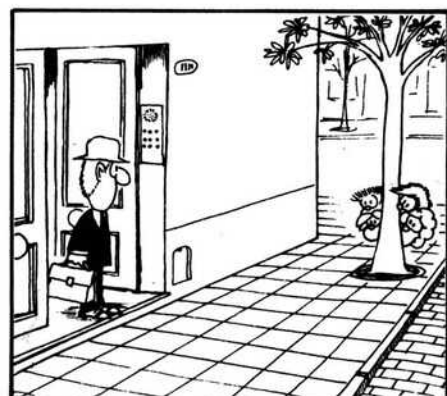






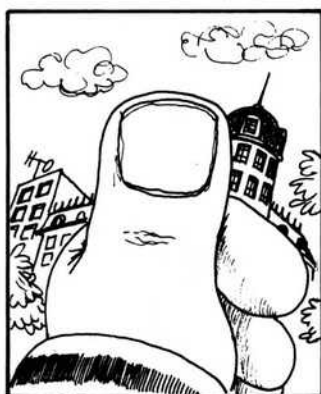


O VERÃO ME DISSE QUE
ESTE ANO NOS DIAS ABAFADOS
VAI SE USAR MUITO
A ANGÚSTIA
PRÊT-À-PORTER

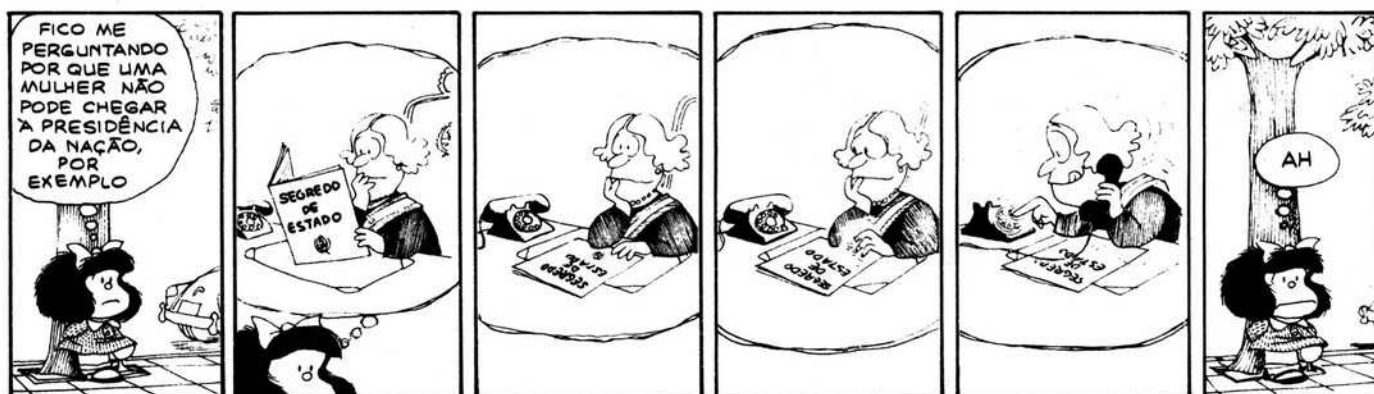


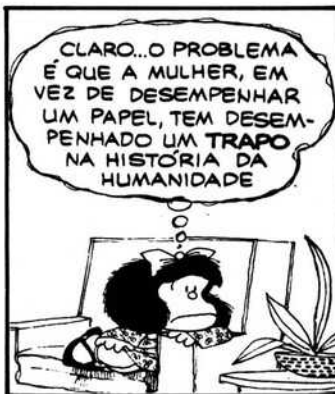












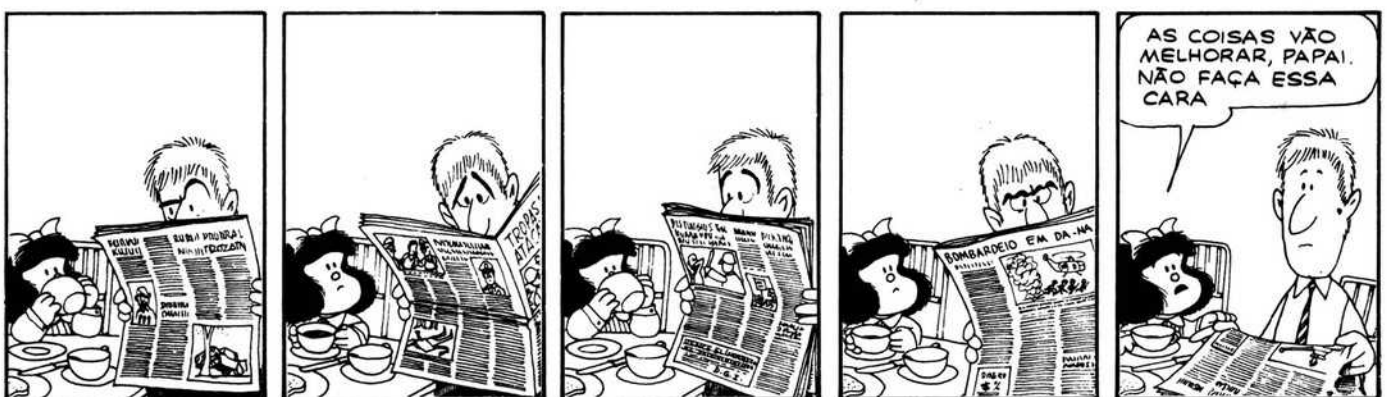
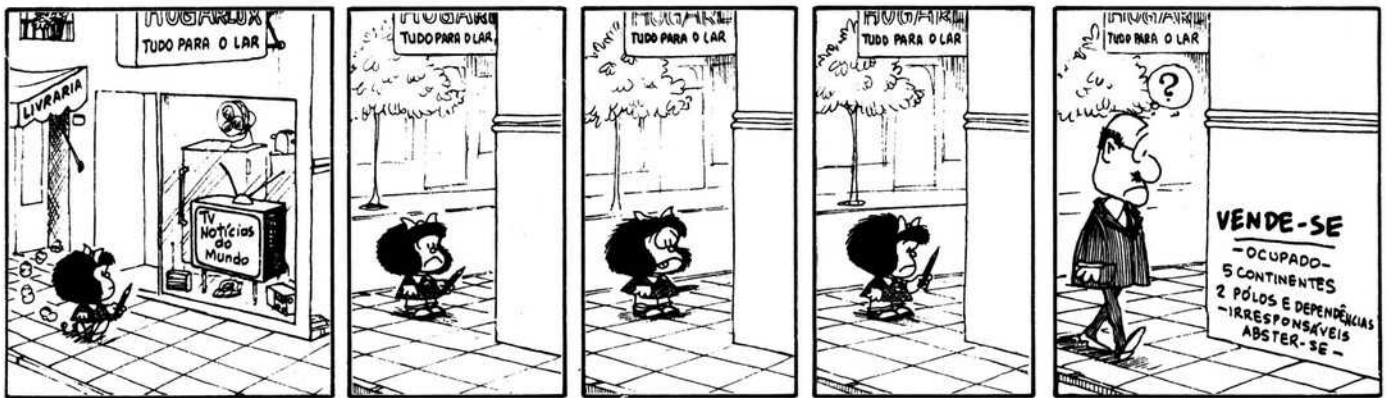


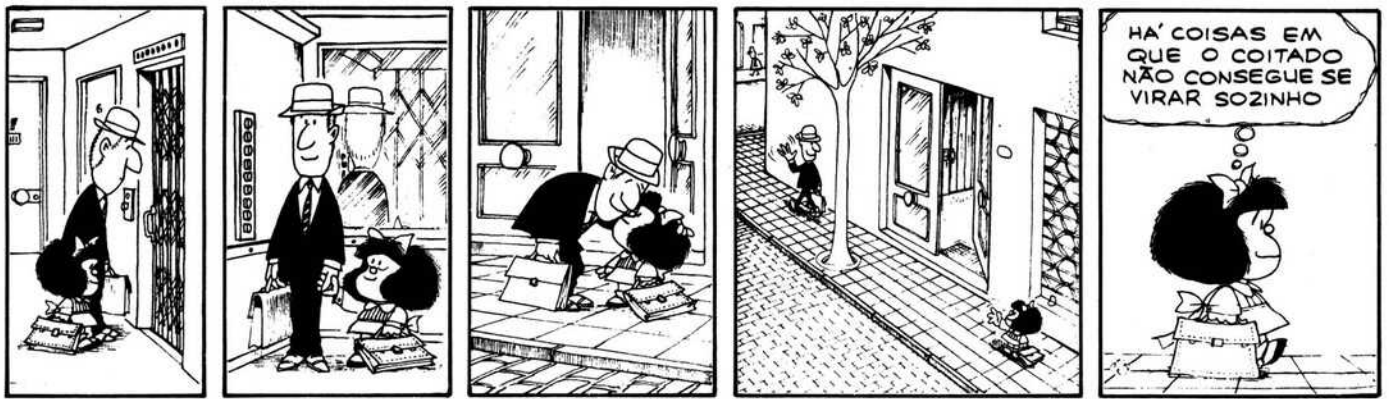










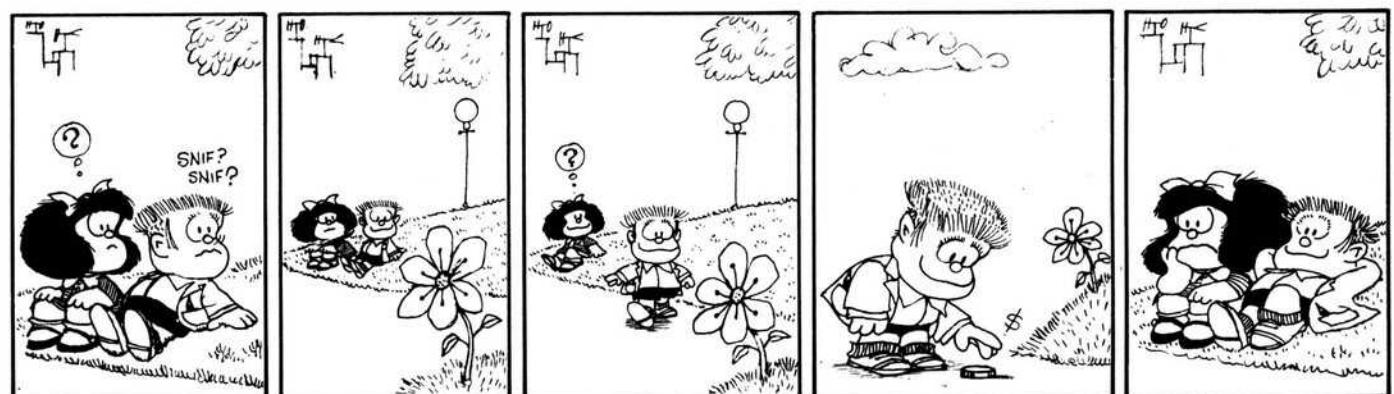
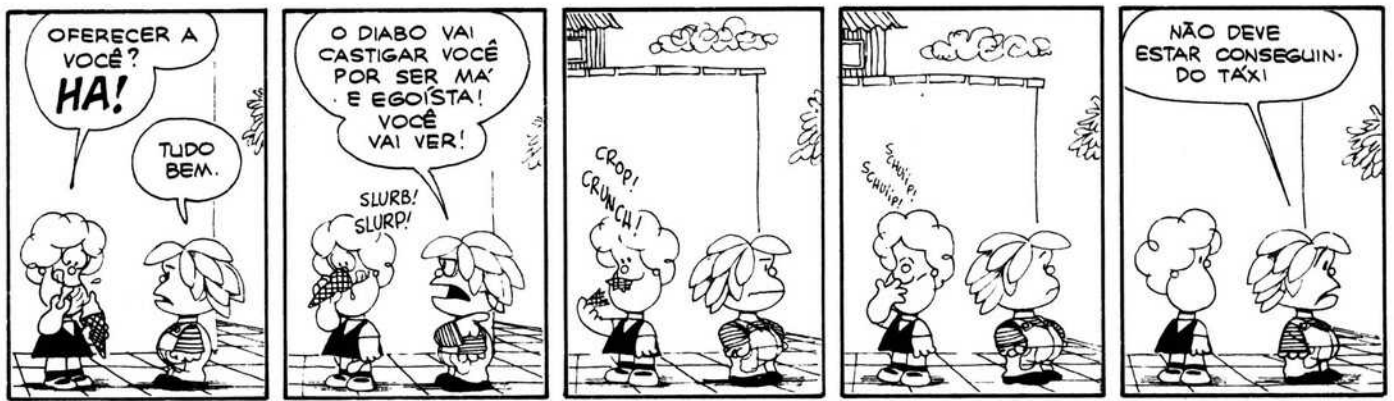


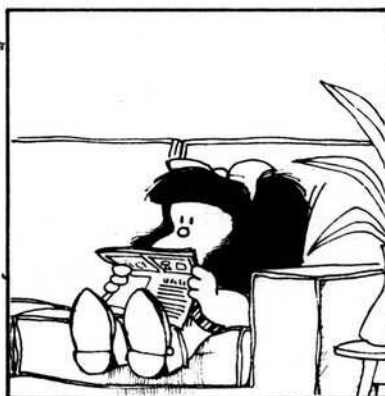
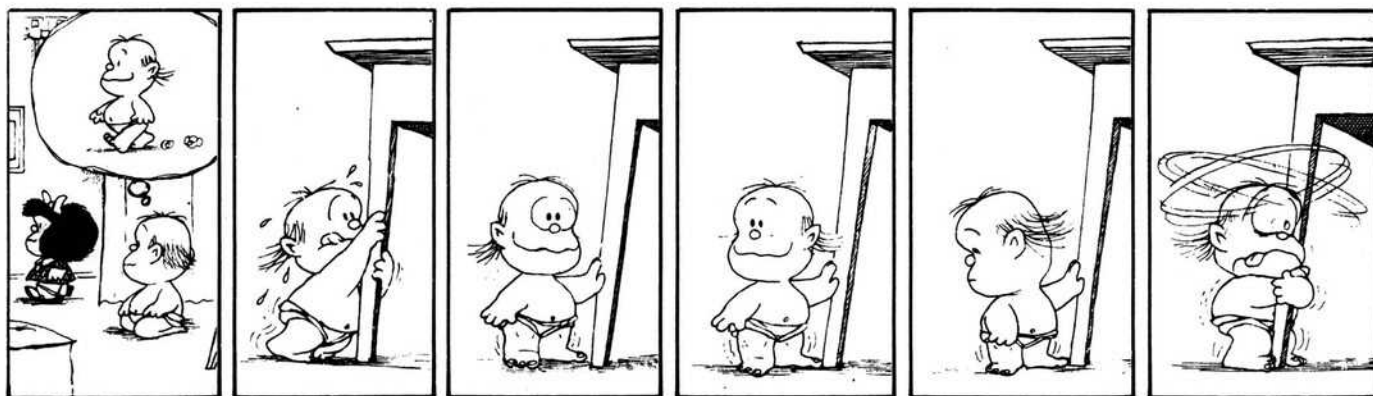


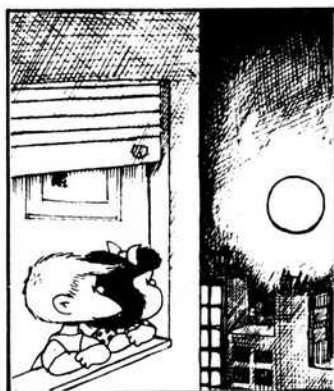
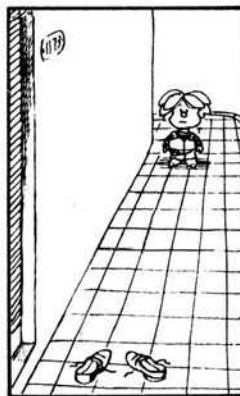
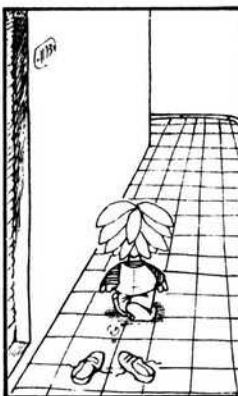
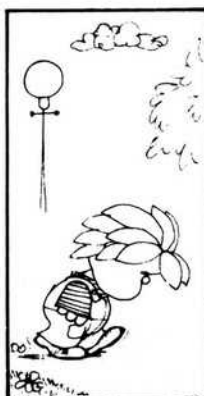
GUBIDA
IPU MAMA
ITE?

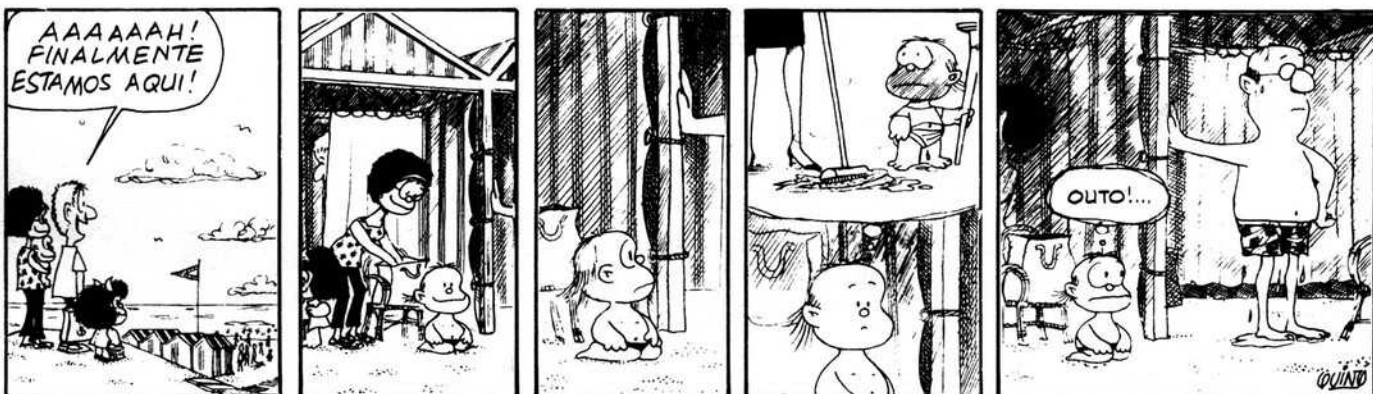
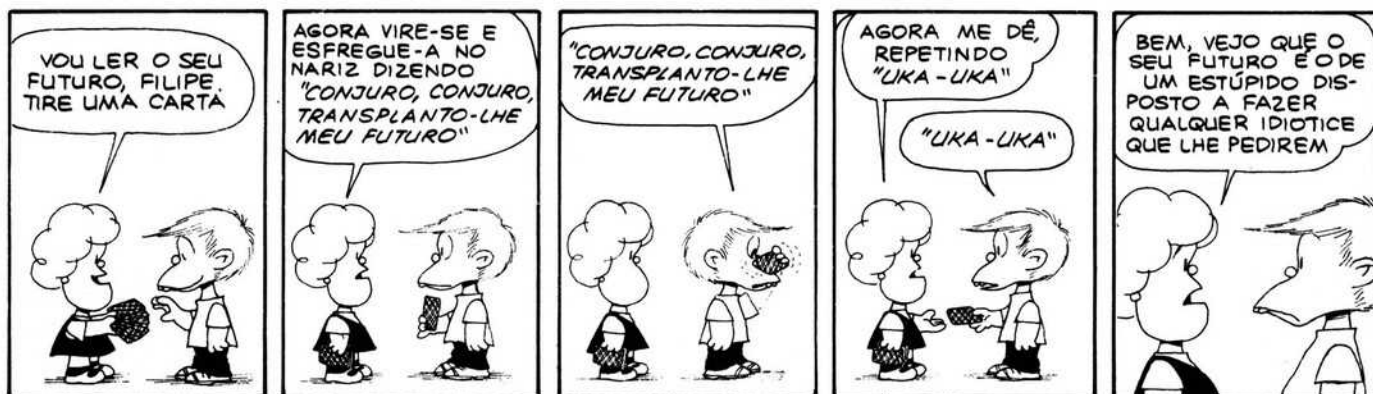


CACA!





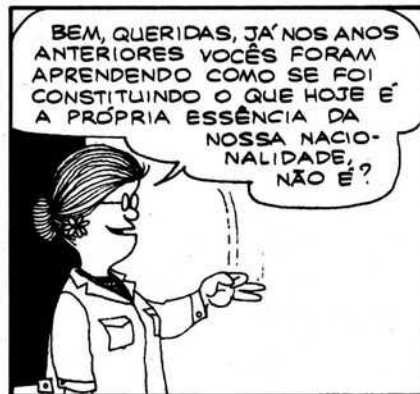










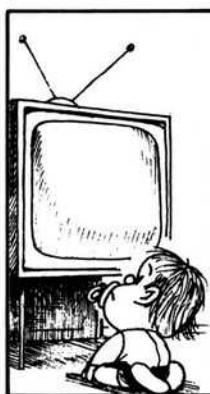
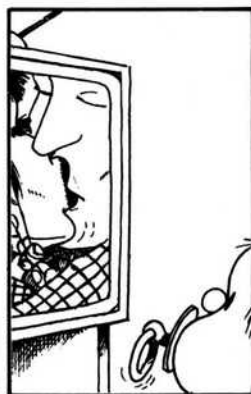
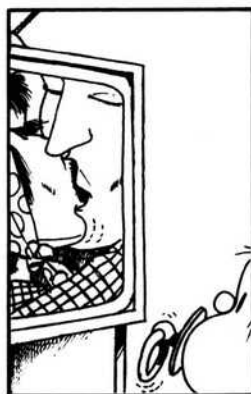


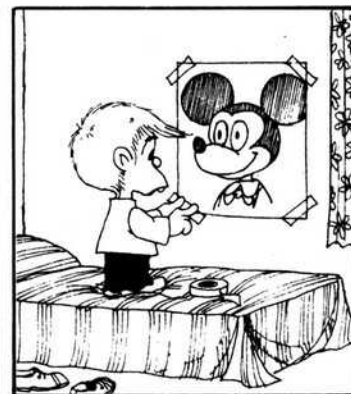


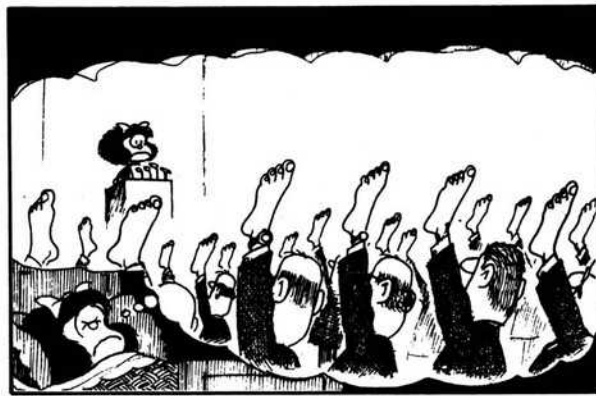












BEM, E POR QUE NO ANO QUE VEM NÃO INICIAMOS DE UMA VEZ A TÃO ADIADA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR, HEIN?

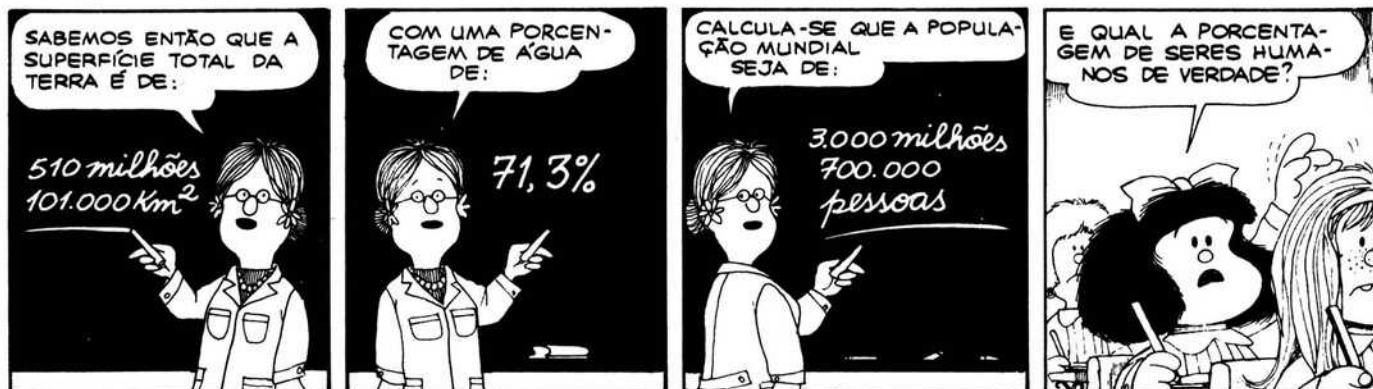


OU SERA' QUE ALGUM BOBOCA PÔS NOSSOS PLANOS A PERDER?



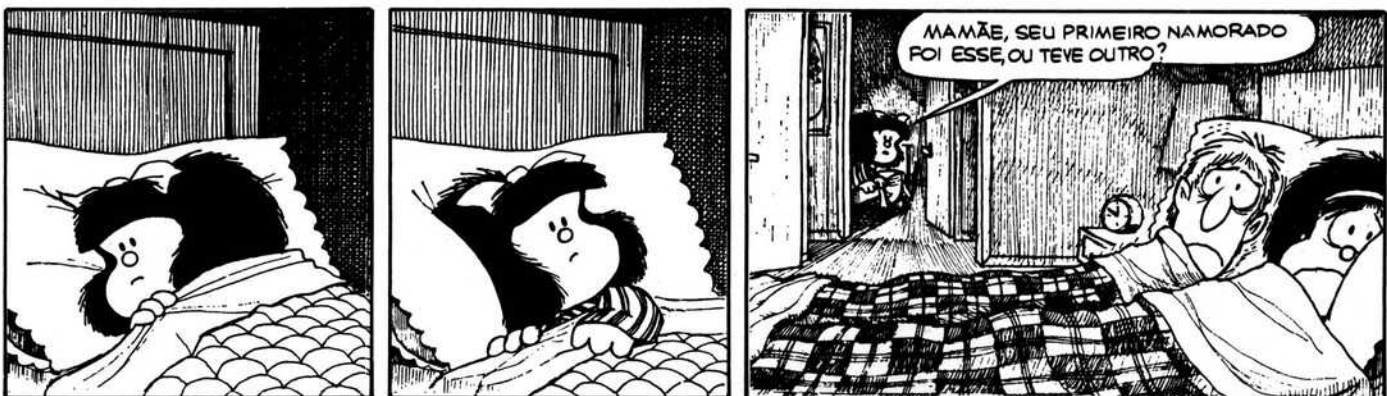
FALA-SE MUITO EM DEPOSITAR
CONFIANÇA, MAS NINGUÉM DIZ
QUANTO SE PAGA DE JUROS!





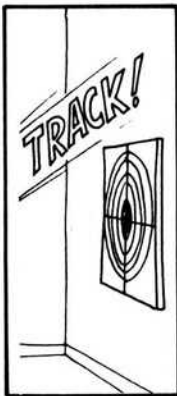
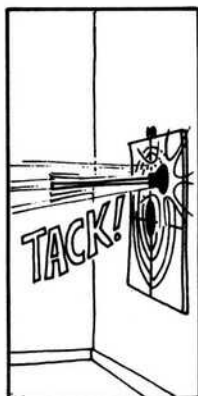


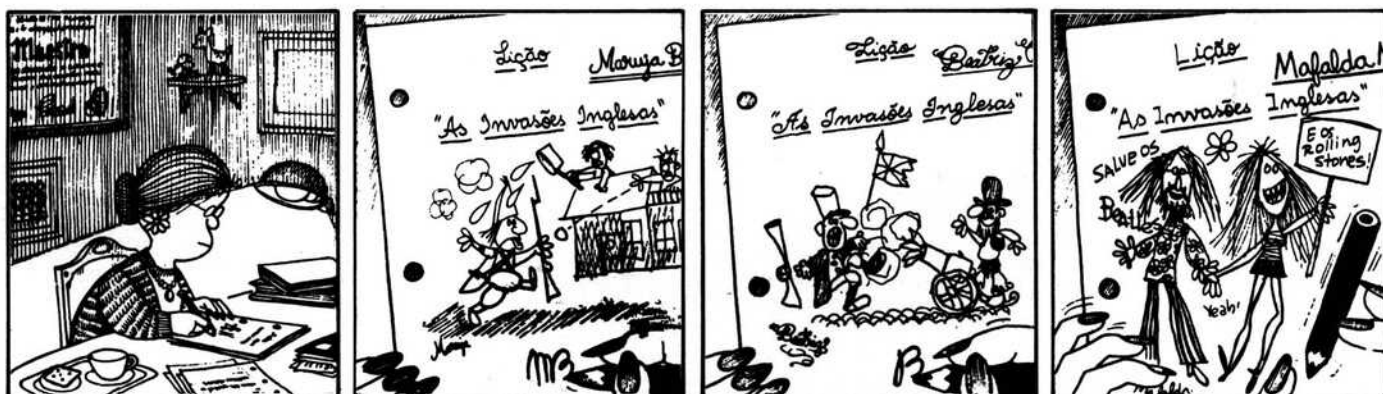
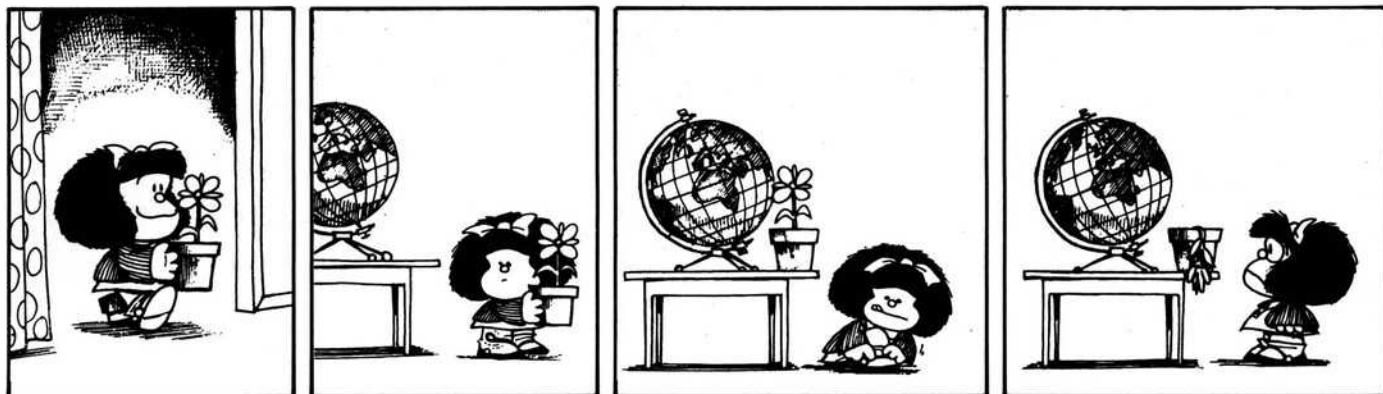
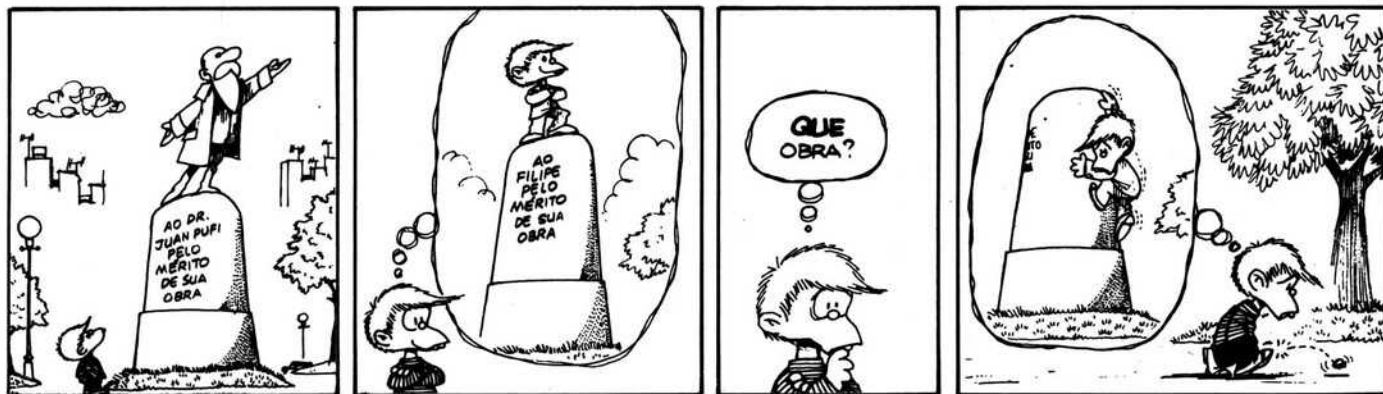


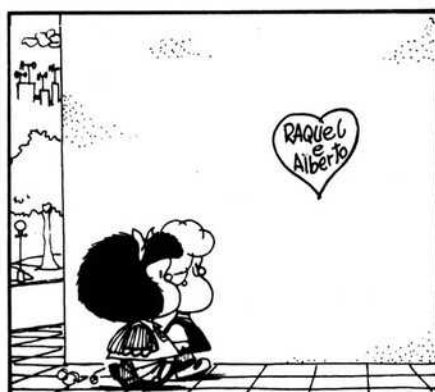




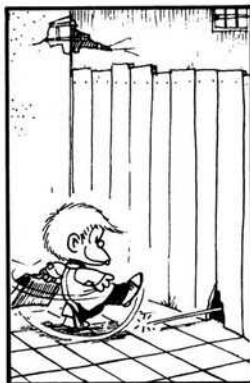
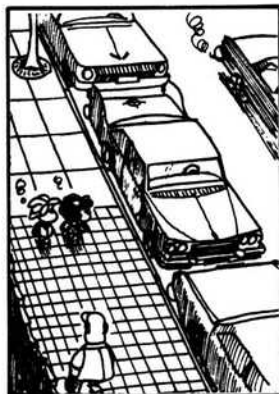




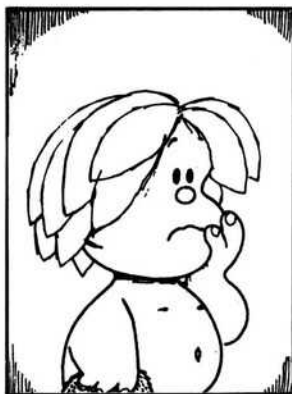












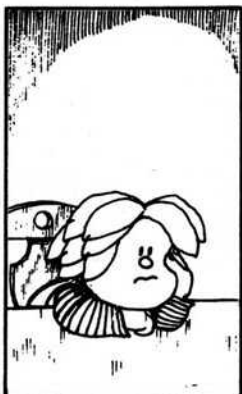
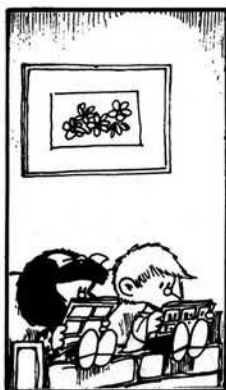


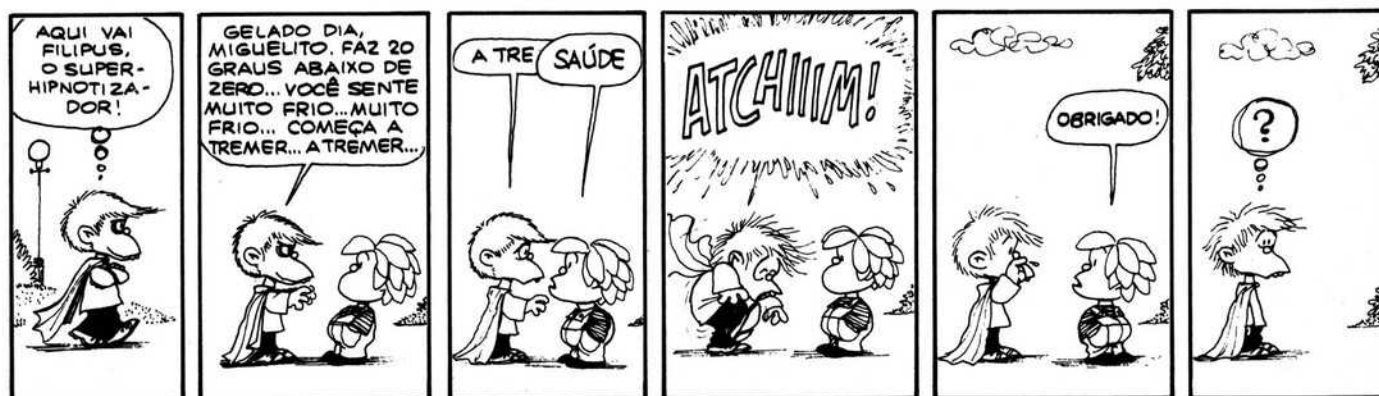


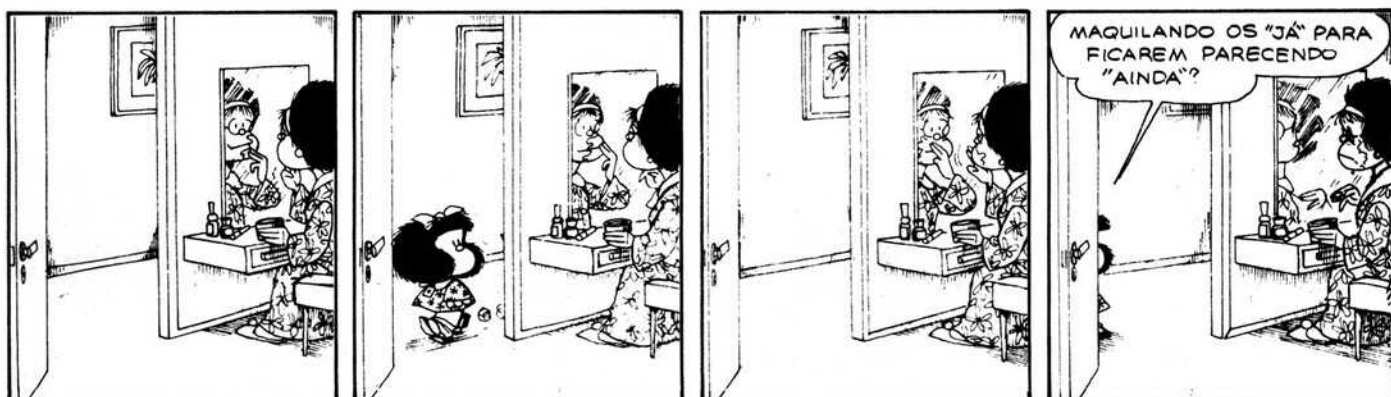
COMO SERÁ QUE SE CHAMA
A PARTE DE BAIXO DESSES BICHOS?
BARRIGA OU SOLA?

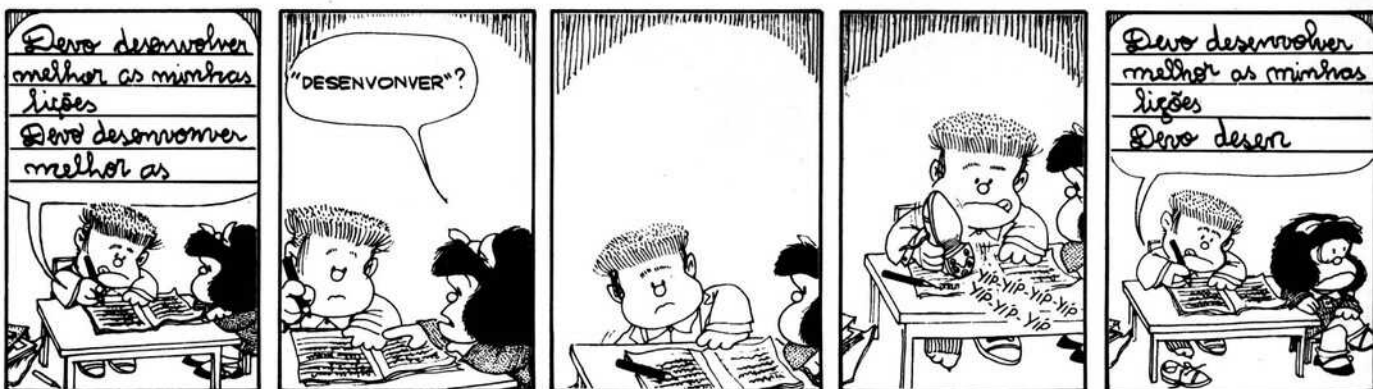


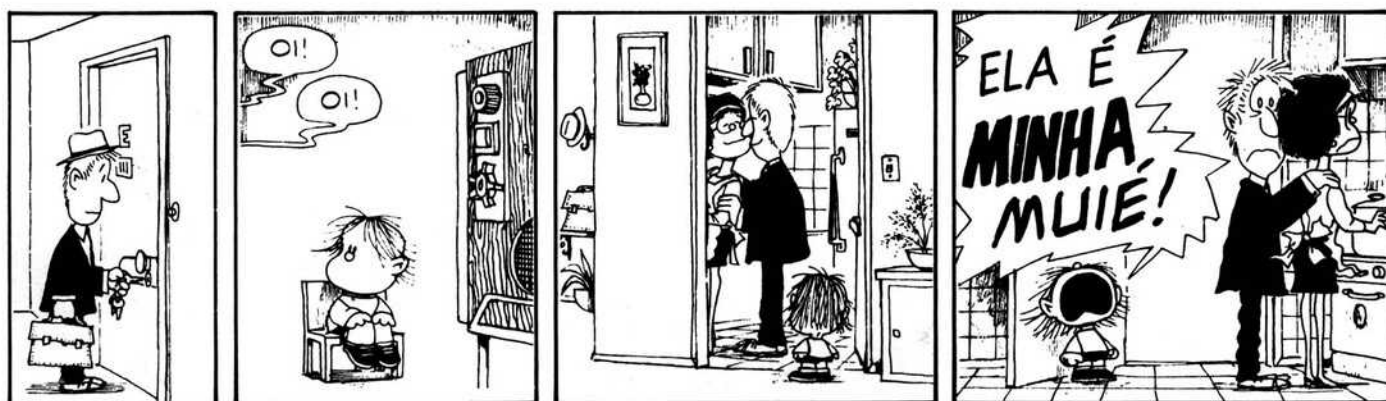


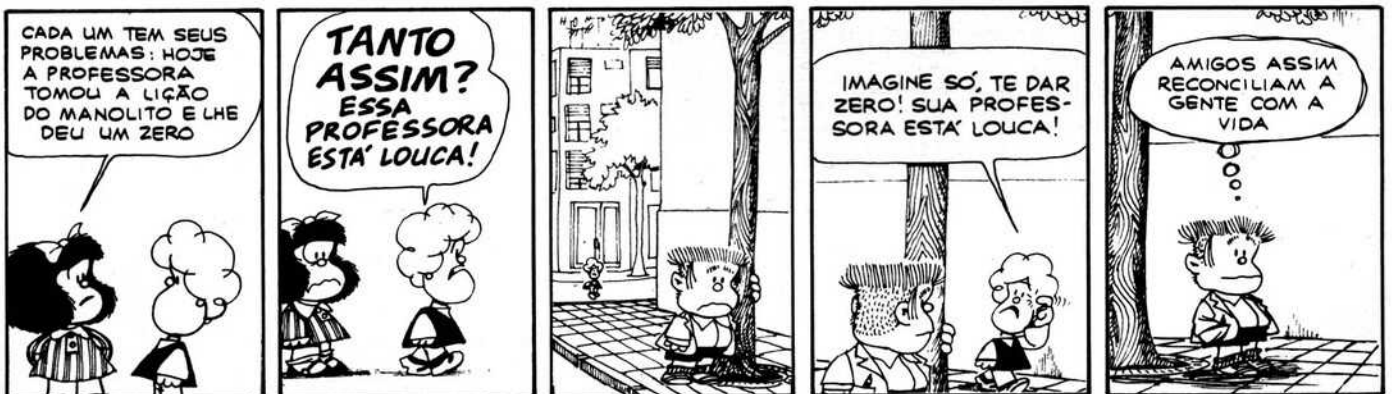
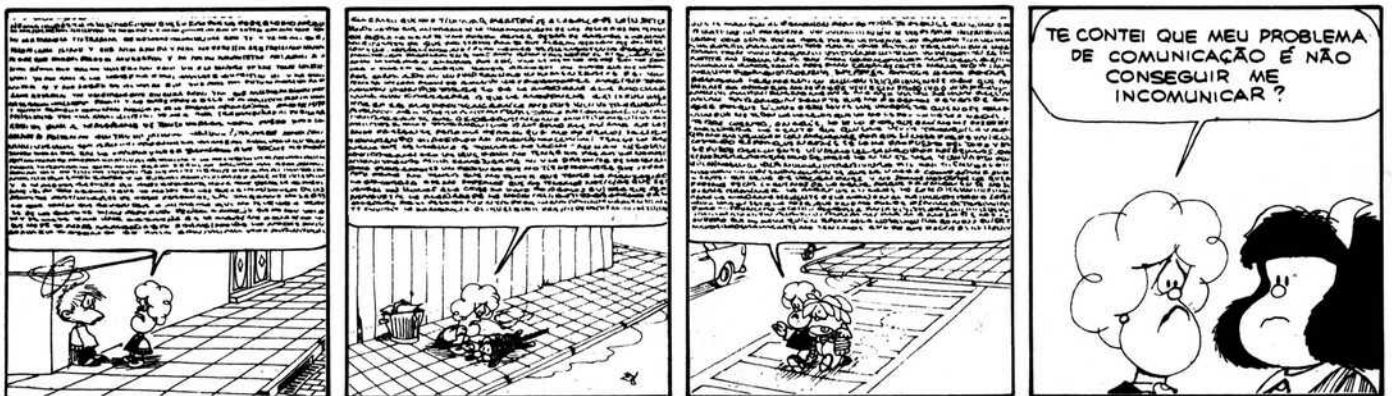








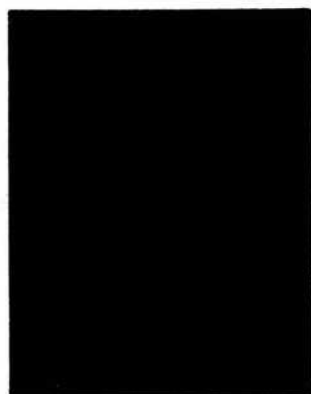




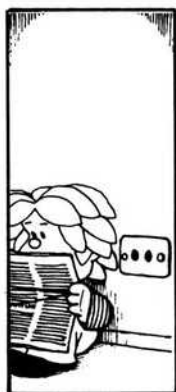


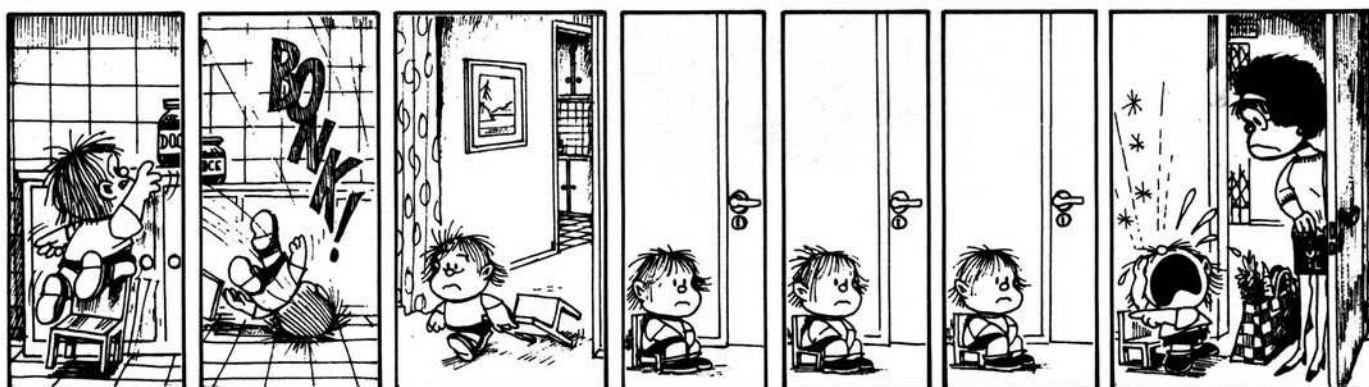


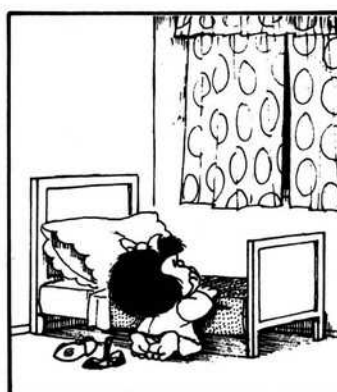
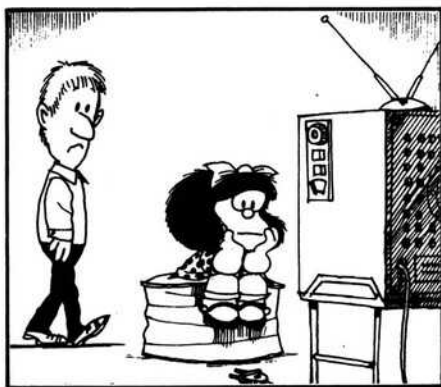






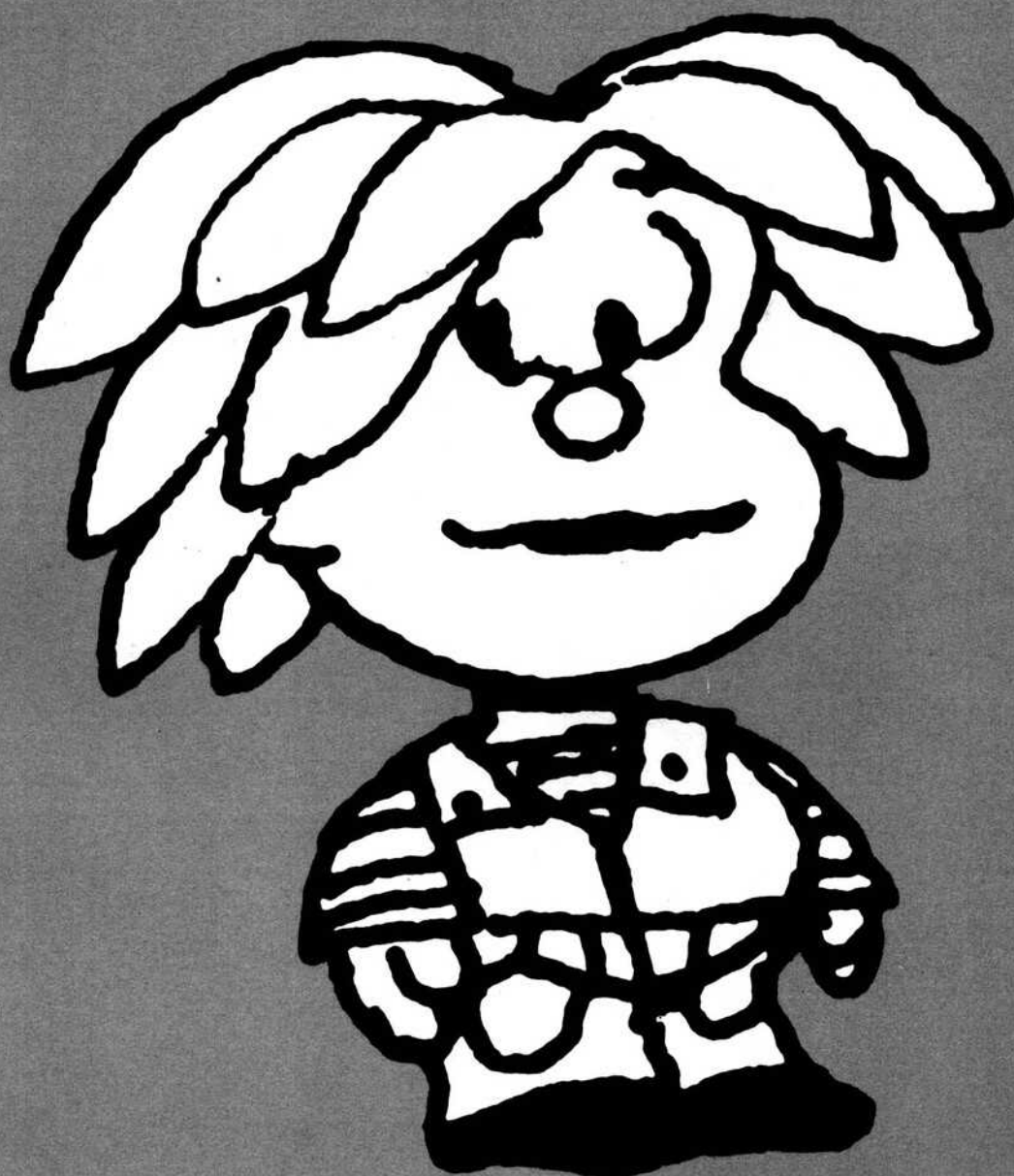


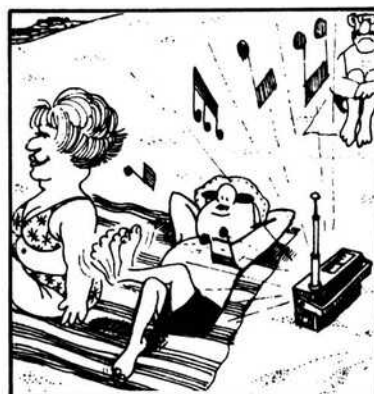


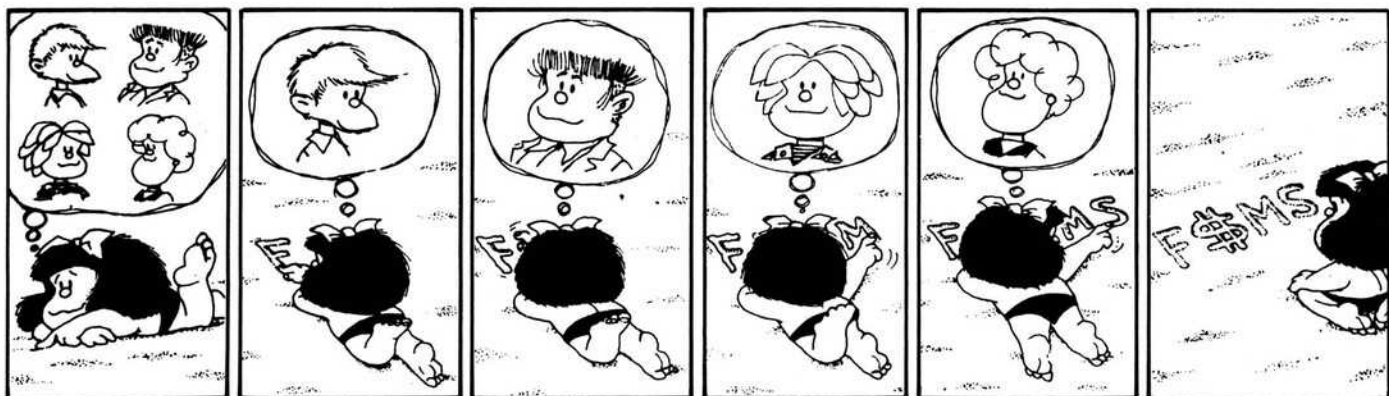




MEU CONSELHO É
QUE VOCÊS FIQUEM
SATISFEITOS SEM PERGUNTAR
POR QUÊ



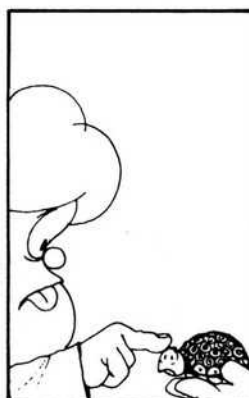


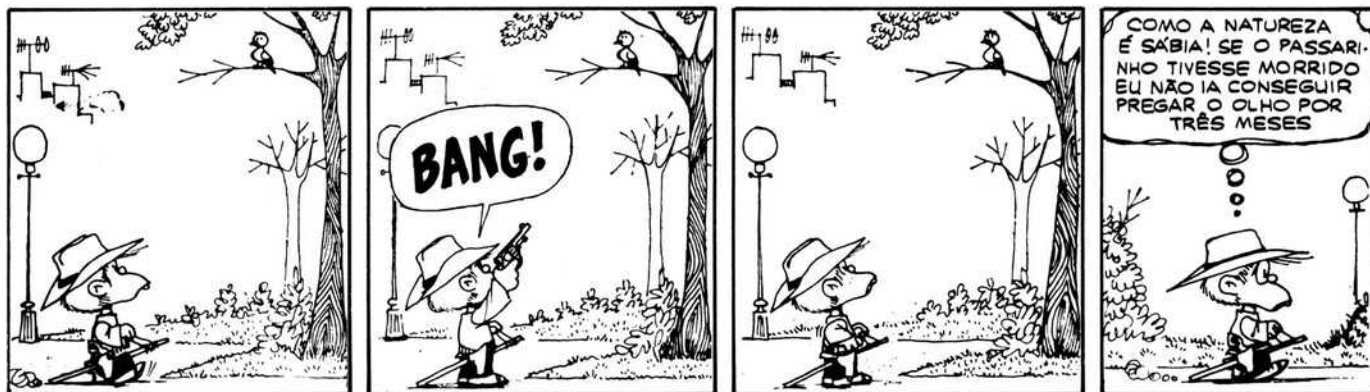




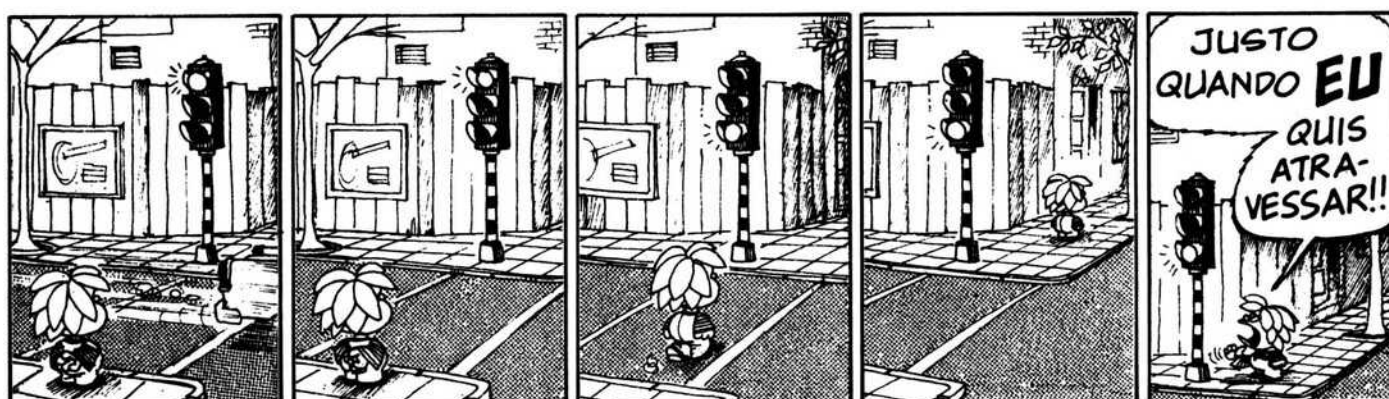


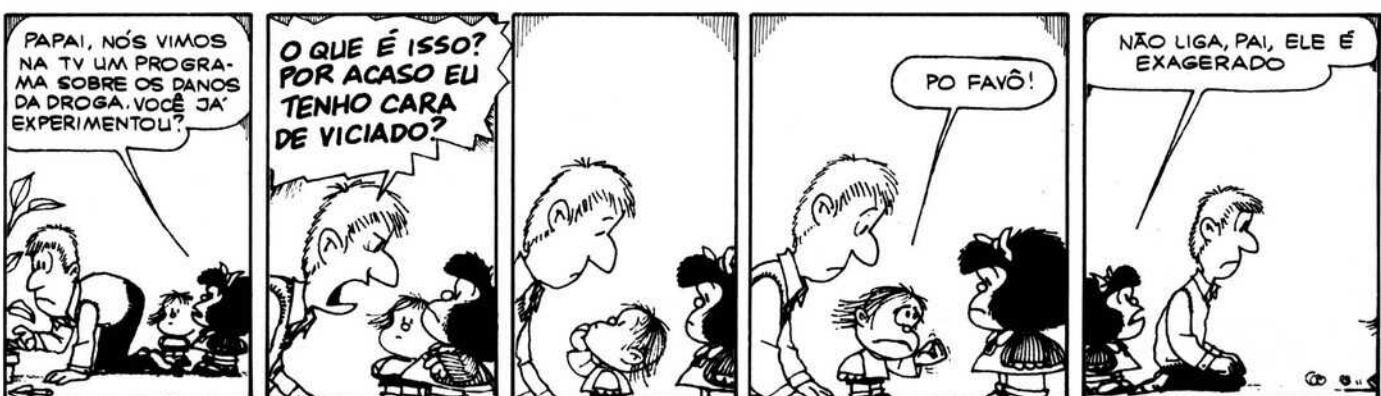




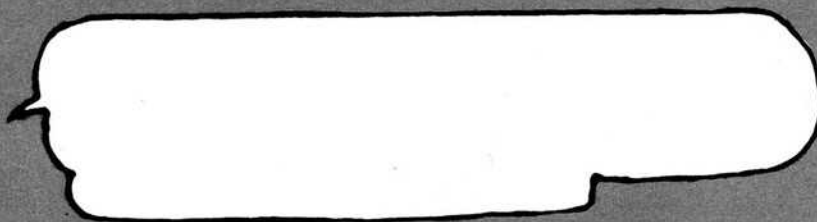
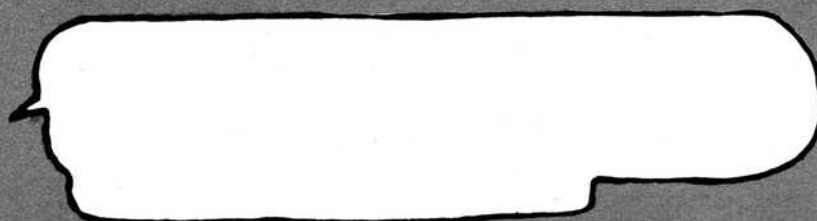






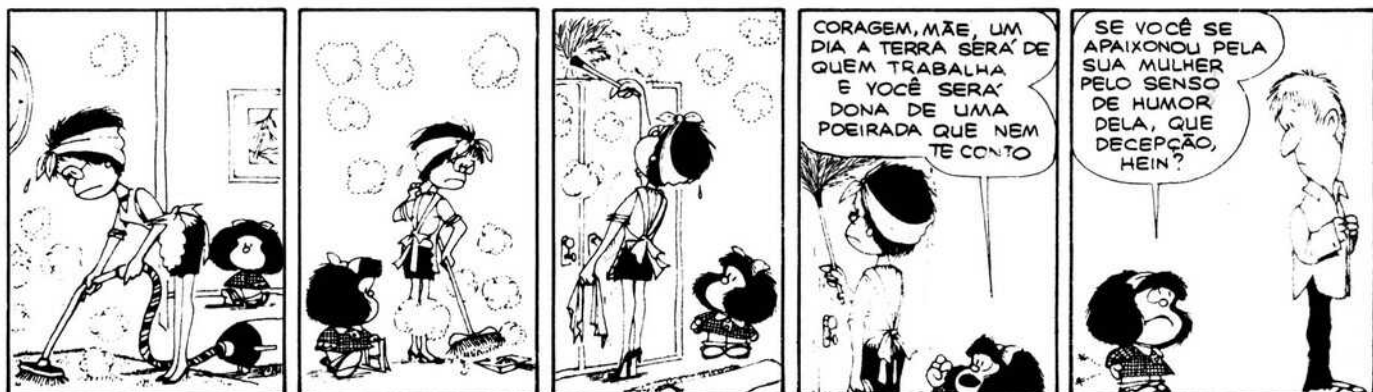


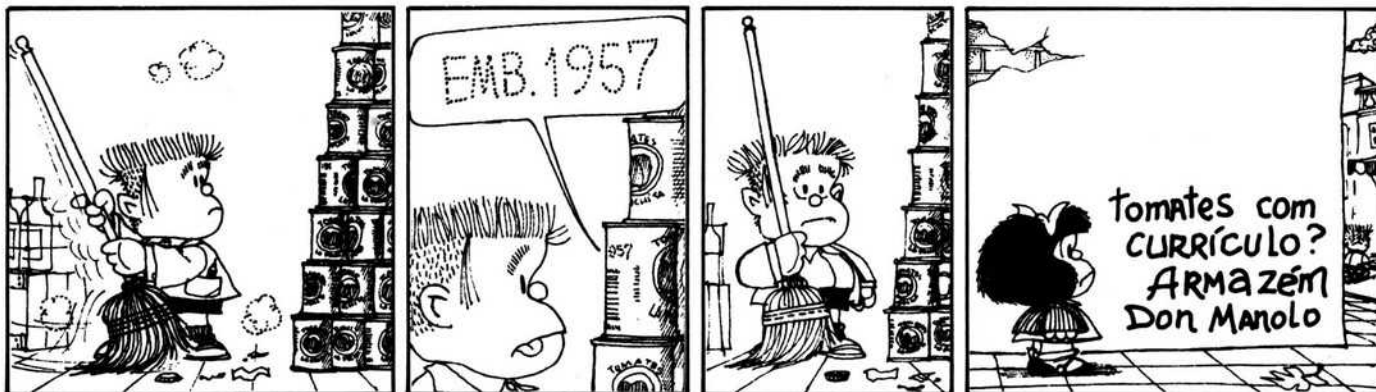


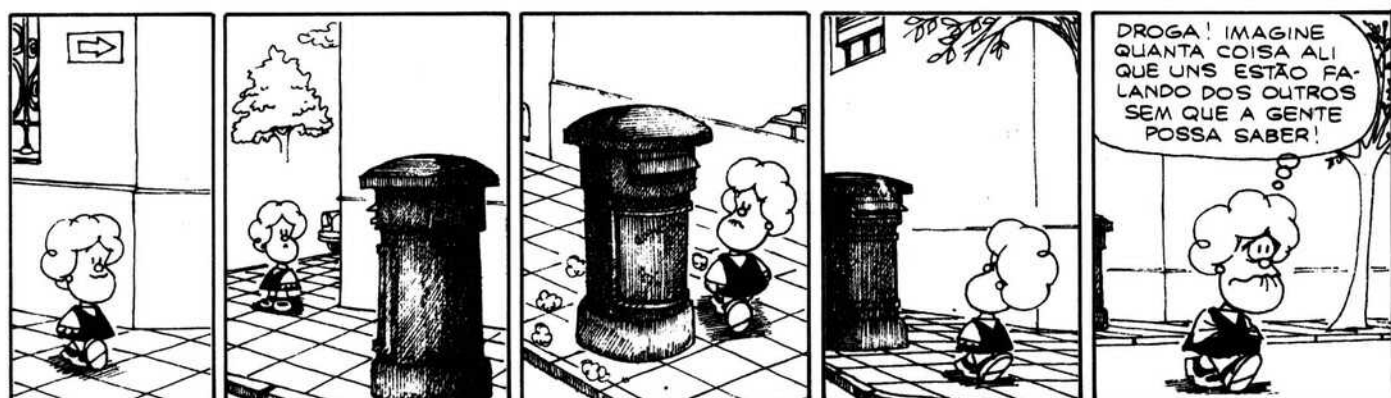
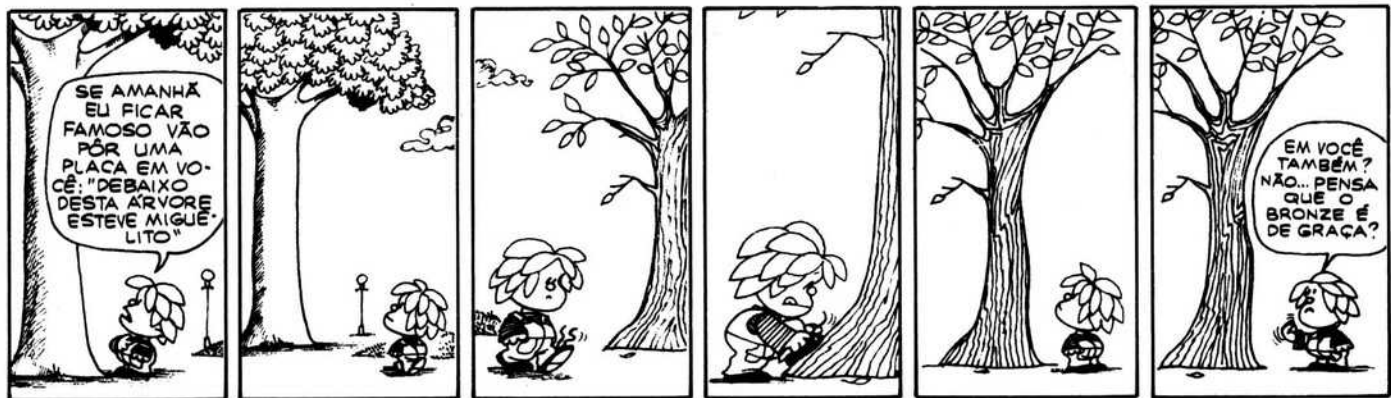


EU GOSTO DA SIMPLICIDADE DAS PESSOAS
SIMPLES. EU SOU SIMPLES, MAS NÃO É POR
ISSO QUE EU GOSTO DAS PESSOAS SIMPLES.
NA VERDADE, EU GOSTO DELAS PELA
SIMPLES RAZÃO DE QUE...

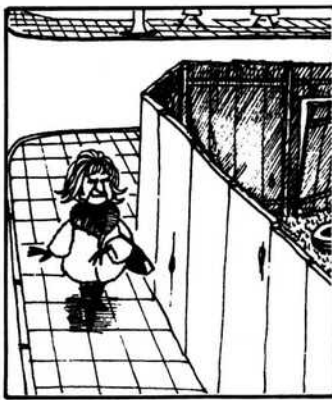


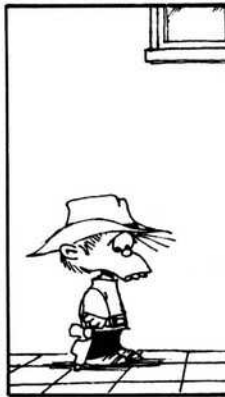




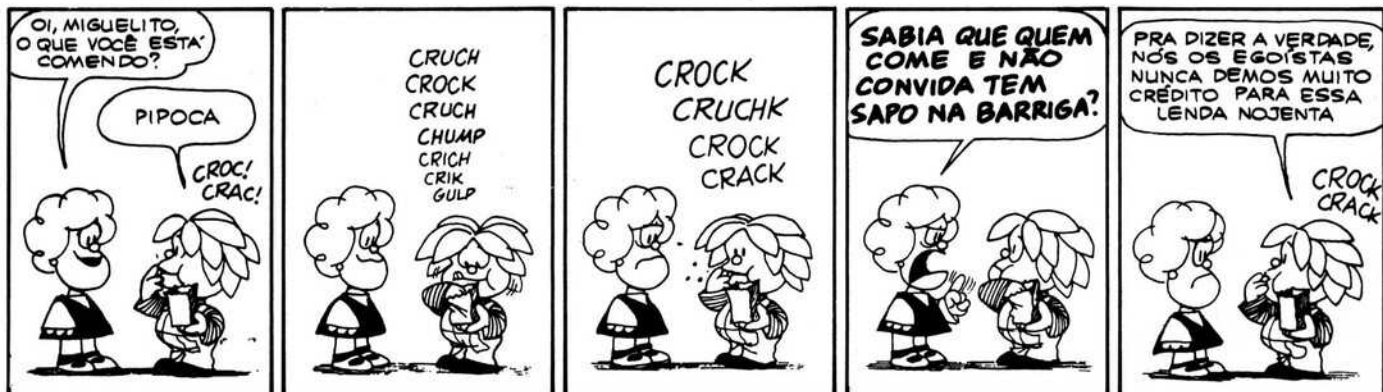


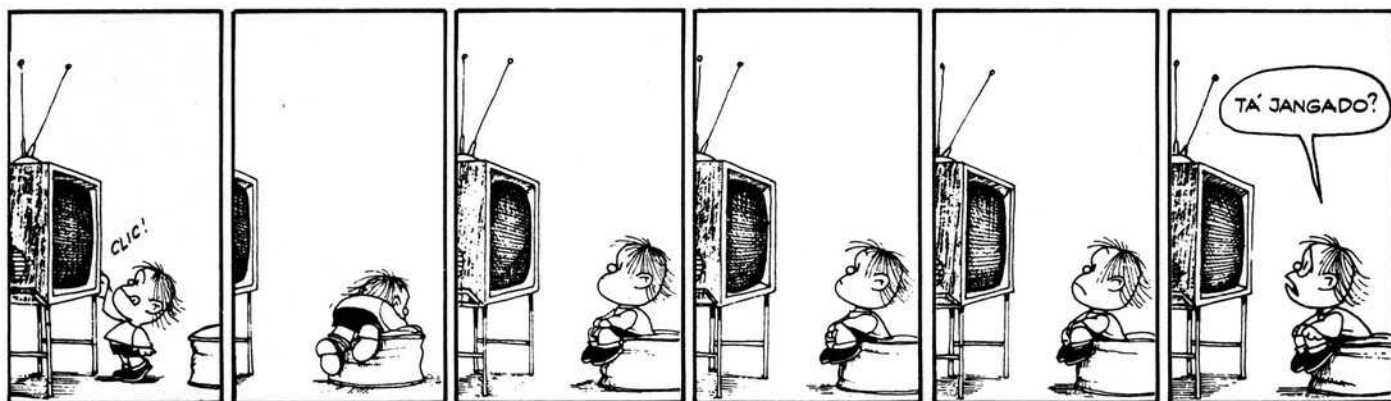


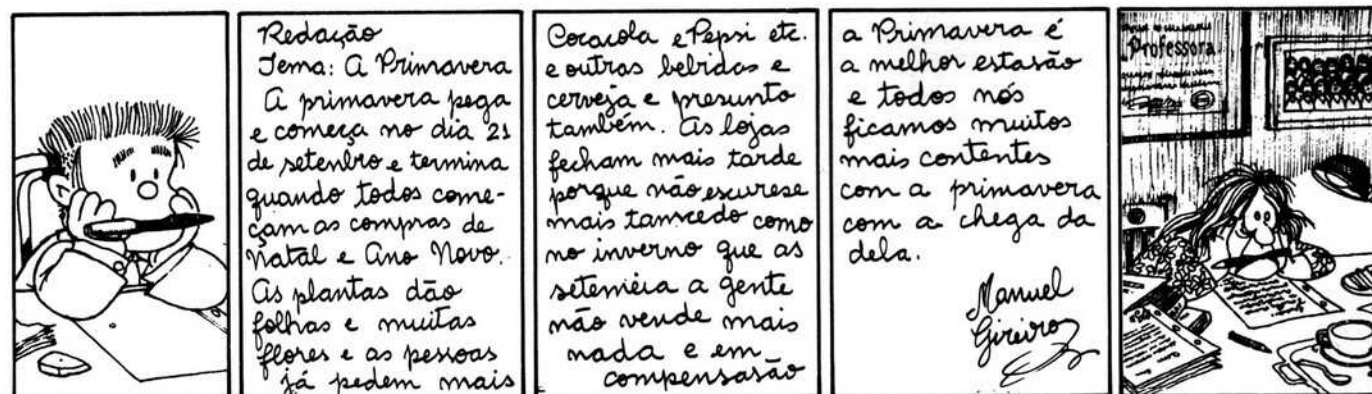
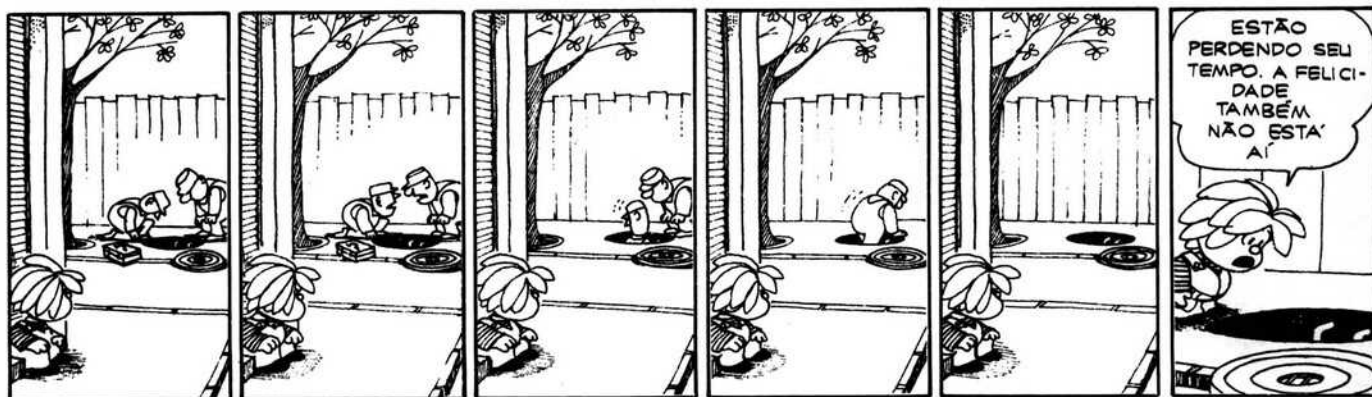










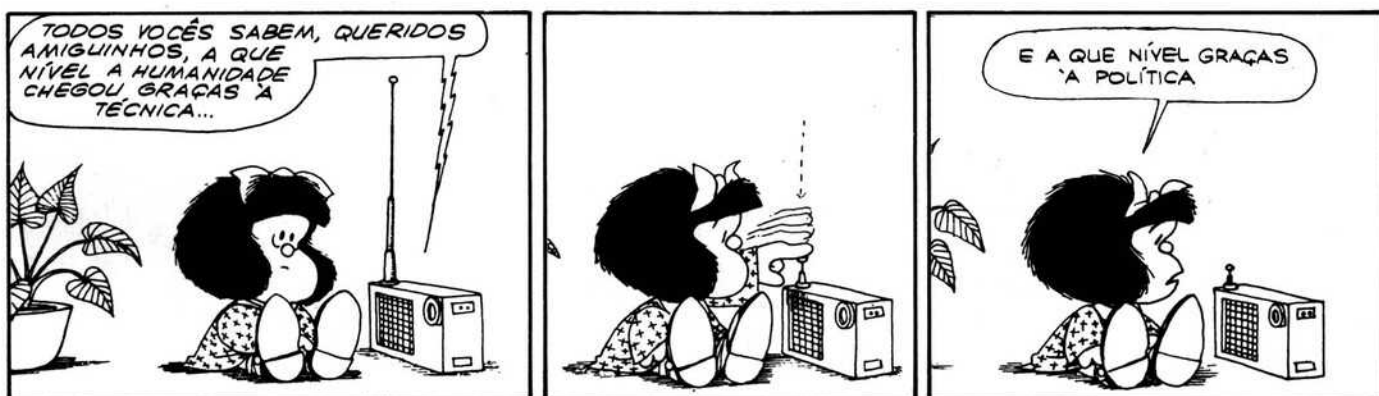


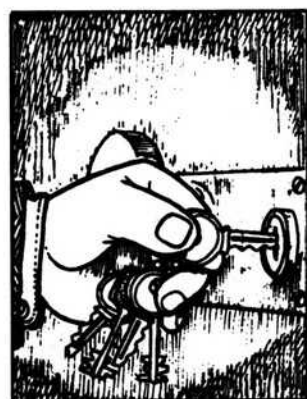
Redação
Tema: A Primavera
A primavera pega e começa no dia 21 de setembro e termina quando todos comem as compras de Natal e Ano Novo. As plantas dão folhas e muitas flores e as pessoas já pedem mais

Coca-cola e Pepsi etc. e outras bebidas e cerveja e presunto também. As lojas fecham mais tarde porque não exurese mais tamedo como no inverno que as soteniera a gente não vende mais nada e em compensarão

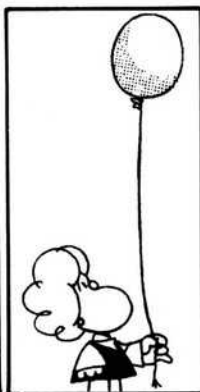
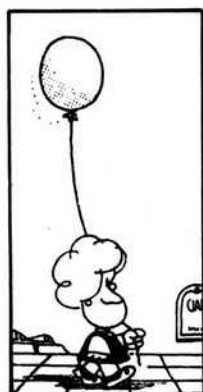
a Primavera é a melhor estarão e todos nós ficamos muitos mais contentes com a primavera com a chega da dela.
Manuel Giviroz

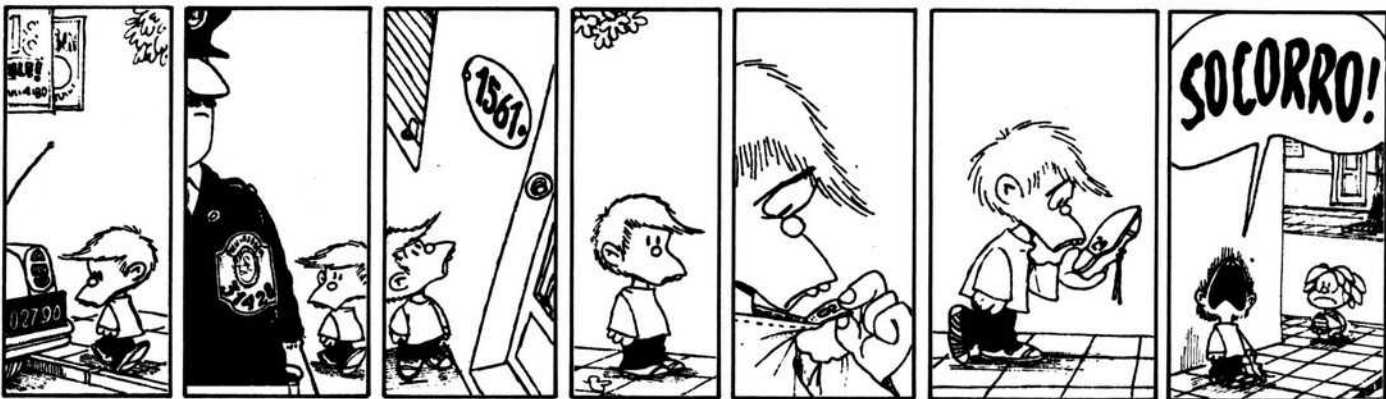
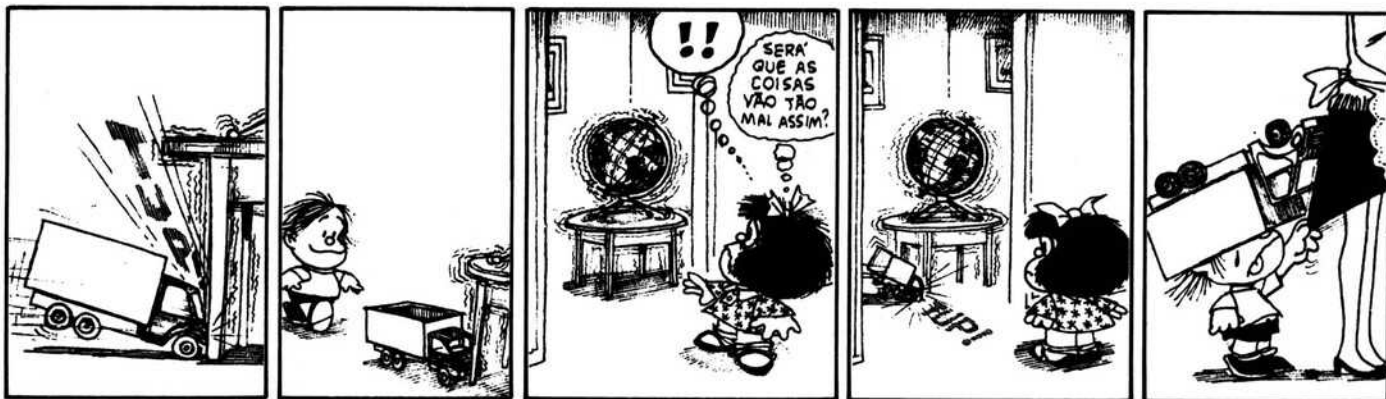








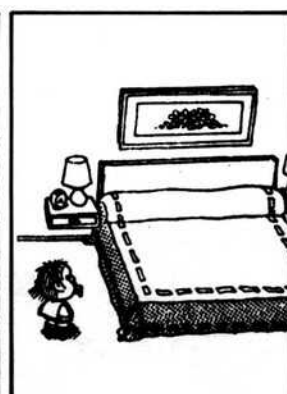
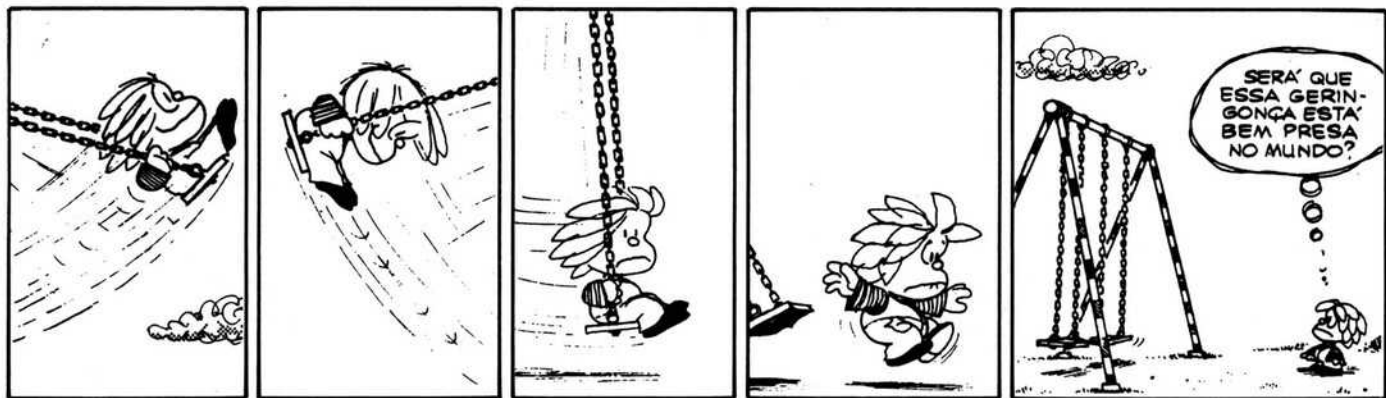




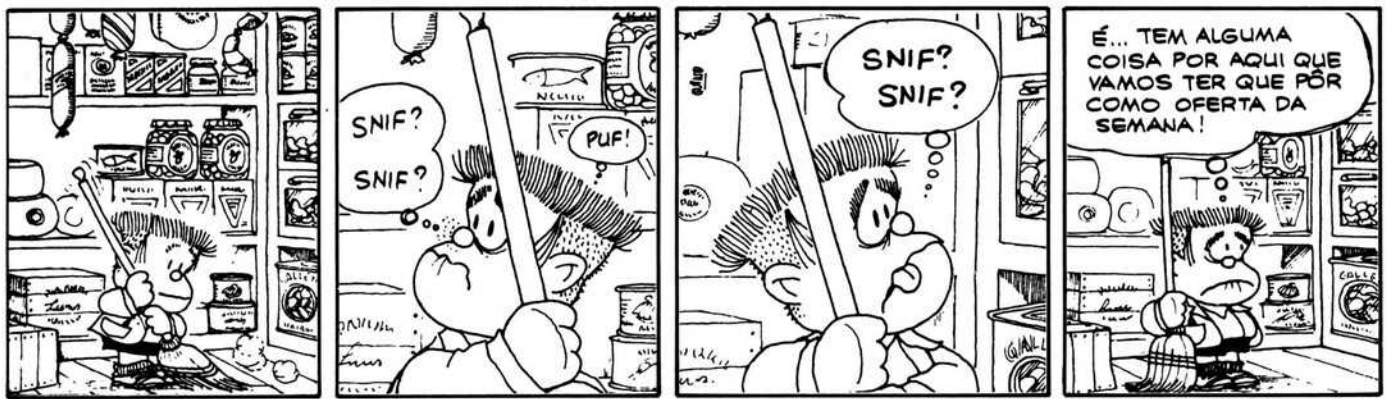




VÃO ME LEVAR PARA O CAMPO
NAS FÉRIAS. SABEM O QUE É O
CAMPO? É UMA COISA VERDE
QUE FICA MUITO LONGE









FILHOS? NÃO... IMAGINE, AINDA ESTAMOS MORANDO NUM APARTAMENTO DE UM CÔMODO SÓ



ÀS VEZES ME PERGUNTO SE A VIDA MODERNA NÃO TEM MAIS DE MODERNA DO QUE DE VIDA



EU TER FILHOS PARA CONTRIBUIR PARA A HUMANIDADE?



EU TER FILHOS PARA PERPÉTUAR A ESPÉCIE? O QUE ME IMPORTA A MINHA ESPÉCIE?



EU QUERO SER MÃE, NÃO UMA FÁBRICA DE PEGAS DE REPOSIÇÃO!



SERÁ QUE TEM COISA BOA EM ALGUM CANAL?



NADA! EM TODOS TEM TELEVISÃO



TOMA!

OBRIGADO!



CHUPETA ON THE ROCKS!! ELE FAZ A GENTE AGÜENTAR CADA COISA!



OI! VOCÊS SABEM QUE COMEÇOU O ANO NOVO?

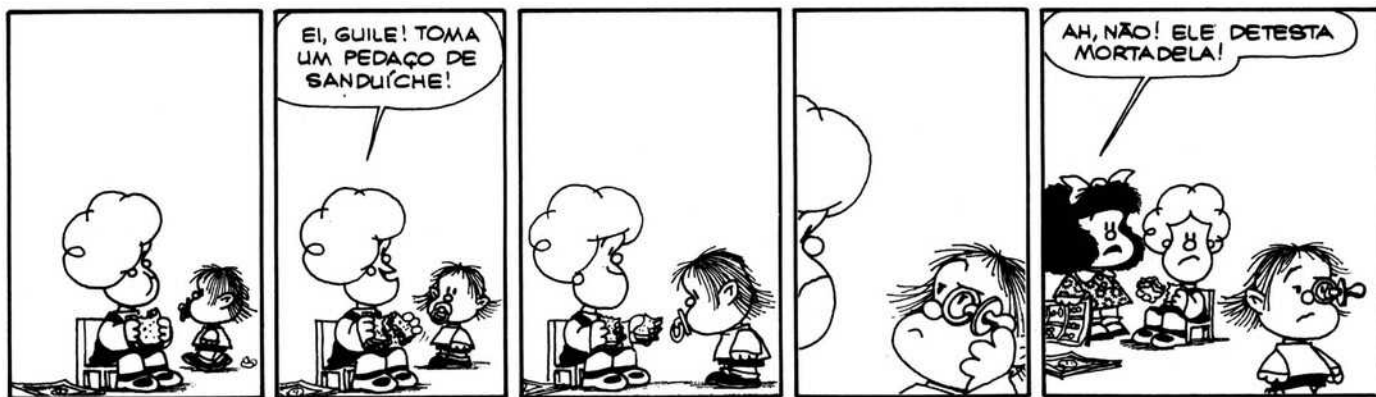


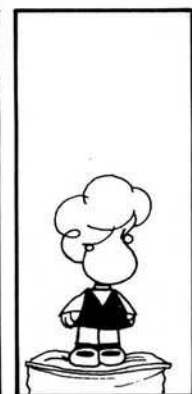
CLARO, BOBOCA! COMO É QUE NÃO ÍAMOS SABER?



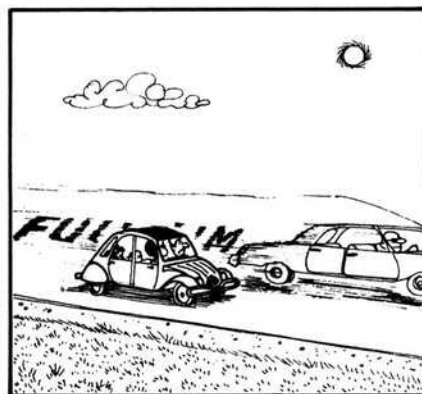
A NOTÍCIA CORREU COMO UM RASTRO DE PÓLVORA!



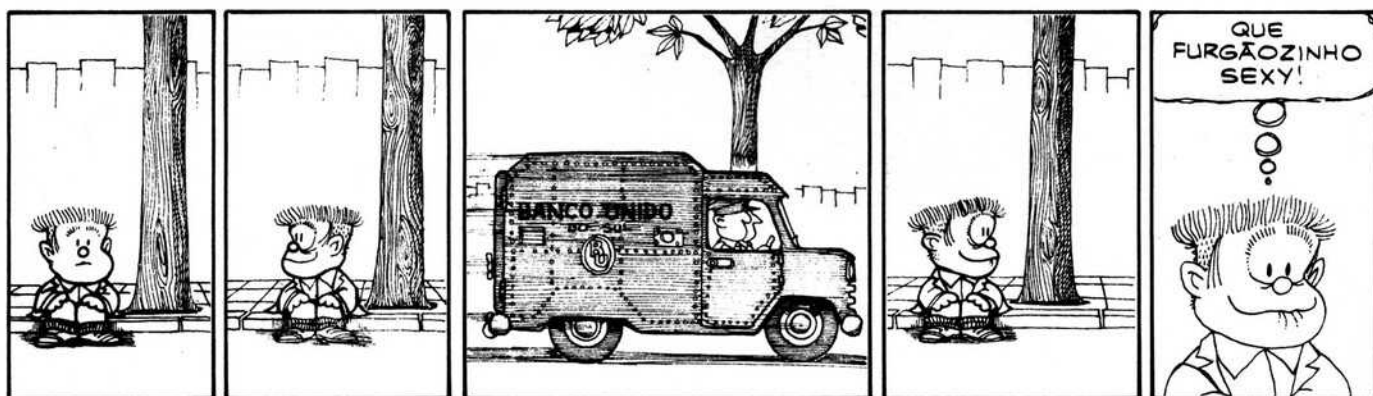
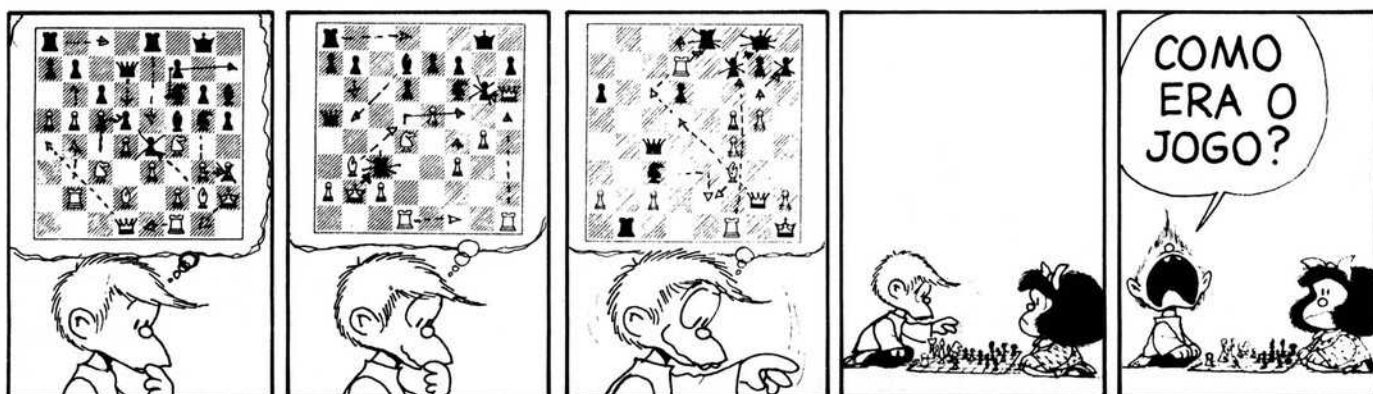




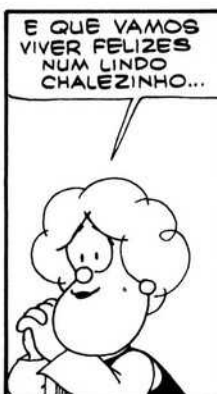
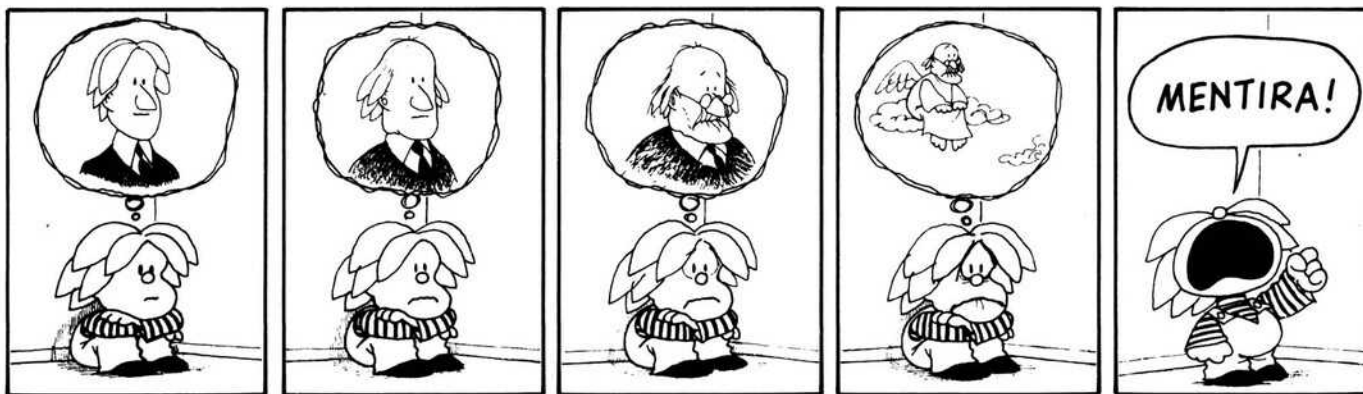


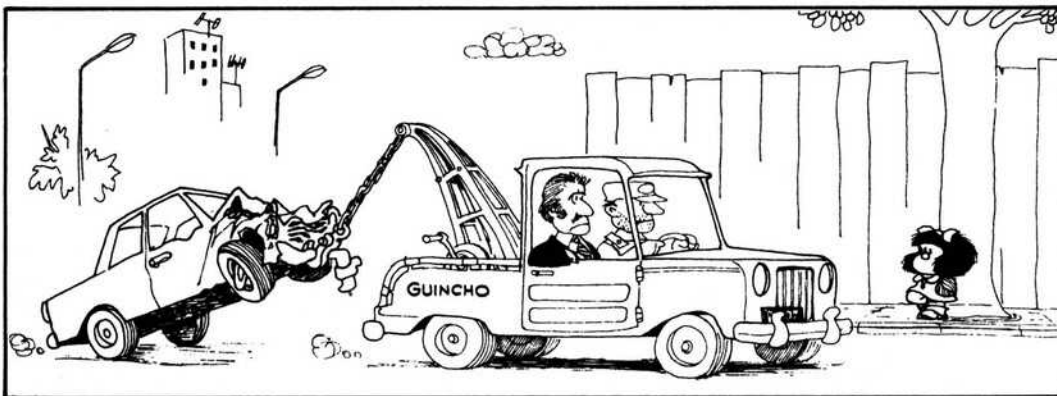


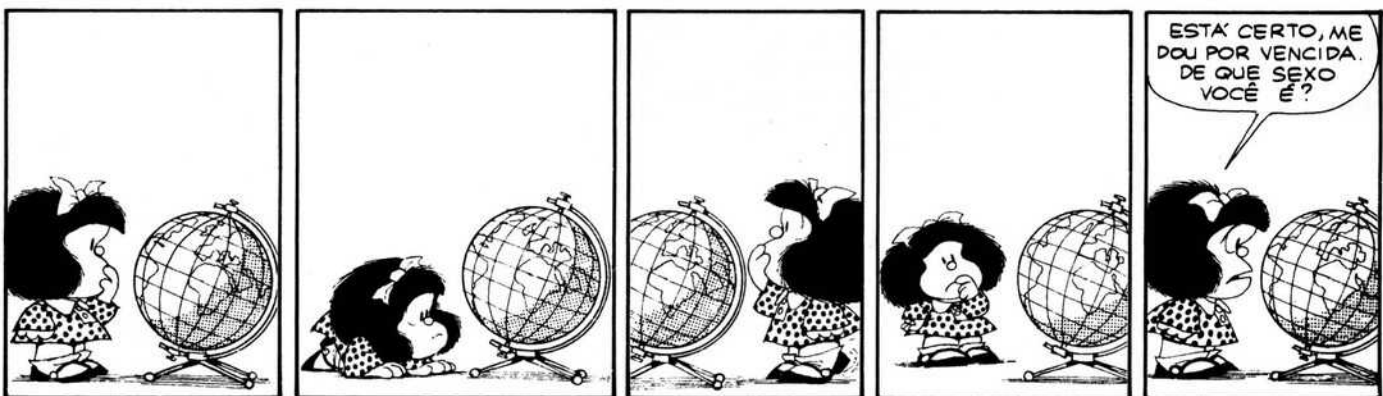


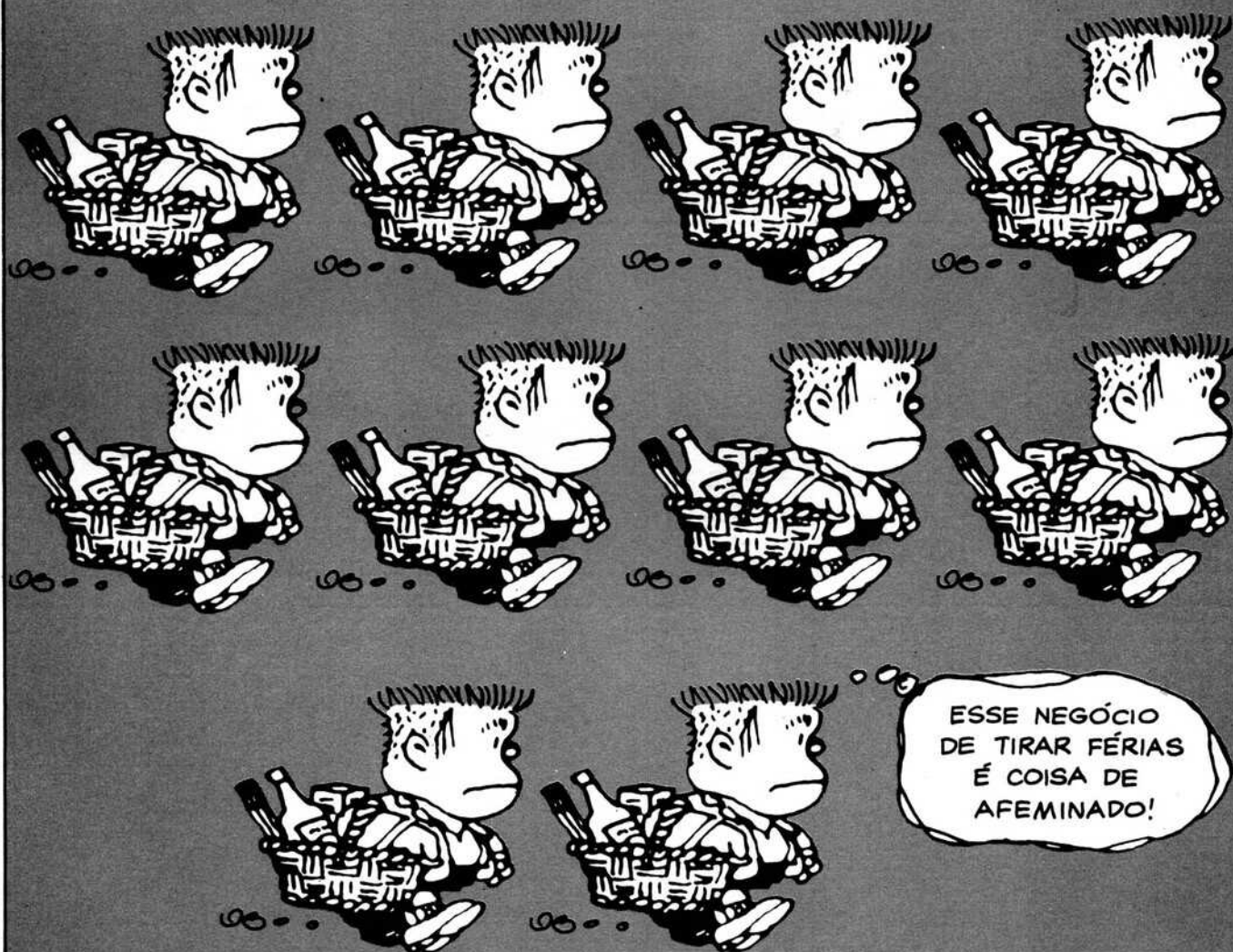




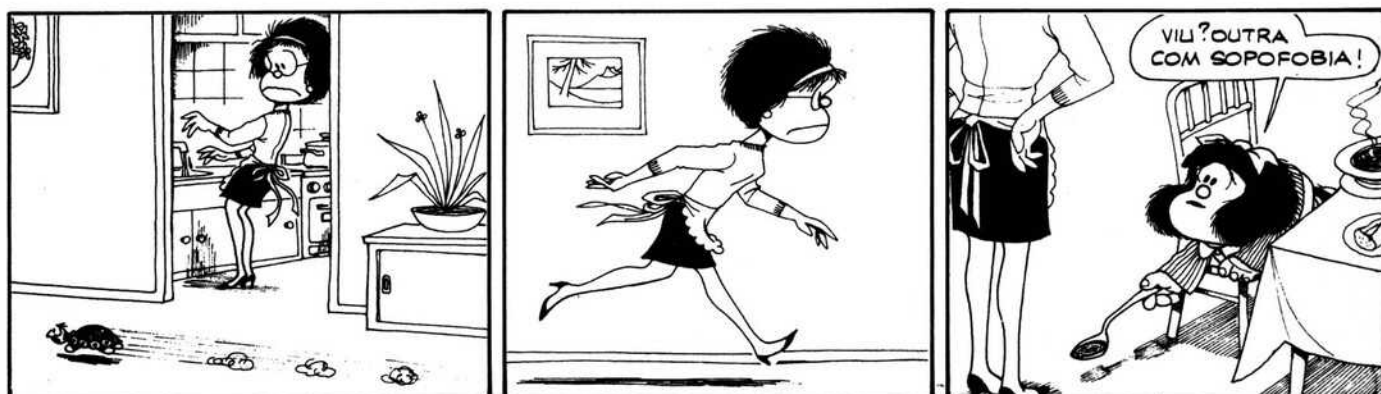


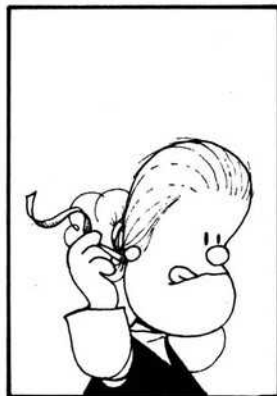


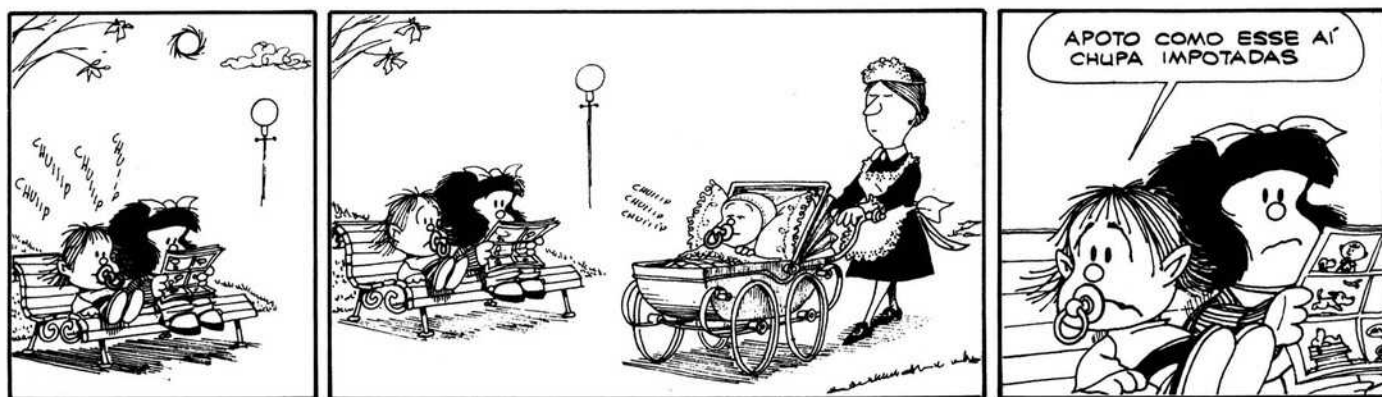




ESSE NEGÓCIO
DE TIRAR FÉRIAS
É COISA DE
AFEMINADO!

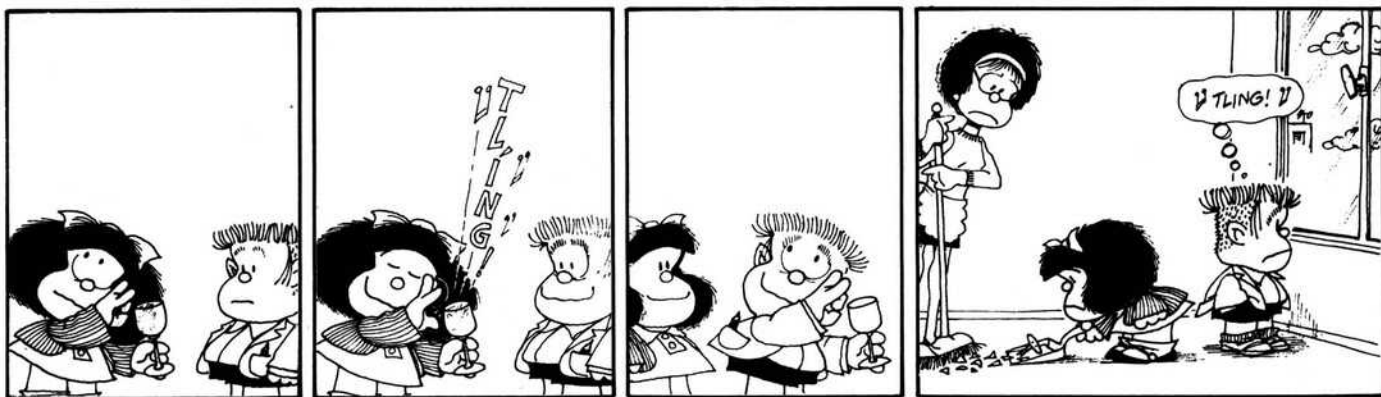


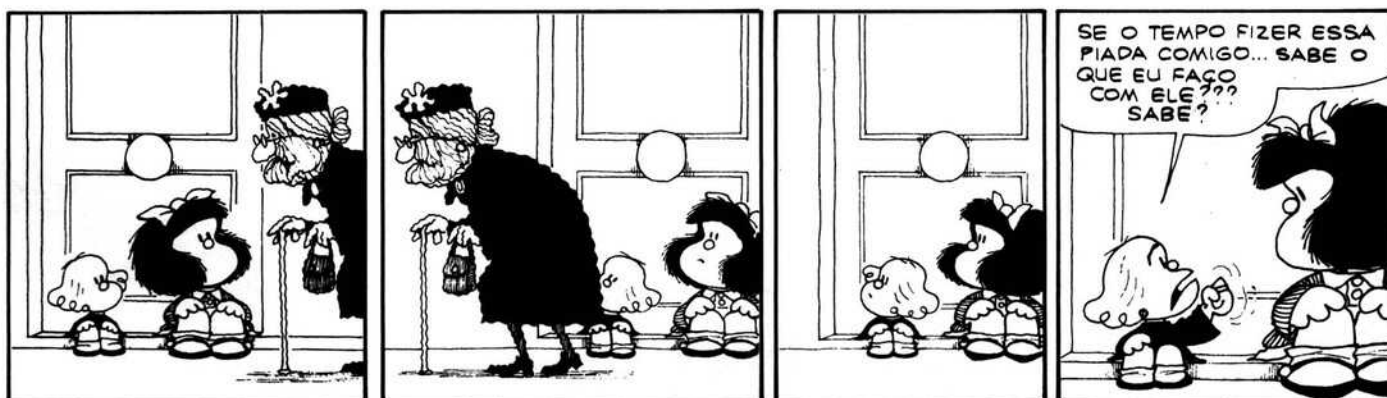


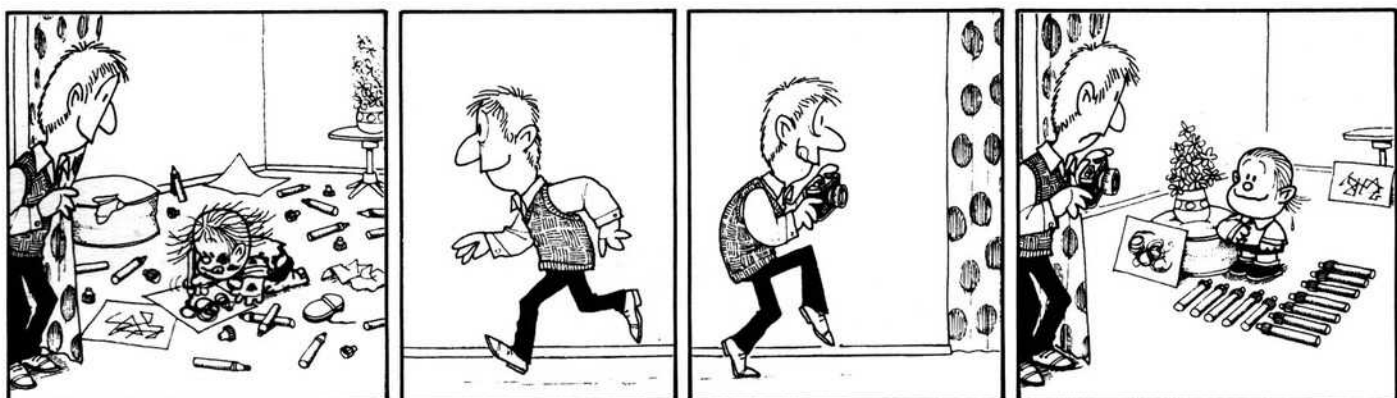
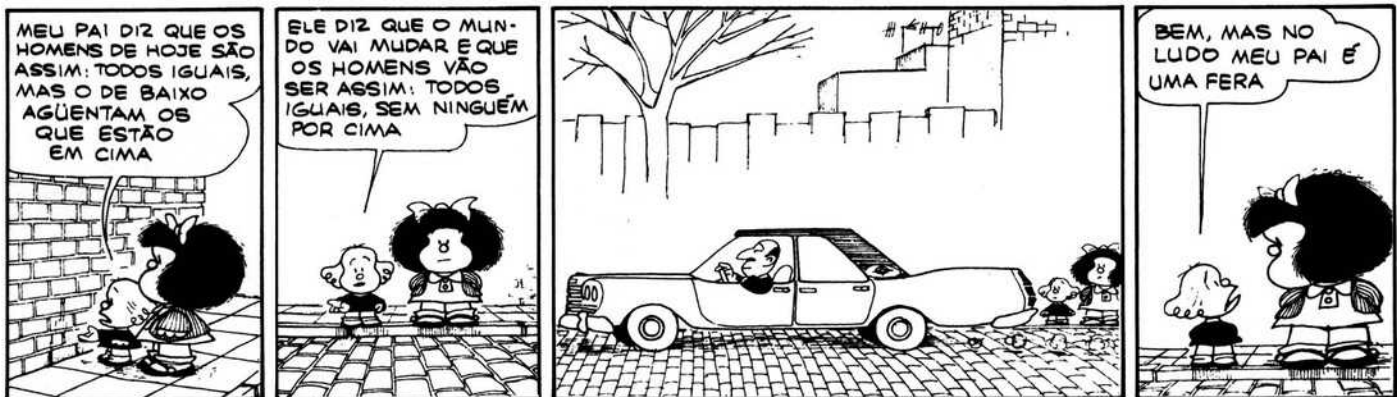




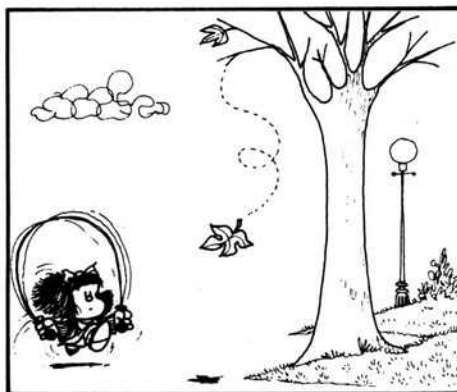






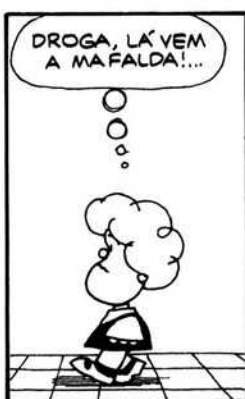






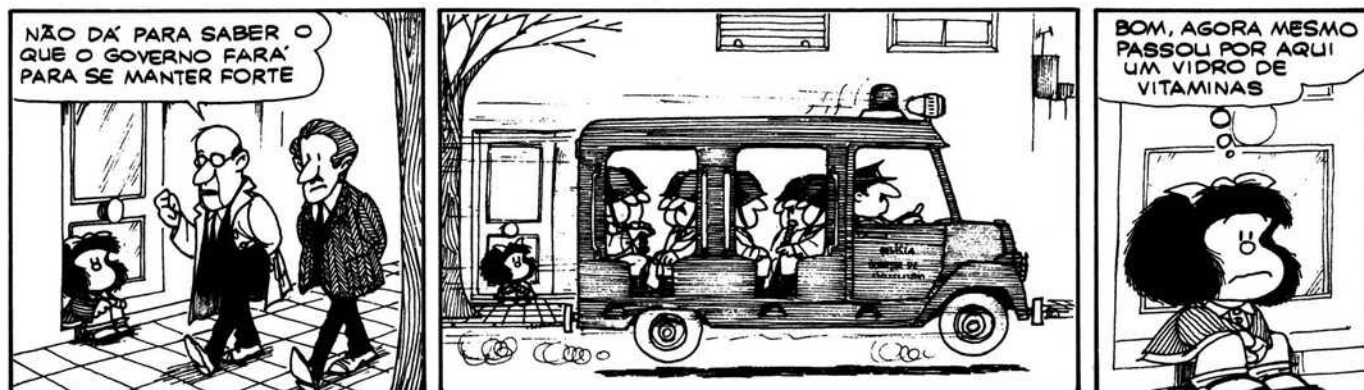




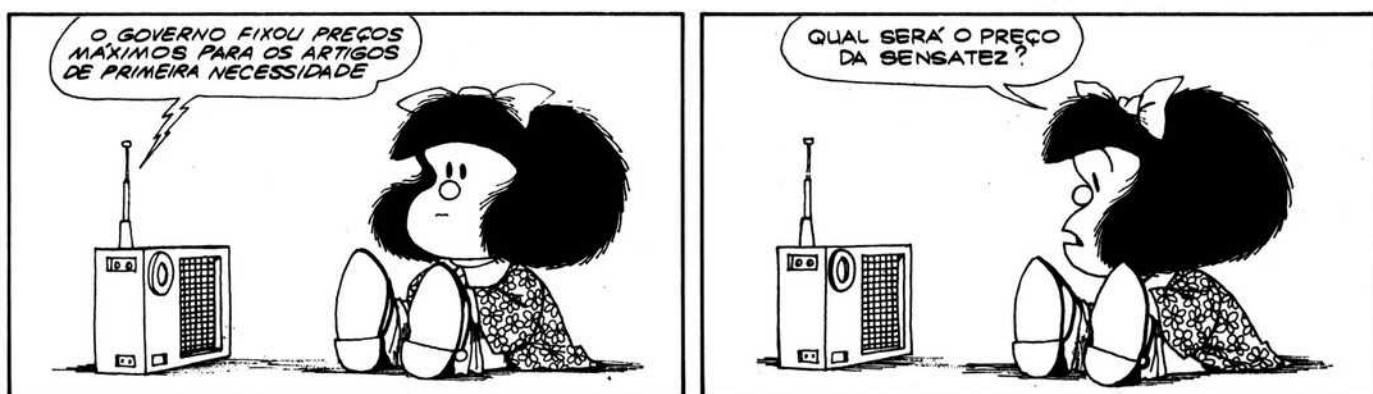
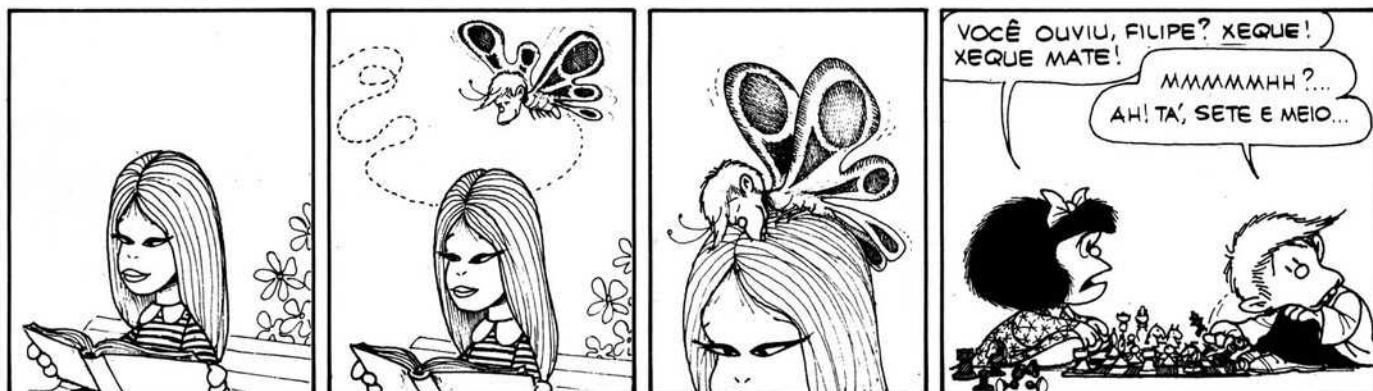


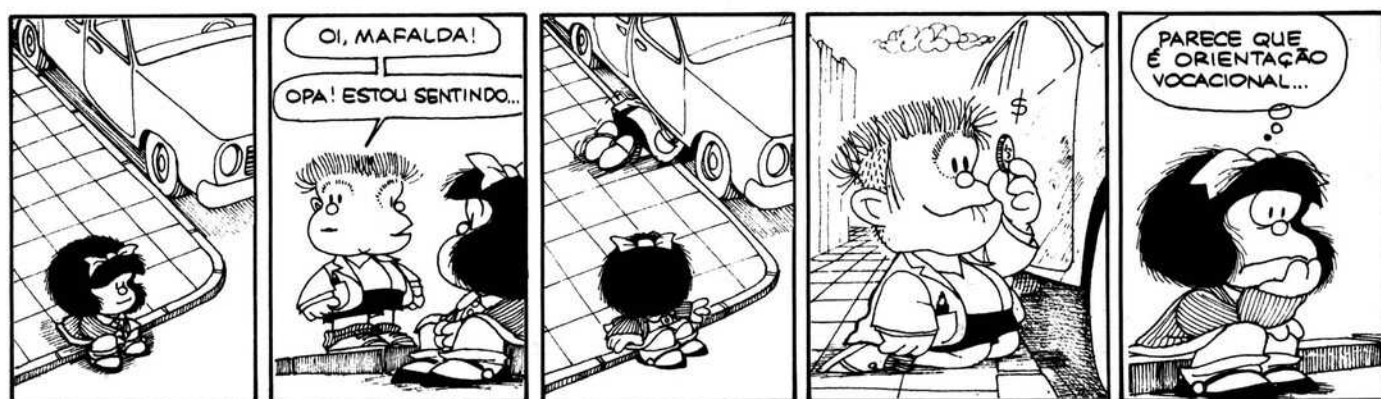


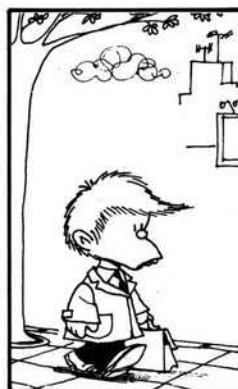
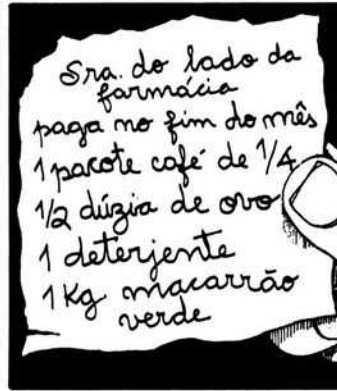
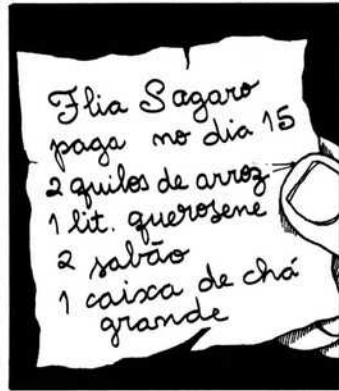
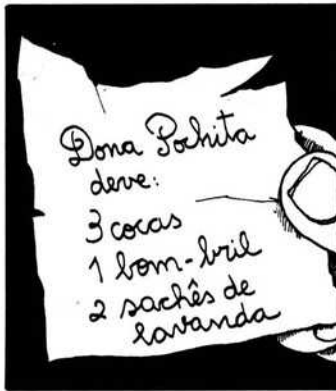


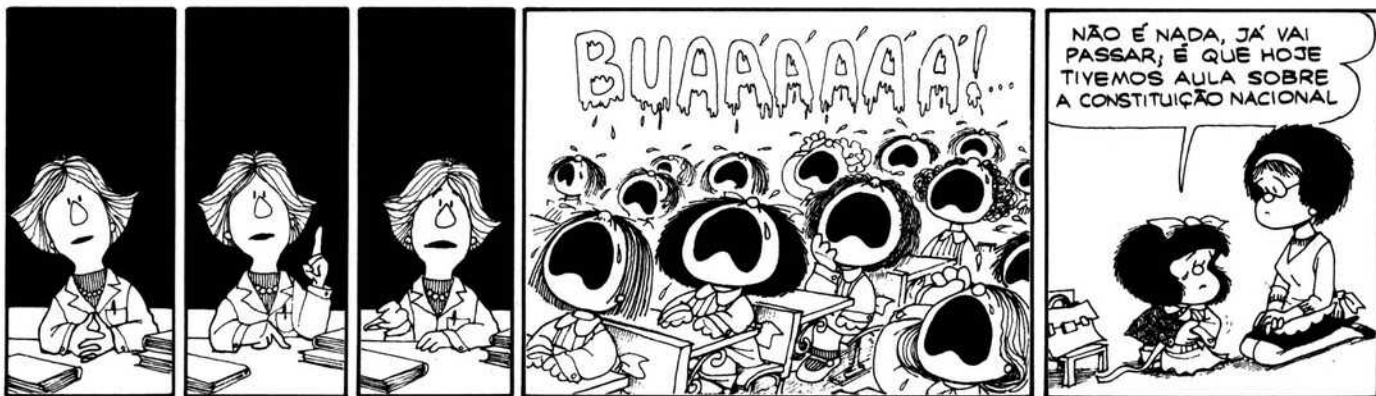




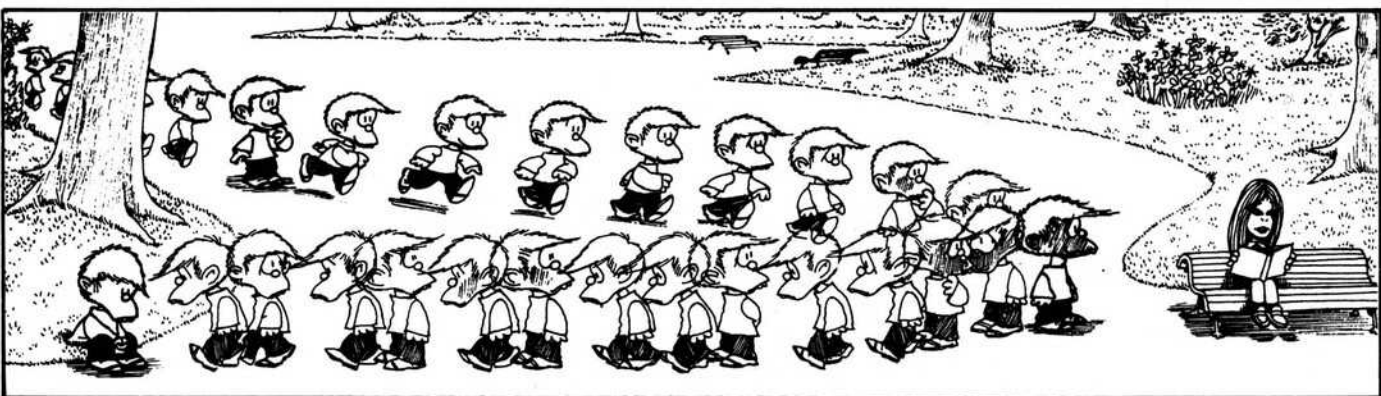




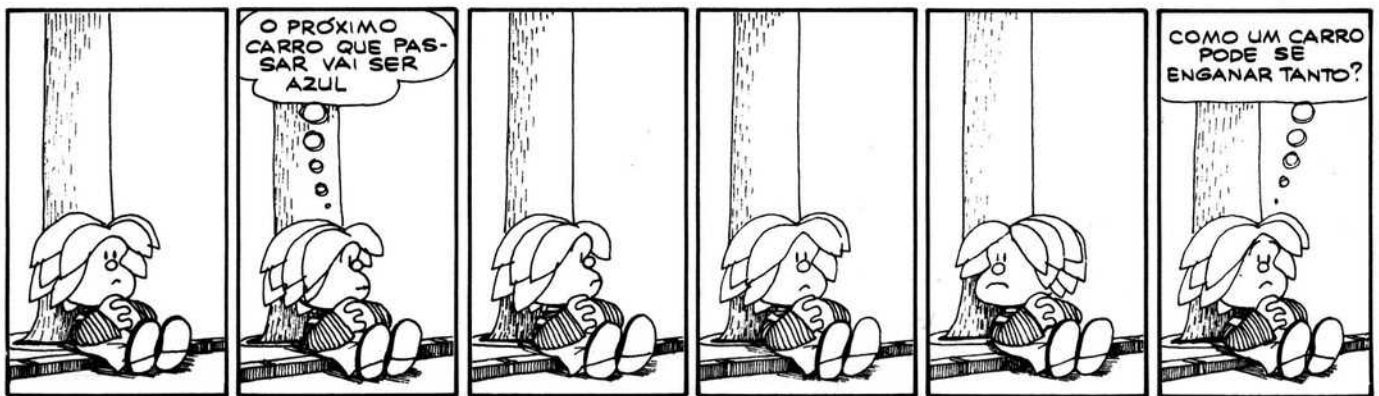




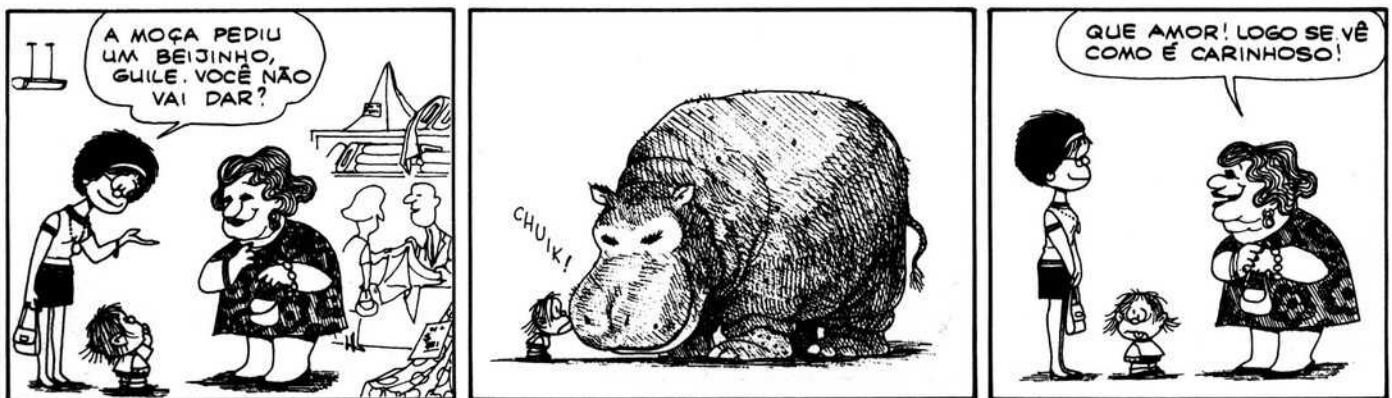




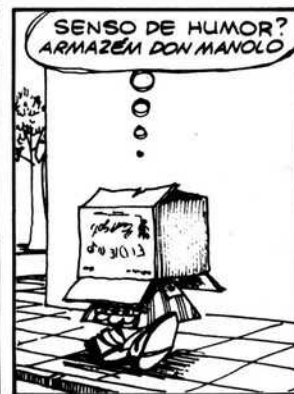




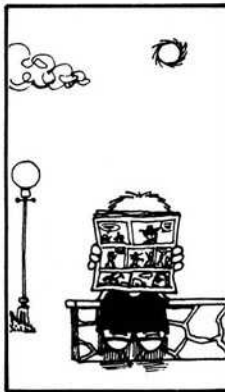


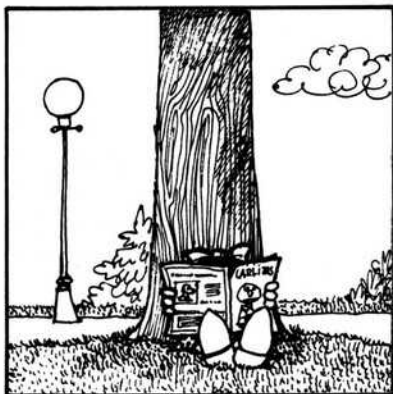




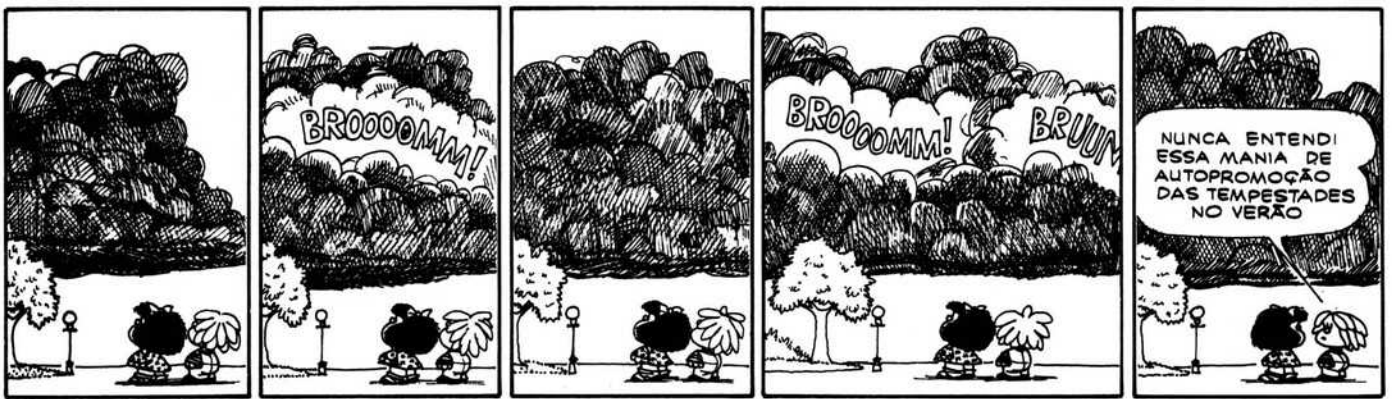




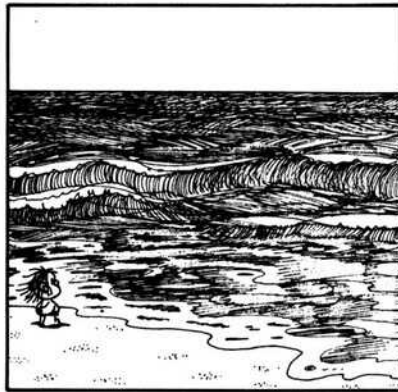
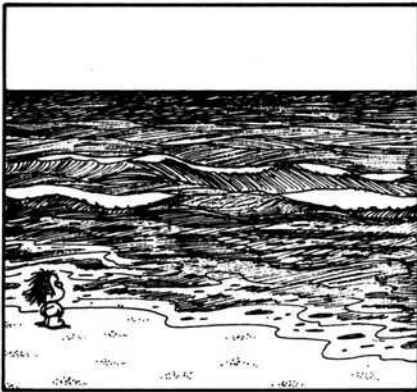




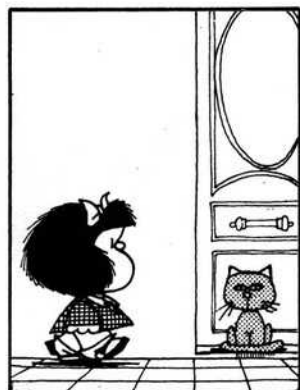




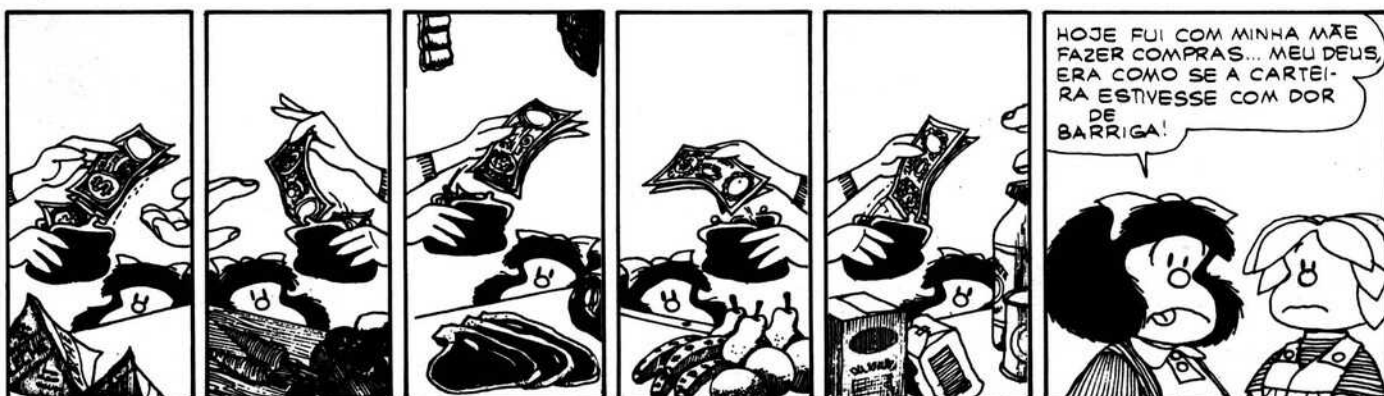






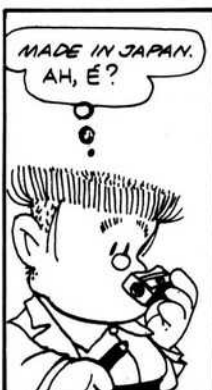


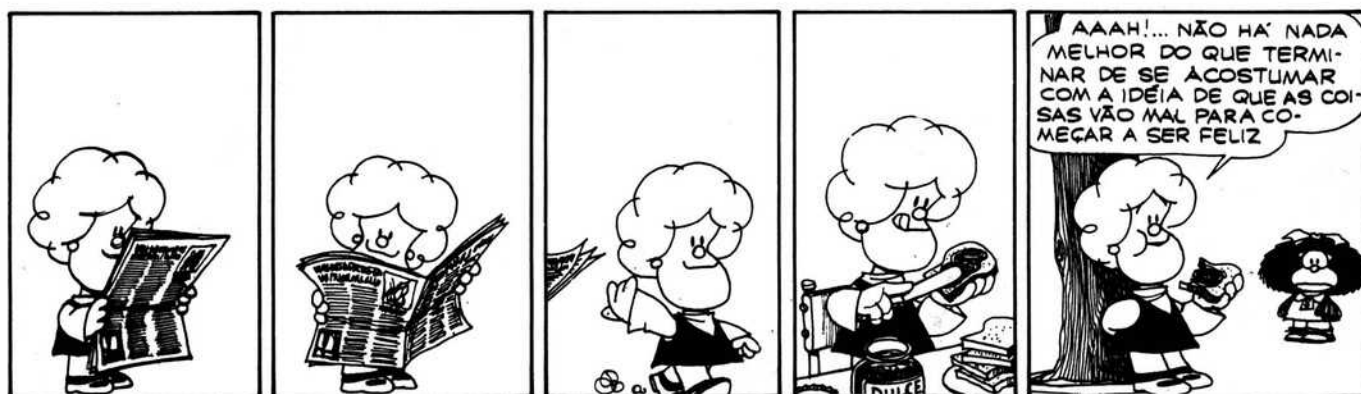






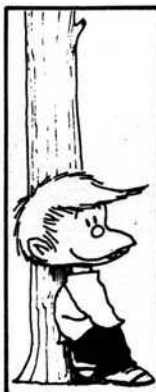




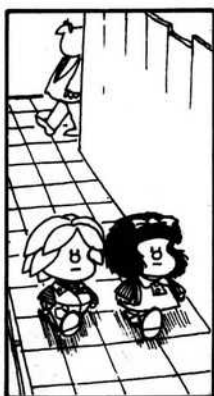
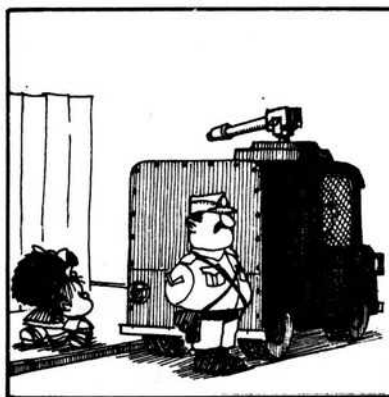


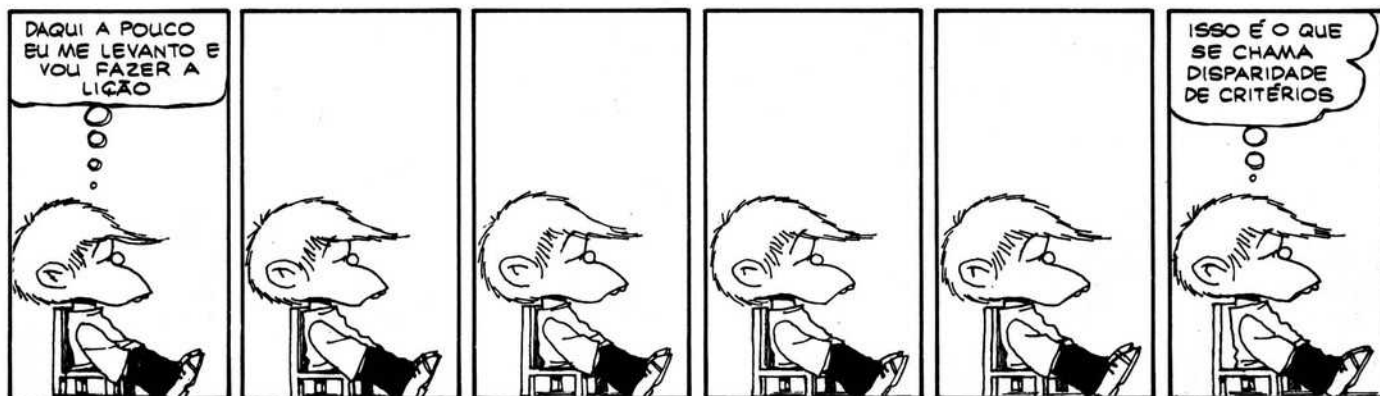
O PROBLEMA DE NASCER
DE UM OVO, É QUE É SÓ
PASSAR UM CARECA E O
ÉDIPO DESPERTA!









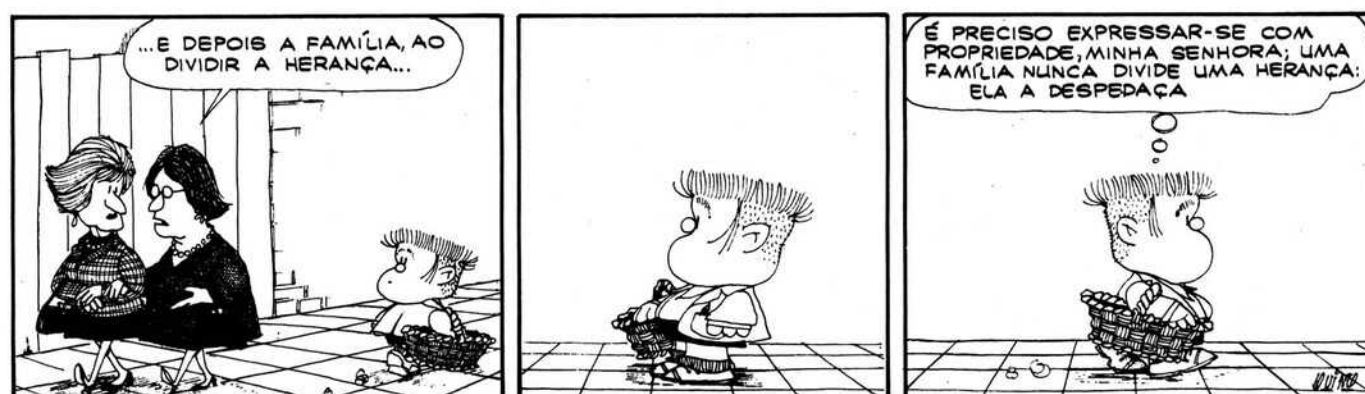


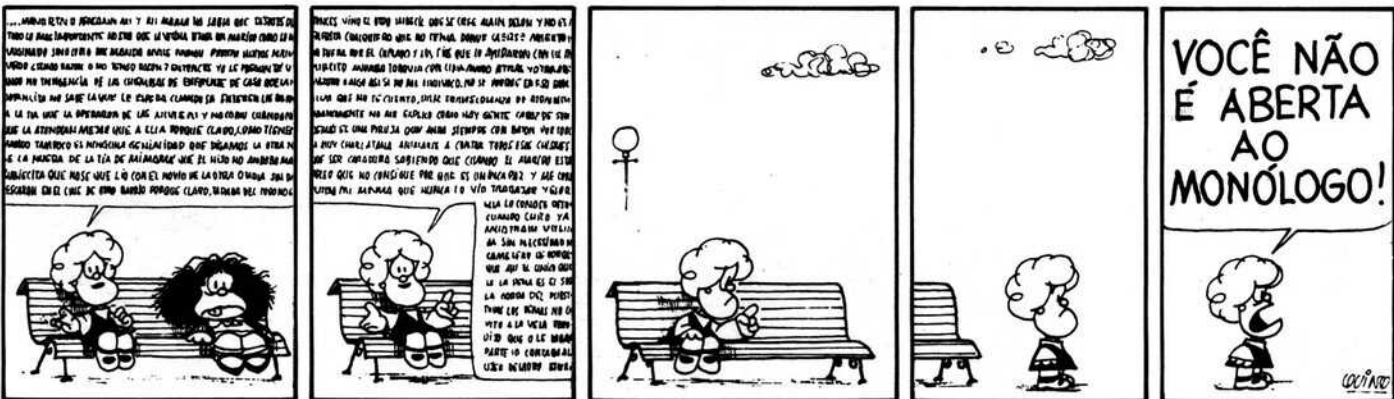
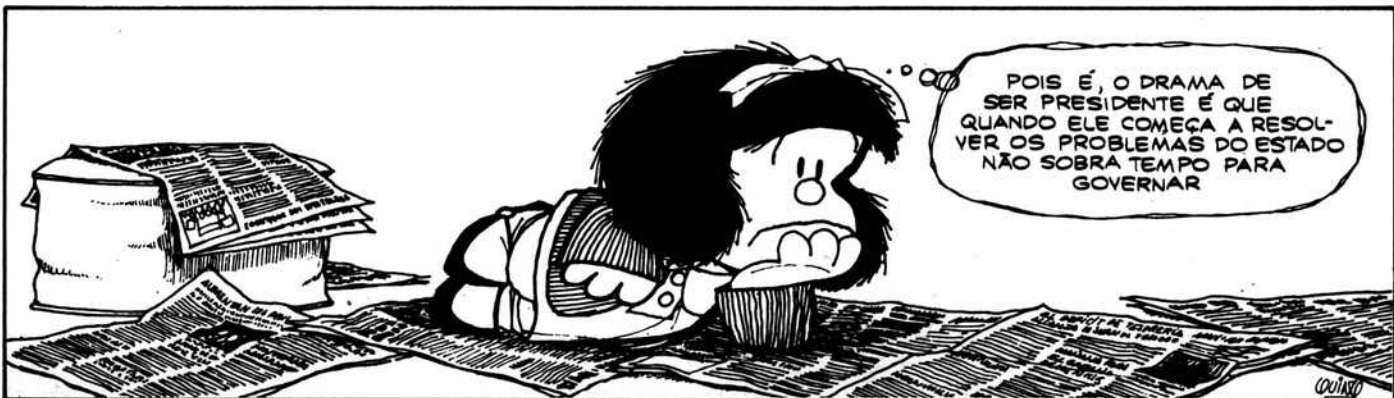














JÁ QUE NÃO CONSEGUIMOS
AMAR-NOS UNS AOS OUTROS,
POR QUE NÃO TENTAMOS
AMAR-NOS OUTROS AOS UNS?









A GENTE PROTAGONIZA UMA BIRRA EM CASA E OS PAIS FAZEM UM ESCÂNDALO, DÃO BRONCA, GRITAM, AMEAÇAM E NÃO SEI O QUE MAIS

MAS DEPOIS SAEM POR AÍ CONTANDO TUDO, MUITO DIVERSOS

É JUSTO UM PAR DE INCOERENTES FICAREM DESVALORIZANDO NA FRENTE DE TODO O MUNDO UMA BIRRA NA QUAL A GENTE COLOCOU TANTO EMPENHO?

E O PASTOR QUE CUIDA DE VOCÊS É CASADO? TEM FILHOS? É A MULHER DELE? COMO ELES SE TRATAM? E COMO TRATAM VOCÊS? A MODA DO MANOLITO, NÃO É? OU TRATAM BEM? SÁBIAM QUE NA ESCOLA SEMPRE FALAM DE VOCÊS POR CAUSA DA LÉ E TUDO O MAIS CLARO, MINHA MÃE SEMPRE BORDA COM LÉ. LÉ É GENIAL, MELHOR QUE NAILON. CLARO QUE UMA NOIVA COM VÉU DE LÁ FICARIA RIDÍCULA. ALÉM DISSO, O NOIVO NÃO IA SABER COM QUEM ESTAVA CASANDO, ENQUANTO VOLTAR E MEIA ISSO ACONTECE, A NOIVA PARECE UMA COISA E DEPOIS É PULSADA COMO ACONTECEU COM O FILHO?

SE UM SER HUMANO TIVESSE FEITO ISSO, A HUMANIDADE JÁ ESTARIA SE GABANDO DE QUE O GÊNIO DO HOMEM FOI CAPAZ DE VENCER O SAPATO

NA MADRUGADA DE ONTEM, TRANSISTANDO EM GRANDE VELOCIDADE PELA AVENIDA PIRULETES, O AUTOMÓVEL CHAPA ABC123Y

VIOLÊNCIA

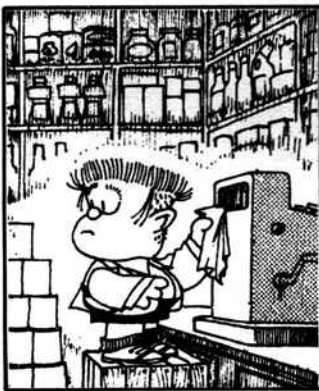
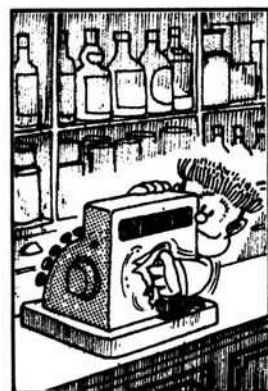
SE OS CARROS QUEREM SUICIDAR-SE, TUDO BEM; O QUE EU NÃO ENTENDO É ESSA MANIA DE QUERER SUICIDAR-SE QUANDO ESTÃO COM GENTE DENTRO

Todas As pessoas que estão por dentro

pegam e compram no Armazém Don Manolo

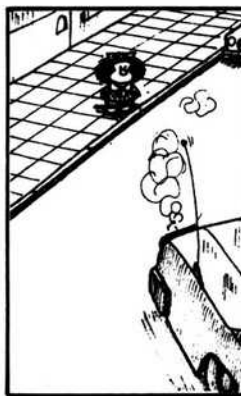
por QUÊ?

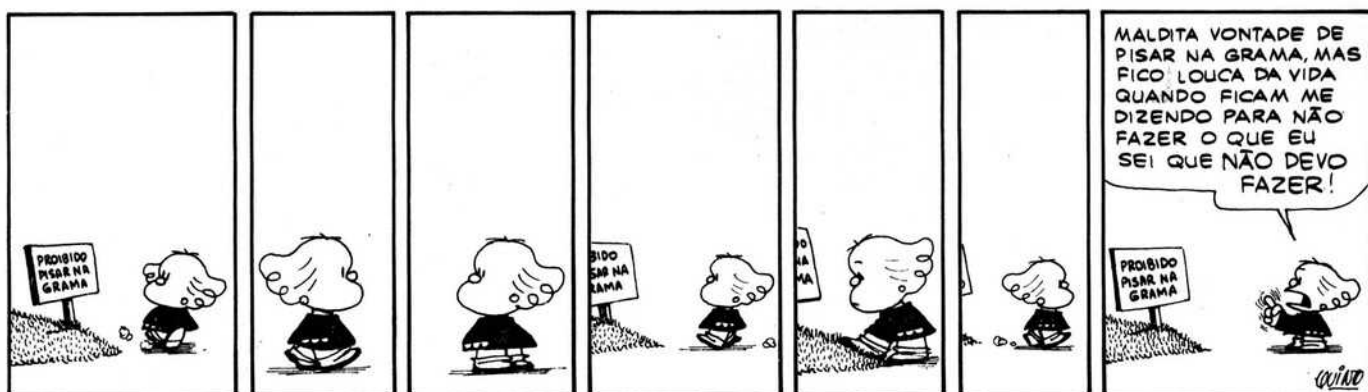
Porque só Armazém Don Manolo tem "PECHINCHING-System"



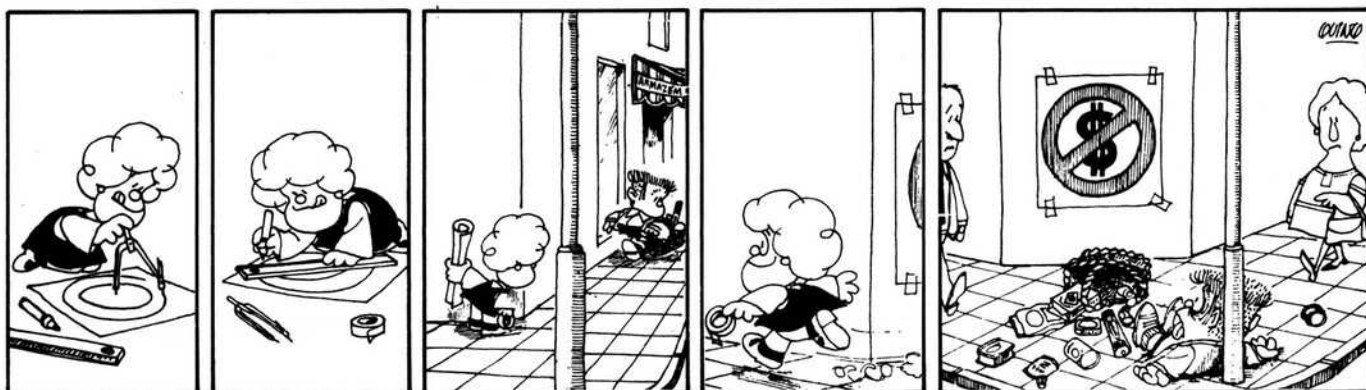
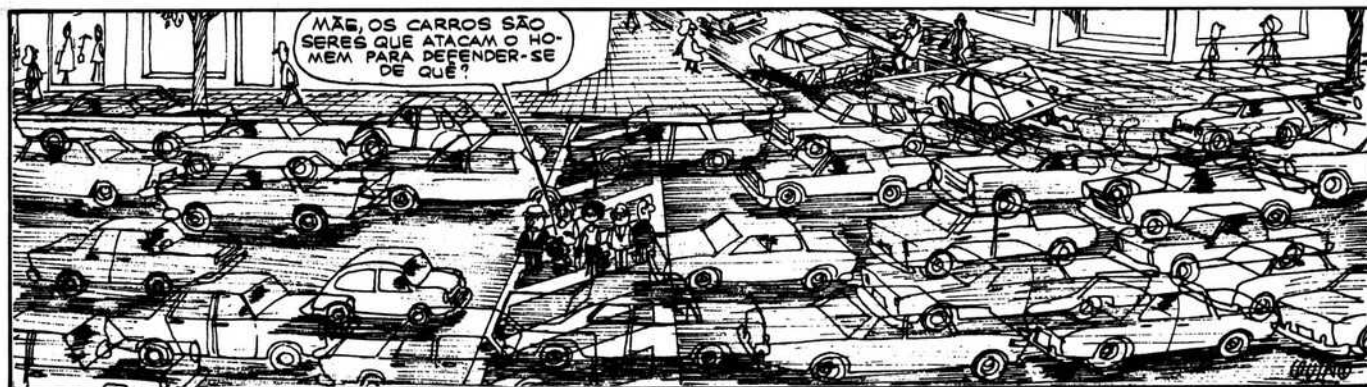


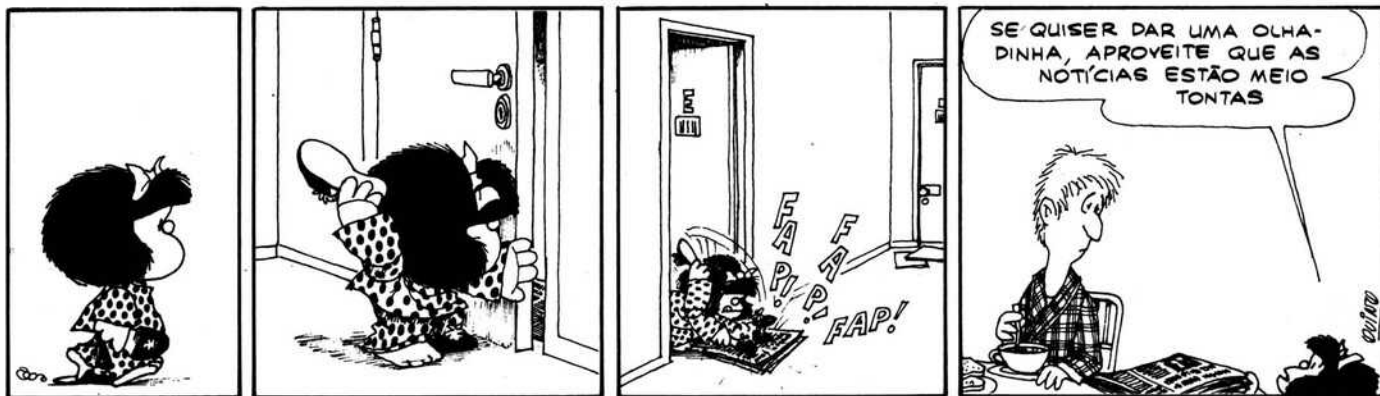






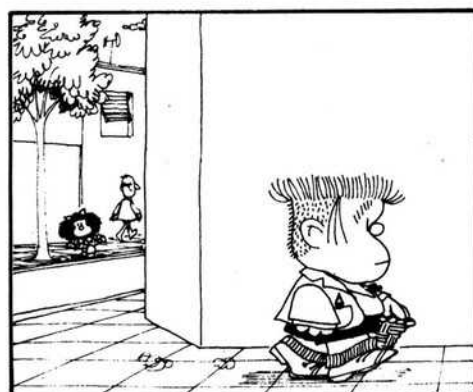






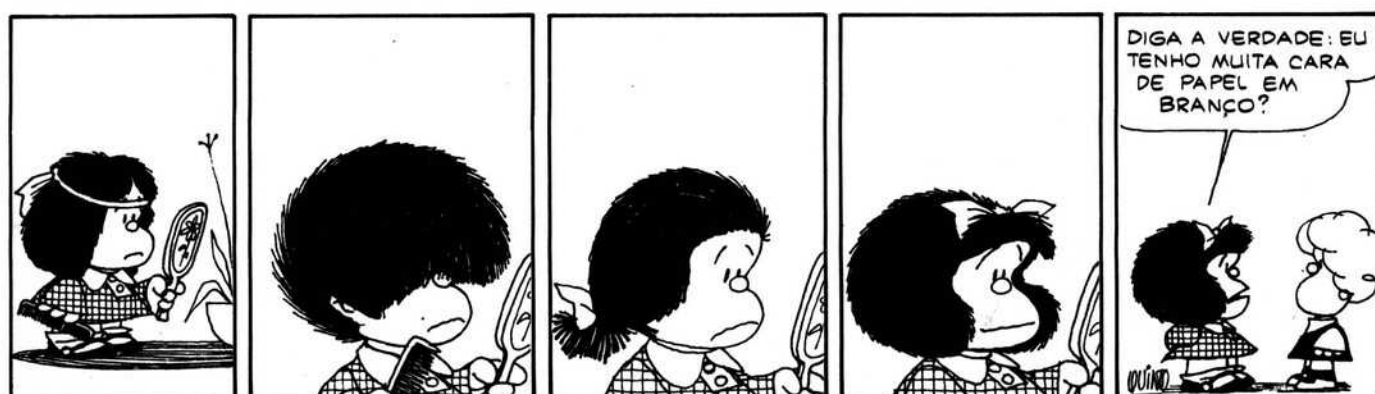




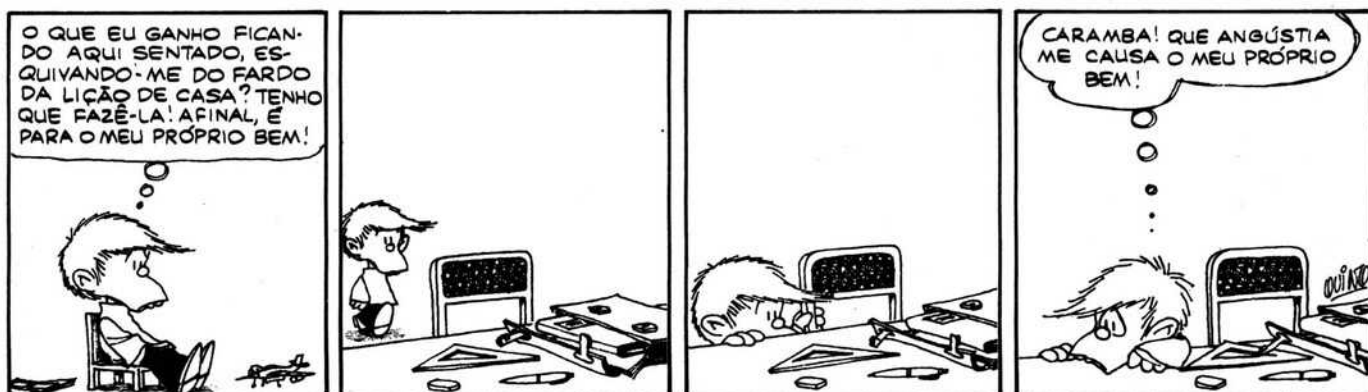


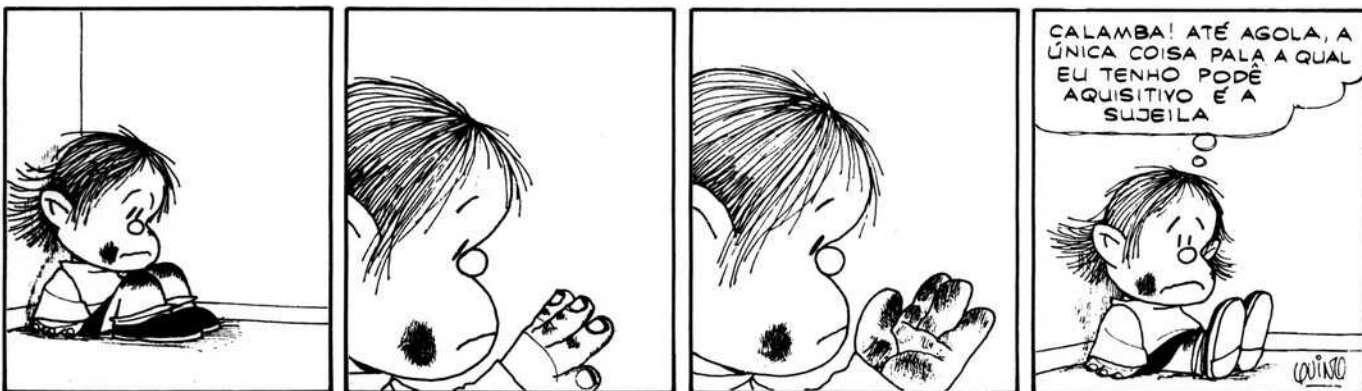


E NÃO É QUE NESTE MUNDO
TEM CADA VEZ MAIS GENTE E CADA
VEZ MENOS PESSOAS?







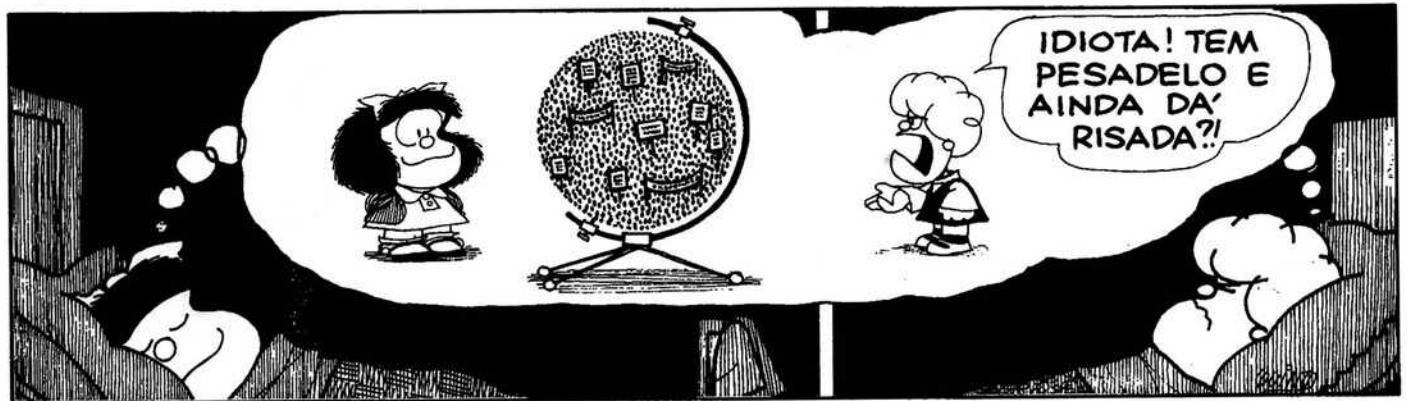
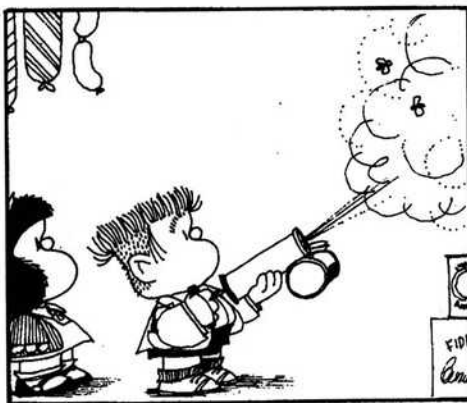


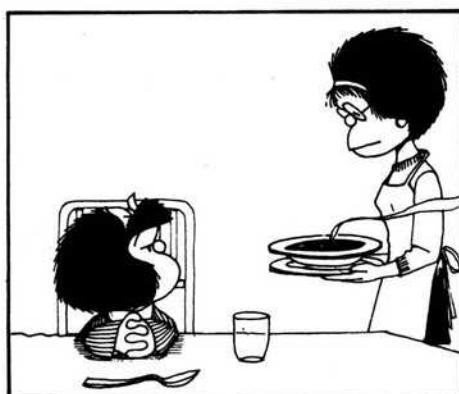
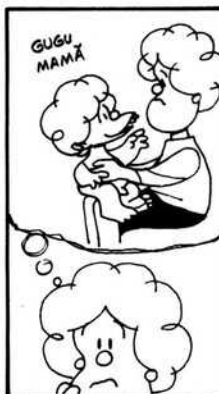
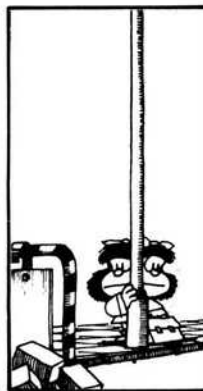












GENTE, QUE
RESPONSABILIDADE!

ESTAVA
TUDO TÃO
CALMO!

VAMO VÊ
O QUE VEM
DEPOI?



DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA
Comentada por Mafalda e seus amigos para a UNICEF



1

A criança deve usufruir de todos os direitos enunciados na presente declaração. Estes devem ser reconhecidos como direitos de todas as crianças, sem exceção, sem distinções ou discriminações determinadas por raça, cor, sexo, língua, religião, opiniões políticas ou de outro tipo, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento, ou por qualquer outra condição relativa à criança ou à sua família.



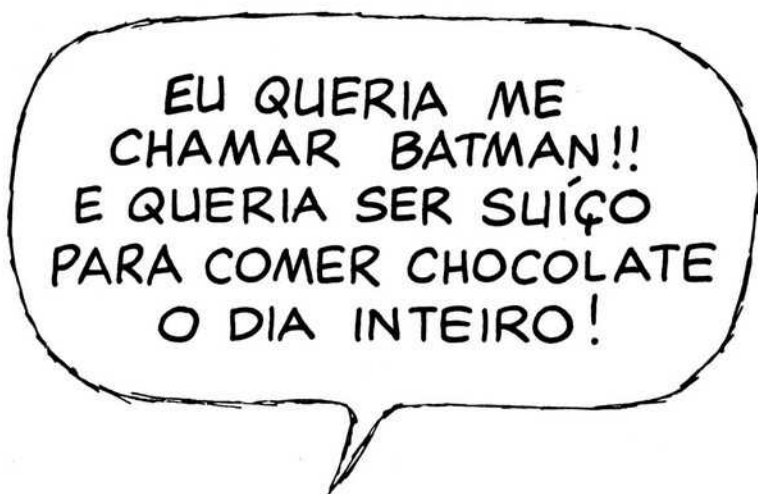
2

A criança deve gozar de proteção especial; disposições legislativas ou outros procedimentos devem lhe oferecer condições e oportunidades de se desenvolver de maneira sadia e normal nos planos físico, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. O interesse superior da criança deve ser decisivo na aprovação de leis relativas a este fim.



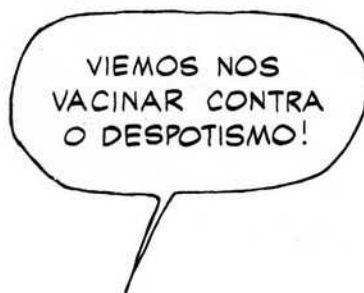
3

Assim que nasce, a criança tem direito a um nome e a uma nacionalidade.



4

A criança tem direito à segurança social. Para que possa crescer e se desenvolver sadiamente, deve-se assegurar a ela e à sua mãe auxílio e proteção especiais e, particularmente, assistência pré e pós-natal adequada. A criança tem direito a alimentação, moradia, diversão e aos cuidados médicos necessários.



5

A criança com deficiência física ou mental ou socialmente desfavorecida tem direito a tratamento, à instrução e aos cuidados especiais exigidos pelo seu estado ou condição.



6

Para que sua personalidade se desenvolva de maneira harmoniosa, a criança precisa de amor e compreensão. Na medida do possível, ela deve crescer sob a custódia dos pais ou, caso contrário, numa atmosfera de carinho e segurança moral e material; na primeira infância, salvo em casos excepcionais, não se deve separá-la da mãe. A sociedade e as autoridades competentes têm o dever de se dedicar especialmente às crianças sem família e às que não têm meios suficientes de subsistência. É desejável assegurar às famílias numerosas subsídios estatais ou de outro gênero para o sustento das crianças.



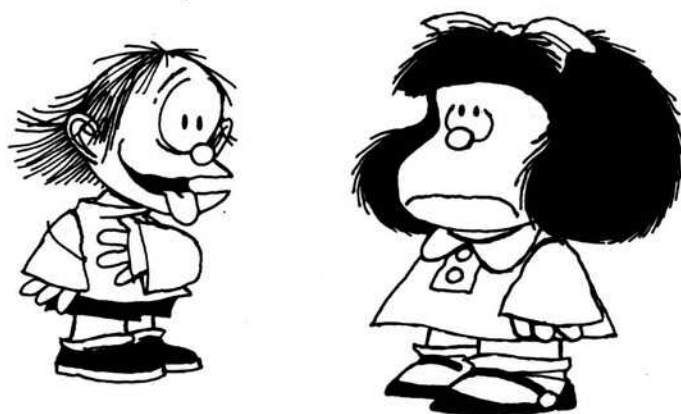
7

A criança tem direito a instrução gratuita e obrigatória, pelo menos no nível elementar. Esta deve contribuir para a sua formação geral e permitir, em pé de igualdade com os outros, que desenvolva os seus dotes, o seu espírito crítico, a sua consciência das responsabilidades morais ou sociais, e que se torne um membro útil da sociedade. O interesse superior da criança deve guiar os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe em primeiro lugar aos seus pais. A criança deve ter todas as possibilidades de se dedicar aos jogos e atividades relacionados com os fins a que se propõe a sua educação; a sociedade e as autoridades públicas devem se empenhar no cumprimento deste direito.



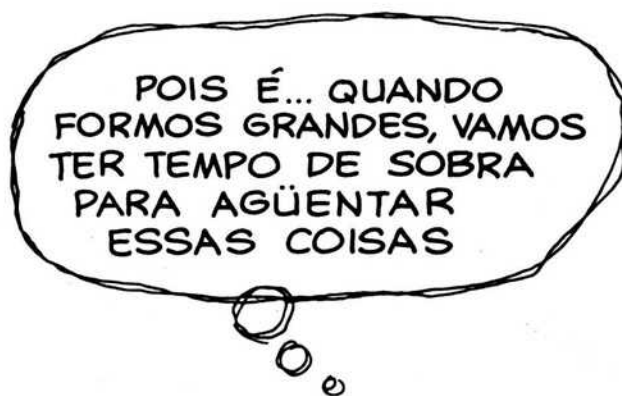
8

A criança, sob quaisquer circunstâncias, deve ser a primeira a receber proteção e socorro.



9

A criança deve receber proteção contra todas as formas de negligência, crueldade e exploração. Ela não deve ser objeto de qualquer forma de tráfico. A criança não deve trabalhar antes de atingir uma idade mínima adequada; em hipótese alguma ela deve ser constrangida ou autorizada a aceitar um emprego que prejudique a sua saúde ou a sua educação, ou que dificulte o seu desenvolvimento físico, mental ou moral.



10

A criança deve ser protegida contra atitudes ou influências que possam induzi-la a qualquer forma de discriminação racial, religiosa ou de outro gênero. Ela deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância, amizade para com todos os povos, paz e fraternidade universal, e na consciência de que deverá colocar a sua energia e o seu talento a serviço do próximo.

E VAMOS TRATAR DE RESPEITAR ESSES DIREITOS, TK? VAMOS VER SE NÃO FAZEM COM ELES O QUE FIZERAM COM OS DEZ MANDAMENTOS





Cromosete

Gráfica e editora Ltda.

Impressão e acabamento
Rua Uniland, 307 - Vila Ema
03283-000 - São Paulo - SP
Tel/Fax: (011) 6104-1176
Email: adm@cromosete.com.br

toda MAFALDA

"Mafalda não é apenas um novo personagem das histórias em quadrinhos: é o personagem dos anos sessenta. Se para defini-la usamos o adjetivo 'contestadora' não foi para seguirmos a qualquer preço a moda do anticonformismo: Mafalda é realmente uma heroína 'enraivecida' que recusa o mundo tal como ele é [...]"

Na verdade, Mafalda tem ideias confusas em questão de política. Não consegue entender o que acontece no Vietnã, não sabe por que existem pobres, desconfia do Estado e tem receio dos chineses. De uma coisa ela tem certeza: não está satisfeita.

À sua volta, uma pequena corte de personagens mais 'unidimensionais': Manolito, o menino plenamente integrado num capitalismo de bairro; Filipe, o sonhador tranquilo; Susanita, perdida em sonhos pequeno-burgueses. E, depois, os pais de Mafalda, resignados, vencidos pelo tremendo destino que fez deles os guardiões da Contestadora [...]"

[...] Já que nossos filhos vão se tornar – por escolha nossa – outras tantas Mafaldas, será prudente tratarmos Mafalda com o respeito que merece um personagem real."

Umberto Eco



martins fontes
selo martins